



UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
SUPERINTENDÊNCIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

JOANA D'ARC SILVA SANTOS

**O ENVELHECER PARA EDUCADORAS IDOSAS
(APOSENTADAS): TRAJETÓRIAS E SENTIDO DA VIDA**

Salvador
2015

JOANA D'ARC SILVA SANTOS

**O ENVELHECER PARA EDUCADORAS IDOSAS
(APOSENTADAS): TRAJETÓRIAS E SENTIDO DA VIDA**

Dissertação apresentada ao Mestrado em
Família na Sociedade Contemporânea da
Universidade Católica do Salvador- UCSAL
como requisito parcial para o grau de mestre.

Orientadora Profa. Dra. Ana Cecília de Souza
Bittencourt Bastos.

**Salvador
2015**

TERMO DE APROVAÇÃO

Joana D'Arc Silva Santos

“O envelhecer para educadoras idosas (aposentadas): trajetórias e sentido da vida”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 28 de novembro de 2015.

Banca Examinadora:



Profª Drª Ana Cecília de Sousa Bastos – UCSal
Orientador (a)



Profª Drª Lilian Perdigoão Caixeta Reis – UFV.



Prof. Dr. Miguel Mahfoud - UFMG

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.

S237 Santos, Joana D'Arc Silva.
O envelhecer para educadoras idosas (aposentadas): trajetórias e sentido da vida/Joana D'Arc Silva Santos. – Salvador, 2015.
157 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Ana Cecília de Souza Bittencourt Bastos.

1. Educador - Idoso 2. Família 3. Identidade profissional - Docente
4. Psicologia Cultural de base semiótica 5. Sentido da vida - Inteireza existencial
I. Título.

CDU 37.011.31-053.9

*Dedico este trabalho às educadoras
bairanas com quem trabalhei e hoje
estão aposentadas.*

Tempo passa? Não passa

O tempo passa? Não passa

*O tempo passa? Não passa
no abismo do coração.
Lá dentro, perdura a graça
do amor, florindo em canção.*

*O tempo nos aproxima
cada vez mais, nos reduz
a um só verso e uma rima
de mãos e olhos, na luz.*

*Não há tempo consumido
nem tempo a economizar.
O tempo é todo vestido
de amor e tempo de amar.*

*O meu tempo e o teu, amada,
transcendem qualquer medida.
Além do amor, não há nada,
amar é o sumo da vida.*

*São mitos de calendário
tanto o ontem como o agora,
e o teu aniversário
é um nascer a toda hora.*

*E nosso amor, que brotou
do tempo, não tem idade,
pois só quem ama escutou
o apelo da eternidade.*

Carlos Drummond de Andrade

AGRADECIMENTOS

A Deus que me concedendo saúde e vida possibilitou-me os recursos necessários para chegar até aqui.

Ao meu esposo Ivan e aos nossos filhos Isaac e Esther pelo apoio compreensão e carinho, muito obrigada.

À minha mãe Armira que desde cedo ensinou-me quando criança a estar com os velhos de forma respeitosa e acolhedora.

À gestora do colégio Modelo de Camaçari Patrícia Araújo e suas vices Viviane e Cácia pelo incentivo.

Aos queridos alunos desse mesmo Colégio que souberam compreender minhas ausências e acolher quando preciso minha substituta.

Ao querido e amado professor Petrini, pelas palavras de incentivo.

Aos demais professores do Programa de Mestrado em família da UCSAL...pelo profissionalismo e boa acolhida.

À nossa querida Profa. Lúcia por seu empenho pelo sucesso do Programa Mestrado em Família e cuidado com os alunos que nele ingressam.

À minha querida orientadora Ana Cecília que com seu jeito terno e meigo acalmava-me quando sentia tempestades em minha alma.

À professora e coordenadora do grupo de pesquisa da UCSAL família (auto)biografia e poética do qual faço parte, Profa. Elaine, pelas significativas contribuições mesmo que de forma indireta e seus respectivos componentes pela calorosa acolhida que a mim concederam.

Aos queridos membros dos grupos de pesquisas CONTRADES pelas significativas opiniões que, de certa forma, enriqueceram este trabalho.

Aos meus irmãos Valdirene e Geovane.

SANTOS, Joana D'Arc Silva. **O envelhecer para educadoras idosas (aposentadas): trajetórias e sentido da vida.** Dissertação (Mestrado) Salvador, 2015, 157 f. Dissertação. Mestrado em família na sociedade contemporânea da Universidade Católica do Salvador, 2015.

RESUMO

A velhice apresenta-se como um contexto existencial singular, o que justifica a expressão utilizada por Norbert Elias: “a solidão dos moribundos”, observada para grande número de pessoas idosas. A caracterização desse sentimento dar-se-ia pela fragilidade biológica, emocional e psicológica dos idosos. Dessa forma os idosos convivem com a passagem do tempo e a inexorável finitude de nossa existência, adquirindo uma percepção temporal mais sensível com o passar dos anos. Por outro lado, seria possível, diante desse quadro de finitude humana e aumento de fragilidades, permanecer feliz e encontrar sentido existencial, ou um *motivo* para ser feliz, na acepção de Frankl (1984)? Tal questionamento motivou a realização de um estudo qualitativo, baseado em histórias de vida, cujo objetivo foi analisar a percepção sobre o sentido da vida na velhice de educadoras idosas (aposentadas) residentes em cidades do interior da Bahia, maiores de 60 anos. Os dados foram coletados por meio de pesquisa qualitativa através de entrevistas narrativas abertas. A compreensão em maior profundidade oferecida pela entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para ajudar a explicar achados específicos (Bauer, 2003). Assim, foram feitas as seguintes perguntas disparadoras: *O que é envelhecer para você? Como é estar aposentada? Fale-me sobre momentos felizes de sua vida. Fale sobre momentos difíceis que teve de enfrentar, e como você os superou.* Coerentemente com a abordagem de história de vida (Oliveira, 2008), registrou-se fielmente, em áudio, a fala dos sujeitos, transcrita *verbatim*. As participantes do estudo são seis senhoras que foram educadoras e hoje estão aposentadas, residentes em cidades do interior da Bahia, pertencentes à classe média e praticantes do catolicismo com idades entre 60 e 92 anos. Cada participante foi entrevistada em sua própria residência. Os transcritos geraram categorias temáticas, discutidas com base na abordagem da psicologia cultural de base semiótica Zittoun (2004) do Sentido da Vida de Viktor Frankl (1984). Foram especialmente relevantes, para a interpretação dos dados, os seguintes aspectos: análise das trajetórias desenvolvimentais a partir do evento aposentadoria e viuvez, tomados como pontos de ruptura e transição; a vivência de valores sob os quais o ser humano encontra sentido em suas ações como criador: são os valores de criação; quando se entrega à experiência de algo que recebe do mundo: são os valores de vivência; e quando escolhe por atitudes afirmativas diante do sofrimento: são os valores de atitude. Essas análises permitiram a identificação de recursos materiais e simbólicos utilizados pelas participantes para enfrentarem a velhice, aposentadoria e viuvez. Nas conclusões, destaca-se a presença da vivência dos valores propostos por Frankl com a identificação de sentido de vida e inteireza existencial.

Palavras chaves: Família. Idosos. Identidade Profissional. Psicologia Cultural de Base Semiótica. Sentido da Vida. Inteireza Existencial.

SANTOS, Joana D'Arc Silva. **The aging for older teachers (retired): history and meaning of life**. Salvador, 2015, 157 f. Dissertation. Master's degree in family in contemporary society. Catholic University of Salvador.

ABSTRACT

Old age is presented as a singular existential context, which justifies the expression used by Norbert Elias, "the loneliness of the dying", seen for many older people. The characterization of this feeling would give the biological fragility, emotional and psychological elderly. Thus, the elderly live with the passage of time and the inexorable finitude of our existence, acquiring a more sensitive time perception over the years. On the other hand, it would be possible, given that human finitude frame and increased fragility stay happy and find existential meaning, or a reason to be happy in the sense Frankl (1984). Such questioning led to performing a qualitative study, based on life stories, aimed to analyse the perception of the meaning of life in old age of older teachers (retired) residents in cities in the interior of Bahia, over 60 years. Data collected through qualitative research through open narrative interviews. The understanding in greater depth provided by qualitative interview can provide valuable contextual information to help explain specific findings (Bauer, 2003). Thus triggering the following questions asked. What is stale you? As is to be retired. Tell me about happy moments of your life. Talk about hard times faced and how you overcame them. In line with the life story approach (Oliveira, 2008), it faithfully recorded, audio, speech of subjects, transcribed verbatim. Study participants are six ladies who were educators and are now retired, living in cities in the interior of Bahia, belonging to the middle class and Catholicism practitioners aged between 60 and 92 years. Each participant interviewed at his own residence. Transcripts generated themes discussed based on the approach to cultural psychology semiotic base Zittoun (2004) Sense of Viktor Frankl Life (1984). They were particularly relevant to the interpretation of the data. The analysis of the developmental pathways from the retirement and widowhood event, taken as break and transition points. The experience of values in which human beings find meaning in their actions as creator: are the creation of value; when delivery to the experience of something that gets in the world: it is the experience of values; and when you choose to affirmative attitudes of suffering: it is the attitude values. These analyses allowed the identification of material and symbolic resources used by the participants to face old age, retirement and widowhood. The conclusions clearly the presence of living the values proposed by Frankl as the identification of meaning of life and existential integrity.

Key words: Family. Elderly. Professional Identity. Cultural Semiotics Psychology. Sense of Life. Existential Wholeness.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	11
Capítulo 1	
VELHICE: REVISÃO DE LITERATURA, CONCEITUAÇÃO E QUESTÕES SOCIAIS	18
1.1 ENVELHECER.....	18
1.2 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO PARA AUTORES ANTIGOS	23
1.3 ESTUDOS SOBRE VELHICE	26
1.4 VELHO OU IDOSO?.....	32
1.5 A MULHER IDOSA.....	37
1.6 A PROFISSÃO DOCENTE.....	42
1.7 APOSENTADORIA	45
1.8 IDOSO E FAMÍLIA.....	50
1.9 A FAMÍLIA DO IDOSO	52
1.10 IDOSO, FAMÍLIA E MEMÓRIA	57
1.11 GRUPOS DE APOIO AOS IDOSOS	62
Capítulo 2	
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	64
2.1 CICLO VITAL SEGUNDO ERIKSON	64
2.2 PROCESSO DE ENVELHECIMENTO CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS	68
2.3 O SENTIDO EXISTENCIAL: O PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL.....	74
2.4 SENTIDO DA VIDA NA VISÃO DE FRANKL.....	77
2.5 O SENTIDO DA VIDA NA VELHICE	83
2.6 EDUCAR PARA O SENTIDO E VALORES	86
Capítulo 3	
METODOLOGIA	88
3.1 PARTICIPANTES, CRITÉRIO DE SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO	90
3.2 O CONTEXTO DO ESTUDO.....	91
3.3 CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS CASOS E DA SITUAÇÃO DAS ENTREVISTAS	91
3.4 INSTRUMENTO E TÉCNICA PARA COLETA DE DADOS	94
3.5 ANÁLISE DOS DADOS: PROCEDIMENTOS	95
Capítulo 4	
RESULTADOS E DISCUSSÕES	97
4.1 SIGNIFICADOS DE ENVELHECER E REVISÃO DE VIDA.....	98
4.2 SIGNIFICADOS LIGADOS AO SENTIR-SE EDUCADORA.....	102
4.3 ESCOLHA PROFISSIONAL X APOSENTADORIA.....	110

4.4 RUPTURAS DURANTE A TRANSIÇÃO PARA A APOSENTADORIA: O EXEMPLO DA VIUVEZ.	118
4.4.1 Os casos	120
<i>Capítulo 5</i>	
RESULTADOS E DISCUSSÕES	125
<i>Capítulo 6</i>	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
REFERÊNCIAS	143
ANEXOS	155
ANEXO A - QUESTÕES PARA A ENTREVISTA NARRATIVA.....	155
ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO	156

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar narrativas de educadoras idosas (aposentadas) a fim de conhecer suas trajetórias, a maneira como percebem e vivenciam a velhice para identificar a presença de sentido existencial, senso de integridade e os recursos materiais e simbólicos utilizados por elas para lidarem com essa fase da vida. Retomo desse modo meu interesse por histórias de vida que teve seu início em 2012, quando cursei a disciplina Narrativas e Subjetividades com a Profa. Ana Cecília Bastos, na UCSAL, como aluna especial do curso de Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea na cidade de Salvador – BA.

Naquele momento compreendi que a narrativa de histórias de vida, de certa maneira, possibilita que se compreenda um pouco da natureza humana, a partir da perspectiva da pessoa que narra. Por esse entendimento fui impulsionada para ingressar no Programa de Mestrado em Família da UCSAL em 2014. As disciplinas cursadas e a participação nos encontros dos grupos de pesquisa, coordenados pelas professoras Elaine Rabinovich e Ana Cecília Bastos, ajudaram-me a nortear minhas ideias com este trabalho, amadurecendo-me e guiando-me para que percebesse o que de fato inquietava-me, ou seja, a experiência vivencial dessas senhoras e o significado que atribuem ao ser idosa.

A atividade docente, que exerço, também me auxiliou para que refletisse sobre as trajetórias dessas educadoras aposentadas, num processo de convergência e proximidade que vai além da escolha pela mesma profissão. Percebo vivacidade, dinamismo e alegria na conduta dessas mulheres. Particularidades que foram observadas através da amizade e convivência com essas senhoras tanto em contextos informais, como atividades pastorais e celebrações religiosas da igreja Católica na Paróquia Catedral da Diocese de Camaçari-BA.

Por isso, decodificar as histórias de vida dessas senhoras é, também, vivenciar um processo de auto decodificação “para uma fusão de horizontes que se interpenetram mutuamente, a partir da empatia, da identificação, da solidariedade” (RABINOVICH, 2015, p.257). Esse processo pode me conduzir a uma compreensão mais apurada sobre as situações paradoxais que me movem como profissional e, como pessoa. Descobrir sentido existencial, segundo Frankl, é encontrar-se com o outro: ser único e insubstituível que “encerra em si mesmo uma dignidade humana e um valor incondicional” (AQUINO, 2013, p.36). E, nesse encontro, por um olhar subjetivo, poder vir a “ser” junto com; num movimento de percepção temporal presente que nos lança para o futuro porque há nessa percepção um ponto fixo, ou seja, o entendimento do si mesmo. Assim, “a pessoa encontra sentido existencial quando há um

encontro com um tu, fazendo emergir desse momento a dimensão do *homo amans*” (AQUINO, 2013, p. 36).

Por outro lado, para Valsiner (2012) pensar sobre si e o mundo é construir-se a si mesmo. Logo, quando pensamos sobre nossa identidade, em certa medida, estamos construindo nossa subjetividade. Um processo que nos segue por toda a vida. E, entender esse processo pela narrativa do outro também nos enriquece, fornecendo informações que podem auxiliar-nos na construção do *si mesmo*.

Assim, entendo que, como afirma Bourdieu (1989), “mais do que uma realidade notada”, nesse caso, a realidade da educadora idosa (aposentada), o que mobiliza meu interesse investigativo, é também uma sensibilidade aguçada que teima em intuir sobre o próprio futuro ao refletir sobre a experiência do outro.

É nessa direção que Valsiner (2012), ao afirmar a relevância da orientação para o futuro ao longo do desenvolvimento, nota que um fenômeno como o pensamento envolve tanto uma abstração da experiência que a pessoa tem até o momento, como um potencial para o pensamento para além desse momento. Antever o próprio futuro pela experiência vivencial do outro, pode possibilitar equilíbrio emocional, principalmente quando intuimos que há na vida do outro significado e sentido.

Segundo Frankl, os idosos possuem uma ampla visão da realidade e conseqüente experiência sobre a vida por meio de suas memórias armazenadas no passado; fato que os possibilita olhar a vida de maneira distinta. “Nada nem ninguém pode privar-nos ou furtar-nos aquilo que salvamos e asseguramos no passado” (FRANKL, p 41, 1978/2015): uma experiência vivencial que pode ser conhecida quando há a verbalização dessas memórias.

Por isso, entender as particularidades e peculiaridades da vida dessas docentes idosas passou a ser uma meta que pude alcançar com este trabalho de pesquisa. Interessei-me, principalmente por entender o sentido e a razão de ser que as mantêm em sua vivência cotidiana tão alegres e ativas, apesar das limitações que o avanço da idade pode acarretar-lhes.

Talvez, esta seja, uma maneira tímida, mas viável, de dar-lhes visibilidade. Há um sentido poético e belo que ressurgiu através das vozes dos idosos e de suas histórias (SANTOS, 2014). Ouvi-los pode nos dar um melhor entendimento sobre a natureza Humana. Uma clareza de compreensão que consegue ir além do aparente, porque nessa fase da vida, talvez, já se saiba mergulhar fundo em si mesmo sem reservas; por meio do processo de Tomada de Consciência pelo qual é possível avaliar êxitos e fracassos sobre si mesmo, conforme considera (SANTOS et al., p.69, 2006).

Mas toda a riqueza que os idosos possuem em termos de experiência e memória nem sempre é reconhecida e valorizada. A condição de vida de muitos na contemporaneidade possui algumas nuances desfavoráveis. Por vezes, são negligenciados por suas famílias e pelo Estado, o que os expõem em muitas situações ao abandono e à violência. Segundo Paz et al. (2012) há diversas formas de violência contra o idoso. A violência estrutural que envolve a questão social, velhice pobre, desprotegida e abandonada. A violência institucional familiar que compreende a desatenção negligência e maus tratos. A violência estatal que se manifesta no descumprimento das leis e ausência de políticas e ações. Por último, a violência física nos lares e meios urbanos, na maioria das vezes, difícil de ser percebida, pelo silêncio que a envolve.

Esse descaso social faz com que o idoso perca seu papel social de cidadão e tenha um esvaziamento de sua identidade própria. Uma conquista identitária que se fez ao longo dos anos vai sucumbindo juntamente com o declínio biológico desses sujeitos. Por outro lado, os idosos convivem também com a ascensão de novos valores sociais, dentre eles o da juventude.

Nesse valor social, ser jovem é um estilo de vida, e, ser velho é ser considerado obsoleto, fora de moda; logo, destituído de função e valor social. Frankl, por outro lado, sugere uma postura diferente frente a essa realidade, propondo aos jovens a valorização do idoso como critério para a própria valoração. “Os jovens, por seu lado, não deveriam deixar-se contaminar pelo desprezo universal com que a sociedade orientada para a juventude encara os idosos. Caso, contrário, quando os jovens tiverem a sorte de chegarem também eles à velhice, serão obrigados a verem seu desprezo pelos idosos transforma-se em autodesvalorização” (FRANKL, p 24, 1978/2015).

Sendo assim, a busca com essa pesquisa é explorar um aspecto particular da velhice para uma compreensão mais aprofundada de alguns dimensões do processo de envelhecimento. Procuro analisar como essas educadoras ressignificam suas motivações e suas concepções de si mesmas para viver na situação de idosas aposentadas que não exercem mais a profissão docente. Em outras palavras: até que ponto a identidade profissional persiste como componente significativo da subjetividade dessas senhoras, e do sentido da própria vida, segundo a concepção de Frankl, configurando-se como um diferencial para que melhor vivenciem o processo de envelhecer.

Em muitas situações a identidade profissional completa a identidade pessoal, ou mesmo se confunde com ela, podendo, nesse caso, conferir significado e sentido à velhice dessas senhoras. Machado (2003) esclarece que há uma distância entre a identidade pessoal e a profissional, é nesse espaço que o eu se configura. Um processo dinâmico que, em certa medida, tanto pode propiciar o distanciamento como a mistura dessas identidades, por meio de uma

auto-organização constante que busca o equilíbrio, para que se assegure uma continuidade ao *si mesmo* ao longo da vida.

Por outro lado, nossa experiência existencial também busca dotar a vida de sentido e significado. Trata-se de uma condição inerente à nossa espécie, que por possuir consciência de sua finitude, procura sentido e significado para sua existência e para o mundo. “Ao contrário dos animais, homens e mulheres se preocupam com o sentido de suas vidas, pois possuem a consciência da finitude da existência” (AQUINO, 2014, p.53).

Na perspectiva de Viktor Frankl, trata-se de uma procura que se dá através de um processo de autotranscendência “que consiste em orientar a vida para além de si mesmo” (AQUINO, 2013, p.57). Como resultado há a possibilidade de um equilíbrio emocional, que pode nos conduzir, ao longo da vida, à percepção de um sentimento de inteireza existencial. Segundo Bastos (2010) os seres humanos esforçam-se para manter uma sensação de continuidade e estabilidade ao longo do tempo num mundo que está em constante mudança desafiando-o a cada momento com eventos inesperados.

Por isso, ao ouvir as narrativas autobiográficas dessas senhoras, de certa maneira, tento fixar os elos de continuidade e permanência que definem a experiência (DELGADO, 2007), em outras palavras, compreender os elos de continuidade e permanência que sedimentam suas subjetividades; fazendo-as sentirem-se inteiras ao longo do tempo, propiciando-lhes bem-estar emocional e subjetivo.

Estudar sobre essas idosas também é dar visibilidade a esse segmento populacional que vem crescendo mundialmente nos últimos anos. Segundo Camarano (2002) o envelhecimento da população mundial é um processo proeminente, provocando o aumento da população idosa de maneira significativa, elevando-a bem acima das demais faixas etárias, processo confirmado com a publicação do documento “Perspectivas da população mundial: revisão para 2015” feito pela ONU.

Esse relatório esclarece que em 2050 a população mundial com mais de 60 anos irá dobrar e em 2100 talvez triplique. Uma estimativa que em números absolutos corresponde a dois bilhões de pessoas com 60 anos e mais em todos os continentes. E, mesmo dentro desse segmento populacional, está aumentando o número de pessoas com mais de 80 anos, ou seja, a população idosa mundial está envelhecendo.

No Brasil, seguindo essa mesma tendência, dados coletados pelo IBGE com o censo de 2010, por meio de uma projeção demográfica, sinalizam que a população acima de 65 anos de idade irá praticamente quadruplicar em 2060. Menezes (2009) destaca que apesar do

envelhecimento populacional ter iniciado mais tarde em nosso país, e mais cedo em outras partes do mundo, ele progride rapidamente na população acima de 80 anos.

O Brasil está envelhecendo e os idosos tornando-se mais velhos e longevos. “Os avanços da medicina e da tecnologia levaram a um aumento da sobrevida dos indivíduos. Com isso, o grupo de 80 anos e mais, chamado de “mais idoso”, passou a ter maior representatividade dentro do segmento idoso” (CAMARANO et. al, 1999, p.28).

Diante disso houve uma necessidade de classificação dentre aqueles considerados idosos em nosso país. De acordo com o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), são considerados idosos jovens pessoas com idade entre 60-70; idosos medianos com idade entre 70-80; e os muito idosos com idade superior a 80 ou a 85 anos, um conceito etário de classificação baseado na idade cronológica que não considera aspectos subjetivos e complexos do ser humano.

Essa “transição demográfica”, ou seja, esse aumento significativo da população idosa, possui um aspecto positivo: ela reflete a diminuição da mortalidade infantil, e a eficácia dos tratamentos para prevenção e combate de doenças que em outros períodos dizimavam grandes parcelas da população mundial. Salto qualitativo que representa uma das maiores conquistas das ciências médicas deste século. “A evolução das ciências médicas efetivou importante contribuição para a longevidade populacional” (ANDRADE et.al, 2010, p.130). Assim, “avanços na nutrição e na saúde possibilitaram que muitas pessoas vivam vidas mais longas e mais saudáveis do que nunca antes” (GIDDENS, 2005, p.225).

Diante disso pode-se considerar que envelhecer, como um processo natural, não é sinônimo de adoecer, ao contrário, pode significar saúde e vitalidade, principalmente quando o idoso desenvolve em sua vida hábitos saudáveis (NERI & COSTA, 2002). “Os sinais de deficiências funcionais vão aparecendo de maneira discreta no decorrer da vida, sendo chamados de senescência, sem comprometer as relações e a gerência de decisões. Esse processo não pode ser considerado doença” (MORAES et al., 2010, p. 69).

Este trabalho pode contribuir para: instigar reflexões sobre idosos e, de maneira particular, com destaque para a mulher idosa docente aposentada, como um subsídio para projetos que visem o bem-estar psíquico dessa parcela da população; estímulo para a realização de mais pesquisas em meio acadêmico sobre o sentido da vida na velhice; e por fim derivar, dos resultados alcançados, critérios de atuação social que visem o respeito, e a valorização do saber e da cultura dos idosos, possibilitando a verbalização de suas memórias

Problemática

Diante do que foi exposto, considera-se a relação entre velhice – curso de vida, e sentido existencial, relevante, para uma melhor compreensão do processo de envelhecimento e da inteireza do ser.

Este estudo, assim, tem por objeto as narrativas de educadoras idosas (aposentadas) em suas reflexões sobre trajetória de vida, velhice e sentido existencial.

Como objetivo geral buscou-se:

- *Compreender a percepção de educadoras idosas (aposentadas) sobre o processo de envelhecimento, identificando os recursos materiais e simbólicos que utilizam para lidar com as mudanças a ele relacionadas.*

Seus objetivos específicos foram:

- *Analisar o papel da família e de redes sociais informais como suporte para lidar com o processo de envelhecimento de acordo com a percepção de educadoras idosas (aposentadas).*
- *Analisar de que modo educadoras idosas (aposentadas), em suas narrativas autobiográficas, descrevem o sentido da vida e o ser idosa.*
- *Identificar conexões entre a condição de ter sido educadora e a experiência de envelhecer.*
- *Identificar e caracterizar os tipos de recursos materiais simbólicos utilizados por educadoras idosas para lidar com o envelhecimento.*

Para abordar essa problemática, construiu-se, um quadro referencial teórico a partir das noções de Ciclo Vital de Erickson (1950) e Curso de Vida, como proposto pela Ciência do Desenvolvimento e da Psicologia Cultural de base semiótica e do constructo sentido da vida através da teoria de Viktor Emil Frankl (1905-1997).

Como estrutura esse estudo foi dividido em 06 capítulos cuja descrição é a que segue:

Capítulo 01 - sobre processo de envelhecimento e velhice. Trata-se de uma breve revisão de literatura abordando aspectos: conceituais, históricos e sociais, o significado das palavras velho e idoso; a condição da mulher idosa, o exercício da profissão docente, e a aposentadoria, como também as redes sociais de apoio às quais o idoso pode ter acesso. Os aspectos históricos serão

brevemente colocados por meio da concepção sobre velhice a partir de alguns autores clássicos. Não houve a pretensão, nesse trabalho, de se fazer um estudo sobre a velhice ao longo do tempo.

Capítulo 02 – sobre a fundamentação teórica. Neste capítulo é feita uma explanação sobre o processo de envelhecimento a partir do modelo Epigenético do Ciclo Vital de Erickson (1950), e de perspectivas contemporâneas sobre o Curso de Vida, como proposto pela Ciência do Desenvolvimento e da Psicologia Cultural de base semiótica; como também o constructo sentido da vida através da teoria de Viktor Emil Frankl (1905-1997).

Capítulo 03 – sobre os aspectos metodológicos. Neste capítulo escrevo sobre a abordagem metodológica adotada, descrevo os procedimentos para a realização da pesquisa e a descrição das participantes.

Capítulo 04 e Capítulo 05 - Nestes capítulos apresento e discuto os resultados da pesquisa.

Capítulo 06 – Neste capítulo exponho as considerações finais.

Capítulo 1

VELHICE: REVISÃO DE LITERATURA, CONCEITUAÇÃO E QUESTÕES SOCIAIS

1.1. ENVELHECER

O ser humano possui um tempo determinado de vida. Ao longo de sua existência há mudanças que irão desencadear um declínio gradual das funções biológicas, cognitivas e psicológicas. Em alguns indivíduos esse processo poderá ser acelerado devido a patologias ou fatores externos como o estilo de vida e condições socioeconômicas. Segundo Caetano (2006) o processo de envelhecimento pode ser distinto e variado para cada indivíduo, mais rápido para uns e gradativo para outros. Nas mulheres esse processo é acelerado com a menopausa, nos homens ele se dá de forma mais linear ao longo da vida.

O decorrer deste processo possibilita o indivíduo atingir o nível de funcionamento celular, orgânico e sistemático necessário para realizar as etapas da vida. Todas as células de todos os organismos envelhecem constante e continuamente. A hereditariedade, a nutrição, o estado de saúde, as experiências de vida, o ambiente, a atividade e o estresse produzem efeitos exclusivos em cada indivíduo, sendo as variações das mudanças do ritmo de envelhecimento específicas para cada pessoa e órgão (MENEZES, 2009, p.34).

Segundo Santos (2001), no processo de envelhecimento, as modificações biológicas referem-se às alterações orgânicas influenciadas pelas reações bioquímicas que ocorrem no organismo humano. As modificações psicológicas implicam a necessidade de adaptação às novas situações no cotidiano; as sociais refletem a perda de produtividade dos idosos com o passar dos anos. Logo, a compreensão do processo de envelhecimento corresponde ao estudo de vários fatores inter-relacionados. E, o equilíbrio, entre eles, representa um processo de envelhecimento bem-sucedido.

Nesse sentido, Giddens (2005), para compreender o processo de envelhecimento, baseia-se em estudos feitos pela gerontologia social os quais associa o processo de envelhecimento a três “relógios” evolutivos diferentes que se correlacionam: o relógio biológico, o psicológico e o social. O relógio biológico refere-se ao corpo físico significando um declínio da visão, aparecimento de rugas na face, declínio da massa muscular e diminuição da capacidade cardiovascular. Esses processos são naturais, não podendo ser evitados, mas parcialmente compensados conforme o estilo de vida de cada um. “Com um estilo de vida adequado e os avanços da tecnologia médica, cada vez

mais pessoas poderão ter vida relativamente livre de doenças até alcançarem seu máximo biológico” (GIDDENS, 2005, p. 205).

O envelhecimento psicológico refere-se a aspectos neuropsicológicos da memória, ou seja, diminuição da capacidade de aprender e menos velocidade para lembrar ou processar informações. Nessa fase da vida, as habilidades que sofrem maior declínio são: “memória de trabalho, velocidade de pensamento e habilidades visuo espaciais, enquanto as que se mantêm inalteradas são: inteligência verbal, atenção básica, habilidade de cálculo e a maioria das habilidades de linguagem” (MORAES et al., 2010, p. 69).

Moraes et al (2010, p. 70) consideram ainda envelhecimento psicológico como maturidade psíquica que “depende também da passagem do tempo, mas, sobretudo, do esforço pessoal contínuo na busca do autoconhecimento e do sentido da vida” Nesse caso há um aspecto positivo quando se envelhece, ou seja, a sabedoria adquirida. Para algumas sociedades essa sabedoria garante um lugar de destaque e prestígio social ao idoso.

O envelhecimento social refere-se à idade social, cronologicamente estabelecida aos indivíduos, sendo distinta de uma sociedade para outra. Segundo a OMS nos países desenvolvidos idosos são os indivíduos com idade igual ou superior a 65 anos de idade. Nos países em desenvolvimento são aqueles com idade igual ou superior a 60 anos. No entanto, além do marcador cronológico, como já explicitado, o envelhecimento social também “consiste em normas, valores e papéis que são culturalmente associados a uma determinada idade” (GIDDENS, 2005, p.226).

Para Dias (2007) envelhecer é um processo multifatorial e ao mesmo tempo subjetivo, de certo modo, cada indivíduo tem sua maneira própria de envelhecer. Para esse autor, envelhecer vai além do fato de se ter 60 anos ou mais. As condições biológicas devem ser levadas em conta, considerando que estão intimamente relacionadas com a idade cronológica, mas não traduzem a percepção subjetiva do sujeito sobre essa fase da vida.

Minayo & Júnior (2011) corroboram com esse pensamento quando afirmam que o envelhecimento não se configura como um processo linear e homogêneo. Ele possui especificidades que conduzem cada pessoa a vivenciá-lo a partir de sua história particular; e de aspectos estruturais que o compõem como: classe, etnia e gênero. Relacionados a esses aspectos estruturais há ainda a escolaridade e as condições socioeconômicas. Logo, refletir sobre o processo de envelhecimento é pensar sobre questões que vão além do aspecto biológico. E um aspecto a ser considerado é o papel social que a sociedade contemporânea reserva aos idosos.

Nas sociedades orientais como Japão e China os anciãos são considerados como guardiães de sabedoria e fonte de memória histórica, sendo consultados antes de qualquer

grande decisão pelos mais jovens quer seja nas famílias ou em outro ambiente social. Os idosos para esses povos adquirem um papel social importante para a manutenção da tradição e dos costumes. Logo, envelhecer nessas sociedades pode ser menos penoso que em outros lugares, onde o idoso não tenha tanto prestígio social.

Embora, Reis e Beltrão (2005) afirmem que há uma modificação, mesmo que discreta, nesse padrão social, que valoriza e respeita os idosos, devido à mercantilização dessas sociedades. Debert (2012), cita a pesquisa de Sally F. Moore (1978) entre os Chaga, povo tribal do leste africano, para evidenciar que a ideia sobre os idosos serem prestigiados nas sociedades tradicionais nem sempre se sustenta. Moore (1978) conclui que, no caso dessa sociedade, aqueles que foram bem-sucedidos gozarão de prestígio na velhice. Os outros que não foram terão de “conviver com o desafeto e a falta de respeito dos vizinhos” Debert (idem). Portanto, não há uma homogeneização da valorização do idoso mesmo em sociedades tradicionais.

Nas sociedades ocidentais como Estados Unidos, Reino Unido ou mesmo o Brasil há maior probabilidade de se considerar os idosos como pessoas “improdutivas, dependentes e desconectadas da época atual” (GIDDENS, 2005, p.226). Nesses países, “o idoso é visto pelos mais jovens como alguém sem expectativas de vida, sem maiores oportunidades na sociedade e que acaba sendo alienado ao que lhe é proporcionado, sendo muitas vezes ligado à visão de incapacidade física e doença” (GVOZD et al 2012, p.296).

Os idosos são desvalorizados principalmente por não possuírem as habilidades tecnológicas valorizadas pelos mais jovens. E por outro lado, porque contrariam ao padrão estético adotado, ou seja, a juventude. Em muitos desses países, “atualmente, gastam-se somas enormes com medicamentos cirurgias plásticas e soluções caseiras que prometem juventude eterna” (GIDDENS, 2005, p.296). Por isso, a percepção sobre o processo de envelhecimento é influenciada pelo momento histórico e pela cultura.

Embora alguns “trabalhos não especificamente voltados para os idosos, corroboram a visão de que mudanças, mesmo aquelas introduzidas pelo processo de colonização, não levam necessariamente à perda de prestígio e poder das gerações mais velhas” (DEBERT, 2012, p.80); especialmente quando em muitas famílias os anciãos detêm o poder econômico através de suas pensões.

Por outro lado, continua a prevalecer, de forma significativa, para as pessoas que vivem em grande parte dos países ocidentais, a juventude como um estilo de vida. “É preciso ser jovem e, quando se deixa de sê-lo, é preciso investir no próprio rejuvenescimento, abolindo qualquer sinal na pele que traduza marcas do tempo, revitalizando o corpo e a mente, adotando uma vida

ativa e performática e mantendo a saúde e a boa forma a qualquer custo” (COUTO & MEYER, 2011, p.22).

A velocidade surge nesse contexto também como um novo padrão de comportamento valorizado como referência nas interações sociais, devido ao avanço da utilização da comunicação eletrônica em rede. Esse tipo de comunicação com sua velocidade encurta distâncias, e torna o tempo linear e fluido. Mas, em contrapartida, fragmenta pessoas, ideias e situações, provocando rupturas e descontinuidades num ritmo cada vez mais acelerado por meio de um processo chamado de globalização.

A globalização, sob os auspícios da eletrônica, da informática, da robótica e da comunicação invade todo o mundo, modernizando a ordem social, econômica, cultural e pessoal. Provoca rupturas, desníveis sociais, anacronismos, dissonâncias e tensões em toda parte. A história e a cultura, suas relações, processos estruturais, vivências individuais e coletivas, nacionais e mundiais são modificadas cotidianamente. Tudo é transformado pela velocidade eletrônica, imprimindo novo ritmo à sociedade-rede (CARVALHO, 2008, p.04).

Assim, envelhecer em grande parte dos países ocidentais, significa passar a ser visto como uma pessoa obsoleta e lenta, cuja fala, quase sempre, é negligenciada, no sentido que os demais não escutam ou não se esforçam para escutar. Nesse contexto, a velhice, geralmente, é descrita como um tempo de perdas, de doenças, não se mencionando nunca suas aquisições Medeiros (2008). Ela se contrapõe à velocidade da sociedade globalizada porque os anciãos vivenciam o tempo de maneira diferenciada, percebendo-o menos pela cronologia e mais pela sensibilidade, mesmo não sendo este o critério que normatiza o tempo para a sociedade ocidental.

Pode-se pensar que esse movimento temporal é realizado por uma tensão que está intrinsecamente relacionada à percepção temporal do sujeito, como o tempo se movimenta nessa subjetividade, o tempo no inconsciente. Nesse viés, estabelece a possibilidade do tempo se desenvolver na subjetividade do sujeito, o inconsciente como responsável pelo movimento, a experiência estando associada ao todo desse sujeito (JESUS, 2011, p. 04).

A medida cronológica é adotada por uma necessidade, regulando e garantindo o bom funcionamento social. “Os critérios e normas da idade cronológica são impostos nas sociedades ocidentais não porque elas disponham de um aparato cultural que domina a reflexão sobre os estágios de maturidade, mas por exigência das leis que determinam os deveres e direitos do cidadão” (DEBERT, 2013, p.47). No entanto, o tempo cronológico é objetivo, referenciado em

números, contável, não sendo capaz de traduzir as idiossincrasias de um ser humano (HILLMAN, 2005).

Por isso,

Definir o velho pela passagem do tempo cronológico não é um bom meio, porque toda grade de referência advém com qualidades e valores e, conseqüentemente, métodos de julgamento. Ser julgado por classificações estanques do tempo não é definir o humano em sua complexidade. Isso condiz somente às máquinas (MONTEIRO, 2005, p.05).

Logo, uma definição apenas cronológica do curso de vida, não leva em conta a percepção que o idoso tem de si. Ela rotula o idoso pela quantidade de anos vividos e não por suas vivências e recordações, objetivando apenas o tempo. Por isso, o sentir-se e perceber-se como velho deveria configurar-se como uma escolha pessoal, na qual a passagem cronológica dos anos daria espaço para as diferentes percepções e lembranças evocadas pelo pensamento humano.

Assim, uma nova contagem temporal se abriria em nossa subjetividade, onde lembrar seria um exercício constante, sem pressa, onde se atualiza o passado no presente, independente da objetividade cronológica que a sociedade adota, ou a velocidade que a mesma impõe.

Com isso há, segundo Debert (2013), uma institucionalização do curso de vida que leva a uma padronização da infância, adolescência e fase adulta. “A regulamentação estatal do curso da vida está presente do nascimento até a morte, passando pelo sistema complexo que engloba as fases de escolarização, entrada no mercado de trabalho e aposentadoria” (DEBERT, 2013, p.59).

Enfim, o processo de envelhecimento ocorre desde a concepção do ser humano e finda-se com sua morte. Um processo normal e natural, um ciclo biológico, definido por nascer, viver e morrer que envolve o ser humano e os demais seres vivos. O modo como o homem preocupa-se e vivencia esse processo é distinto, podendo ser condicionado por aspectos sociais, econômicos, culturais e subjetivos “as representações sobre velhice, a posição social dos velhos e o tratamento que lhes é dado pelos mais jovens ganham significados particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos” (DEBERT, 2013, p.50). O que pode nos levar a encará-lo de maneiras diversas.

Logo, a velhice é também um fato social e histórico devido à “variabilidade de formas de conceber e viver o envelhecimento” (DEBERT, 2013, p.50) Para uns é a perda gradativa da capacidade diária, para outros um período de vulnerabilidade e maior dependência no seio familiar, ou mesmo o ponto mais alto da sabedoria (FECHINE & TROMPIERI, 2012).

E, será que em outros tempos, segundo alguns autores, tais como Platão, Aristóteles e Sêneca, a percepção sobre velhice se distancia do que atualmente é proposto? Rever alguns escritos desses filósofos pode, talvez, auxiliar-nos na compreensão sobre o processo de envelhecimento, tendo em vista que naquele momento a expectativa de vida não ultrapassava os 45 anos para os homens e os 36 anos para as mulheres como na Grécia antiga.

1.2 O PROCESSO DE ENVELHECIMENTO PARA AUTORES ANTIGOS

Apesar da percepção sobre o processo de envelhecimento não ser a mesma para alguns povos antigos, segundo Santos (2001), envelhecer e uma possível forma de rejuvenescer foi uma preocupação que os inquietou muito. Percebe-se esse sentimento através de escritos de autores da Antiguidade, ocidentais ou Orientais, que em algum momento se debruçaram sobre essa temática com mais afinco.

A questão do envelhecimento e da longevidade humana é algo que já se fazia presente na mais remota história, seja na busca pela fórmula da eterna juventude ou associada à felicidade plena Carvalho & Araújo (2005). Foi um filósofo e poeta egípcio, citado por Beauvoir (1990), Ptah-Hotep o primeiro a escrever em 2500 a.C sobre a velhice Santos (2001). Ele a descreve de maneira desolada enfatizando as limitações que essa fase da vida impõe.

Quão penoso é o fim do ancião! Vai dia a dia enfraquecendo: a visão baixa, seus ouvidos se tornam surdos, o nariz se obstrui e nada mais pode cheirar, a boca se torna silenciosa e já não fala. Suas faculdades intelectuais se reduzem e torna-se impossível recordar o que foi ontem. Doem-lhe todos os ossos. A ocupação a que outrora se entregara com prazer, só a realiza agora com dificuldade e desaparece o sentido do gosto. A velhice é a pior desgraça que pode acontecer a um homem (PTAH-HOTEP, APUD BEAUVOIR, 1990, p.114).

Santos (2011) prossegue comentando sobre o Processo de envelhecimento na visão de Platão, Sócrates e Aristóteles que naquele tempo - meados do século V a.C - tinha seu início. Platão escreve sobre o processo de envelhecimento como uma condição paradoxal: a vida divide espaço com a iminência da morte que gradualmente se aproxima. “A juventude e a velhice coexistem num espaço de corpo e de alma desde o nosso nascimento” (ZIELINSKY, 2008, p.115).

Essa condição paradoxal não se limita apenas aos aspectos físicos relativos à renovação celular, mas aos nascimentos e mortes cotidianos que a subjetividade de cada um experimenta através das emoções e dos sentimentos. Paradoxo presente em estudos contemporâneos sobre ciclo

de vida, que percebem o processo de desenvolvimento do ser humano como resultado de progressões e regressões; perdas e ganhos; continuidades e rupturas.

Também no pensamento de filósofos contemporâneos como Edgar Morin (1997), que considera o processo de envelhecimento como um movimento de perda e degradação, observa-se que se constrói a restauração e ao mesmo tempo se processa um “desgaste geral” do indivíduo, sinalizando assim, o destino trágico que nos espera: nossa morte.

Por outro lado, Platão, já em idade avançada, descreve a velhice como um período que traz sentimentos de paz e libertação para o ser humano. Numa concepção moderna, considero possível aproximar esse pensamento de Platão com a teoria de Erikson sobre o Ciclo vital.

Nesse caso, os sentimentos de paz e liberdade estariam presentes, na fase última, caso o idoso avaliasse seu percurso existencial como positivo, inclusive ponderando as experiências negativas como válidas e necessárias para que sua vida fosse significativa. Com esses sentimentos o idoso neutralizaria o desespero pela impossibilidade de retroceder no tempo e refazer suas experiências.

Sócrates entende a velhice como um reflexo da juventude. Uma velhice saudável seria consequência de uma juventude saudável, vivenciada de maneira ponderada. Logo, seguindo o pensamento desse filósofo “para os seres humanos prudentes e bem preparados a velhice não constitui peso algum” (SANTOS, 2001, p.93).

Outro aspecto levantado por este filósofo é o caráter como condição de vivência ao longo da vida com a prática das virtudes e dos bons hábitos. Essa vivência facultaria um processo de envelhecimento tranquilo. A partir dessa tranquilidade seria possível avaliar as experiências vivenciais, integrando-as. As experiências integradas despertariam um sentimento de dever cumprido frente às escolhas feitas ao longo da história pessoal.

Sócrates também aconselha que se viva de bem com a vida. Um indivíduo alegre não sente o passar dos anos como sendo uma sobrecarga. “Aquele que é naturalmente tranquilo e bem-humorado, não sentirá o peso dos anos, e aquele que não apresenta estas características, não só a velhice, mas a própria juventude lhe é um fardo bastante pesado” (SANTOS, 2001, p.93).

Na atualidade, há diversos estudos correlacionando o bom humor com a longevidade e uma vida saudável. Pesquisas, que de certo modo, validam as considerações feitas por este filósofo antigo. “O humor e o riso estão mostrando sua importância para melhorar não só a saúde, mas também a qualidade de vida e a longevidade” (CAPELA, 2011, p.93).

Aristóteles, por outro lado, relaciona boa velhice à boa condição de saúde, vivacidade. “Aristóteles acreditava que cada pessoa nascia com certa quantidade de calor interno, que iria se dissipando com o passar dos anos, considerando a velhice o período final desta dissipação

de calor” (ARAÚJO & CARVALHO, 2005, p. 02). Aristóteles quando pensa sobre como evitar que esse calor se dissipe, com pesquisas e estudos, naquele tempo, dá um cunho científico ao processo de envelhecer.

“No entanto, o processo de envelhecimento ocorre durante todo o ciclo vital humano, provocando além das alterações biológicas, as psicológicas e sociais” (SANTOS, 2001, p.93); logo não se trata apenas de uma questão de perda de calor do corpo humano ou mesmo a presença ou ausência de enfermidades.

Hoje já se compreende que esse processo possui um percurso natural que resulta em desgaste biológico ao longo dos anos, onde se convive, ao mesmo tempo, com uma condição paradoxal da existência humana, ou seja, nascer e desenvolver-se significa aproximar-se da morte dia-a-dia.

Um percurso que na visão do filósofo Sêneca é circular, cada fase da vida seria um círculo, esse aumentaria de tamanho abarcando o círculo anterior conforme o passar dos anos.

A existência inteira é feita de tantas partes como círculos, em que os grandes contêm os pequenos e há um que os abraça e encerra a todos que vai do nascimento até a morte. Há um círculo que separa os anos da adolescência, outro que tem dentro de si toda a infância; depois chega o ano que reúne em si todos os instantes, cuja multiplicação forma a completude da vida (SÊNECA, 4 a.C – 65 d.C., p.21).

Dessa forma, a velhice é o círculo maior que em sua amplitude contém os círculos menores das fases anteriores. Logo, no velho, sob a forma de círculos sobrepostos, estão presentes as lembranças e a vivência do ser criança, adolescente e adulto. As memórias e reminiscências, dessas fases, podem ser acessadas por meio da narrativa pessoal do idoso, para ressignificarem o tempo presente tanto para o idoso quanto para o ouvinte. Para Valsiner (2013) a memória é uma reconstrução do passado através da imaginação, cuja função é criar significado para o tempo presente. Nesse sentido, o idoso auxilia os mais jovens a significarem suas vivências no presente quando fala sobre suas experiências passadas. E, ao mesmo tempo, por possuir uma consciência maior sobre a finitude da existência, o ancião vivencia o presente de forma mais intensa, ruminando e recriando suas memórias.

Talvez numa tentativa para recompor-se em seu próprio círculo de existência, que ao invés de sobrepor as fases anteriores – os círculos menores- os dissolve, para tornar-se um único círculo existencial, embora, não seja está a percepção que a maioria das pessoas têm sobre os idosos.

Num sentido de que mereçam ser valorizados por possuírem experiências de vida acumuladas ao longo dos anos. E, se a percepção sobre os idosos, não é esta de que maneira a velhice é estudada em pesquisas atuais? É o que procuraremos entender no próximo tópico.

1.3. ESTUDOS SOBRE VELHICE

Segundo Barros (2013) até os anos 60 não havia, no Brasil, dentro da Antropologia estudos significativos sobre a velhice. As pesquisas sobre esse tema concentravam-se nas áreas da Medicina e Biologia. Essas investigações debruçavam-se sobre as modificações fisiológicas e perdas dos sistemas vitais do organismo. Por isso, “a medicina foi a primeira a colocar o problema do velho como uma questão específica. O livro de M. Filizzola (1972) é um exemplo dessa perspectiva” (BARROS, 2013, p.117).

Trabalhos nessa linha de investigação, geralmente, eram desenvolvidos em países que começaram a preocupar-se com o processo de envelhecimento, cujo enfoque possuía um cunho de assistência social.

Há assim um enfoque mais voltado para a assistência social, como demonstram os títulos das obras citadas como referências nos principais estudos de ciências sociais. É o caso por exemplo, dos trabalhos mencionados por Peter Townsend. O livro de Townsend lançado em 1957, é a obra inicial mais relevante escrita sobre a velhice na área das ciências sociais (BARROS, 2013, p. 116).

Para a autora esse assunto não despertava interesse para os antropólogos. Eles preferiam dedicar-se aos estudos sobre infância e juventude. Havia subjacente a esse interesse as transformações econômicas mundiais das últimas décadas, onde ser moderno e atual equivalia quase a juventude. No caso do Brasil a temática era constante no sentido de que nos anos 1970 se falava de jovens e para jovens. “O país como um todo era considerado um jovem em formação, dono, portanto de um futuro a planejar” (BARROS, 2013, 115). Por isso, “no Brasil, quase nada foi feito com interesse exclusivo na velhice” (BARROS, idem, p.117).

Já no campo da psicologia do envelhecimento, o estudo psicológico do idoso, segundo Paiva (1986), tem início em 1920 com a publicação do livro de Stanley Hall (1922) intitulado: *Senescence: The Last Half of life*. Esse livro foi a primeira pesquisa de natureza psicológica em larga escala sobre questões pertinentes à geriatria. Antes desse período os estudos, nessa área, ou mesmo em psicanálise, estavam concentrados na infância e adolescência.

Nesse livro Hall, “contradiz a crença de que a velhice é simplesmente o reverso da adolescência, e contra argumenta que, além das peculiaridades existentes no modo de pensar, sentir e querer dos jovens e dos idosos, haveria variações individuais” (GOLDSTEIN, 1999, p. 01). Apesar desse livro ser considerado a primeira monografia sobre velhice, feita por um cientista social, suas repercussões só foram efetivas a partir dos anos 1950 (GOLDSTEIN, *idem*).

Diante desse cenário, os velhos não possuíam um lugar quer fosse social ou teórico. Fato que gerou escassez de material publicado sobre a velhice. Um problema que parece não ser de ordem metodológica ou teórica (BARROS, 2013). Só recentemente as ciências sociais despertaram para o estudo dessa temática, uma tendência seguida também nos Estados Unidos (PEIXOTO, 2013).

Por outro lado, a bibliografia disponível sobre esse tema originária dos EUA, ou mesmo da Europa Ocidental, os contextos sociais de pesquisa, que envolviam pessoas idosas, eram diferentes daqueles presentes no Brasil. “O contexto de estudo de Townsend (1963) – um bairro operário inglês- é muito diferente daquele de uma camada média do Rio” (BARROS, 2013, p. 117). A autora esclarece também que apesar de haver essa diferença contextual, o enfoque adotado permanecia o mesmo nos dois países, ou seja, o enfoque de assistência social.

Corroborando com esse pensamento, Azevedo (2007) destaca que Papaléo Neto (2002) ao elencar os fatores que impulsionaram os estudos sobre envelhecimento no Brasil, também evidencia um crescimento do interesse pelo tema nas últimas décadas. As razões colocadas por Papaléo Neto (2002) são as seguintes: número crescente de idosos; o clamor da sociedade mediante os desafios múltiplos ocasionados por problemas psicossociais e econômicos gerados pela velhice; interesse acadêmico por um campo de estudo que oferece ampla possibilidade de pesquisa, na busca por soluções para os inúmeros problemas enfrentados pelos idosos; e por último a disseminação do conhecimento sobre o fenômeno da velhice no mundo.

Para Stucchi (2013) as mudanças com relação à velhice na década de 80 podem ser percebidas com a proliferação de conselhos municipais e estaduais de idosos e o movimento dos aposentados. Esse movimento social ganha força e projeta-se a nível nacional, evidenciando que as mudanças políticas com a proliferação dos conselhos e do movimento dos aposentados tinham um cunho utilitário e de ordenamento social dos idosos.

Todo esse cenário provocou a transformação da gerontologia e geriatria em áreas especializadas de saber. Com isso o número de profissionais dedicados à velhice aumenta de maneira significativa. Embora se saiba que ainda há uma demanda importante por esses profissionais quer na rede pública quer na rede particular de saúde.

Alda Motta (2010) esclarece que é entre as décadas de 1980 e 1990 que os idosos se tornaram objeto de estudo por uma razão mais utilitária que científica, eles “passam a ser considerados, pelo seu acelerado crescimento relativo e sua duração maior de vida, um “problema social” que é preciso resolver; do mesmo modo como “problemas” teriam sido os jovens contestadores da década de 1960 e os “menores” em “erro social” dos anos 1970 (MOTTA, 2010, p. 233).

A autora expõe uma visão mais realista sobre a maneira como a sociedade naquele momento percebia idosos, um ponto de vista que não difere muito do que se tem atualmente, onde os velhos são percebidos, por grande número de pessoas, como um fardo que precisa ser sustentando e cuidado pelos mais jovens, improdutivos, desconectadas do mundo tecnológico e feios porque não possuem mais o frescor da juventude, logo, uma “pedra de tropeço”, um “problema social”.

Para Debert (2012, p. 197) o início das pesquisas sobre velhice no Brasil é partir dos anos 1970. Nesse momento “a velhice passa a receber um tratamento acadêmico propriamente dito, transformando-se em um tema de pesquisa e de estudos no interior das Universidades, especialmente na pós-graduação em diferentes disciplinas”. A autora salienta que “até essa data a maioria dos estudos sobre o tema procurava apontar para o que é comum na experiência do envelhecimento nas sociedades industrializadas”.

Havia uma tentativa de homogeneizar as experiências vividas na velhice, ou mesmo minimizar as diferenças sociais, de gênero, classe ou raça. Diante disso houve a fundação da gerontologia social como um campo de estudos. Outro fato que impulsionou o cenário de investigação sociológico sobre os idosos também nessa década foi a publicação do livro de Simone de Beauvoir, *A Velhice: Realidade Incômoda*. O objetivo dessa obra foi evidenciar o tratamento dados aos idosos franceses, uma questão social que não estava restrita somente à França.

Com o surgimento desse campo de estudos no final da década de 1960, duas teorias dominavam esse campo de pesquisa, sendo elas: a teoria da atividade, e a teoria do desengajamento. “Para ambas, a velhice é definida como um momento de perda de papéis sociais e trata-se de entender, nos dois casos, como se dá o ajustamento social” (DEBERT, 2012, p.72). Esses modelos já não ocupam mais o cenário de pesquisa da gerontologia. “O que marca o debate atual ainda são dois modelos antagônicos de se pensar o envelhecimento” idem (DEBERT, 2012, p. 73).

O primeiro aponta a situação de abandono e pobreza a qual o velho é relegado, sendo a família, na maioria das vezes, que arca com o peso dessa situação. “Esse modelo é criticado,

porque estaria, sem pretender, alimentando os estereótipos da velhice como um período de retraimento em face da doença e da pobreza” (DEBERT, 2012, p.73).

O segundo modelo apresenta os idosos como pessoas ativas que se contrapõem aos estereótipos ligados à velhice. Se levado ao extremo esse modelo não admite a própria ideia de velhice, desconsiderando a idade como um marcador para definir as experiências vivenciadas. Esse novo modelo transforma o envelhecimento em mercado de consumo onde “a velhice pode ser eternamente adiada através da adoção de estilos de vida e forma de consumo adequadas” (DEBERT, 2012, p.74).

Essa mesma autora afirma ainda que a partir dos anos 1970 houve também mais sutileza por parte da produção acadêmica para as transformações ocorridas no processo de envelhecimento e na velhice ao longo do século XX. Citando os estudos feitos por Guillemard (1986), Debert (2012) escreve sobre as transformações com relação ao idoso num período que vai de 1945 até os dias atuais.

No primeiro período de -1945 a 1960- a velhice é associada quase sempre à situação de pobreza. “Nessa fase, a questão debatida é ainda a dos meios de subsistência dos trabalhadores velhos” (DEBERT, 2012, p.75). Há um debate sobre como suprir as lacunas deixadas pelo sistema de previdência social e como prover os idosos de outras formas de subsistência.

No segundo período de – 1945 a 1967- há uma mudança de sensibilidade em relação à velhice ela “passa a ser associada à ideia de solidão e marginalidade” (DEBERT, 2012, p.76). Uma nova sensibilidade despertada pelo aumento das camadas médias assalariadas, com maior poder de compra eles podem consumir. Essa nova percepção sobre velhice “é representada pela ideia de terceira idade” (idem).

O terceiro período é definido por uma concepção sobre pré-aposentadoria, “que implica a revisão da idade cronológica própria à aposentadoria” (DEBERT, 2012, p.76). Nesse novo período há um novo olhar sobre a velhice onde o trabalho do idoso, nessa fase, passa a ser considerado ilegítimo.

Phillipe Airiès (1983) citado por Debert (2012), também escreve sobre o idoso, destacando a maneira como o processo de envelhecimento, em meados do século passado, era vivenciado pelas pessoas consideradas idosas. O autor esclarece que a velhice era uma etapa de mudanças radicais naquela época, implicando a interrupção de uma série de atividades, como também alterando o estilo de vida e os costumes. “Mudança mantida até o final da existência do indivíduo” (DEBERT, 2012, p.77).

O modo de vestir e a maneira e a postura como os indivíduos se colocavam em público os uniformizava, ficando difícil determinar a idade de cada um tendo em vista a faixa etária

entre 40 e 50 anos para mulheres e 50 e 60 anos para os homens. Regras de conduta social que de maneira velada ditavam quem era considerado velho e como esse deveria comportar-se.

Por outro lado, a chamada “geração do progresso”, que são os nascidos nas últimas duas décadas do século XIX “demonstravam horror à velhice dos pais que, a partir de uma certa idade, já não desciam escadas porque não havia elevador para conduzi-los de volta à casa” (DEBERT, 2012, p.77).

Para essa geração a velhice poderia ser postergada, tendo em vista as comodidades como o elevador e o carro, que eram oferecidas pela vida moderna e que facilitavam a mobilidade dos idosos, oferecendo-lhes também um pouco de independência. “Não havia, por isso, nenhuma razão para a aposentadoria para o abandono das posições de prestígio e poder ocupadas ao longo da vida adulta” (DEBERT, 2012, p.77).

Com relação à terceira geração que são aqueles nascidos entre 1910 e 1920 há uma aceitação da aposentadoria como período de satisfação, mesmo que haja outras demandas nessa fase. Segundo Ariès é nesse momento que aflora um mercado voltado para esse tipo de público. Ou seja, surgem as atividades de lazer e Universidade para a terceira idade. Na verdade, são “formas para colocar em circulação o dinheiro dos velhos e constituir guetos de idosos, intensificando sua segregação” (DEBERT, 2012, p.77).

Essa segregação, de certa forma, contribui para o surgimento de doenças como a depressão ou o sentimento de vazio existencial. A felicidade nessa fase da vida é momentânea se for apenas mediada pela conquista de bens materiais. Ser feliz na velhice é ter um sentido existencial a partir de um olhar positivo sobre o passado e o momento presente, encantando-se pela vida a cada instante mesmo estando consciente sobre sua finitude.

Há também nesse período o surgimento de profissionais que irão dedicar-se à velhice. Porém, Ariès conclui que apesar dos apelos feitos pelo mercado de consumo, o grande problema a ser enfrentado pelos idosos hoje é a segregação. Para ele essa é mais danosa que a pobreza e a miséria. Ela pode iniciar-se dentro das famílias, estendendo-se para outros ambientes sociais, onde o idoso é desvalorizado pela condição apenas de ser velho.

Debert cita ainda os outros trabalhos de cunho histórico sobre o idoso como o de Thompson (1991) que compôs por meio de história de vida de idosos ingleses as relações familiares dos últimos 150 anos. Nesse estudo o autor destaca que há um mesmo padrão que se repete ao longo dos anos. As relações entre avós e netos são muito semelhantes e “os filhos são ainda a principal fonte de apoio esperada” (DEBERT, 2012, p.78). Nos momentos de crise morar com os filhos adultos é a solução mais acertada.

Por outro lado, hoje, devido a problemas econômicos e sociais, percebe-se também o inverso desse movimento. Filhos adultos solteiros sendo mantidos por seus pais idosos, ou filhos casados abrigando-se na casa dos pais devido a problemas financeiros. “Nas trocas intergeracionais, a direção das contribuições e dos apoios se dá dos mais velhos para os mais moços. Os filhos passam, assim, a dependentes dos pais velhos” (BARROS, 2006, p.125).

Uma situação que pode ser positiva ou conflituosa, dependendo da abertura das pessoas envolvidas para a busca de uma convivência harmoniosa. “O fato de os idosos viverem com os filhos não é garantia da presença do respeito e prestígio e nem a ausência de maus tratos” (DEBERT, 2012, p.83).

Nesse sentido segundo Debert (2012, p. 84) há vários estudos sobre novas formas de arranjos residenciais que “tendem a dissolver a ideia de que o bem-estar na velhice estaria ligado à intensidade das relações familiares ou ao convívio intergeracional”. Mais do que compartilhar um mesmo espaço com a família, ou estar em um local distinto, para o idoso, o mais significativo são as relações sociais estabelecidas por ele. Em muitos casos é a segregação espacial que proporciona o aumento das relações sociais, a prática de novas atividades e uma consequente satisfação na velhice.

Por isso “a segregação espacial do idoso é defendida como a solução mais adequada para um envelhecimento bem-sucedido. Existe também, em contrapartida, uma resistência, ou melhor, um “ideal de independência representado pela recusa dos pais idosos em morar com os filhos” (DEBERT, 2012, p. 84). Para muitos anciãos essa recusa pode, em alguns casos, indicar um quadro depressivo. Um idoso depressivo, tende a querer isolar-se do mundo e das pessoas, podendo esconder-se atrás de um pseudodiscurso de independência.

Contudo, se há trabalhos que, de certo modo, relativizam a importância da família para o bem-estar do idoso; “outras pesquisas enfatizam que as relações familiares ainda são fundamentais na assistência ao idoso e nas expectativas em relação ao processo de envelhecimento” (DEBERT, 2012, p.86).

No entanto, a dificuldade encontrada por pesquisadores que procuram avaliar o bem-estar na velhice em termos e relações intergeracionais é a ausência de medidores eficazes e definitivos Debert (2012). “Como encontrar medidores adequados de bem-estar na velhice, quando o que está em jogo, não é apenas o nível de renda e de saúde, mas aspectos mais subjetivos, como satisfação, solidão, níveis de ansiedade insegurança e qualidade de apoio” (DEBERT, 2012, p.88).

De fato, esses aspectos não podem ser mensurados de maneira quantitativa, mas podem ser compreendidos, através de uma análise qualitativa, sobre o impacto que causam no emocional do

sujeito pesquisado. Caso contrário, “pensar na relação entre o idoso e a família é ora fazer um retrato trágico da experiência de envelhecimento, ora minimizar o conjunto de transformações ocorridas nas relações familiares” (DEBERT, 2012 p.87). E, pensar na convivência dos idosos em grupo, seria acreditar que as interações “e a criatividade grupal seriam capazes de minimizar ou mesmo negar os inconvenientes trazidos pelo avanço da idade” (idem).

Uma tendência, que segundo a autora, torna-se mais clara nas pesquisas cuja preocupação é a velhice e sua relação com etnicidade e classe social, evidenciando que a velhice não é uma categoria homogeneizadora. Logo, atualmente, “qualquer pesquisa que não levar em conta as especificidades das minorias será criticada, em termos de possibilidades de generalização de suas conclusões, mesmo quando seu universo é definido com bastante precisão” (DEBERT, 2013, p.88).

Nesse sentido, Siqueira et al (2002) identificou quatro perspectivas de análise para a velhice, tomando por referência 19 obras publicadas em 1970. A “biológico/comportamentalista”, a “economicista”, a “socioculturalista” e a “transdisciplinar”. Esses autores concluíram que as obras que priorizavam os aspectos biológico/comportamentalista, econômico ou sociocultural tinham mais chances de afastarem-se da complexidade dos fatos que cercam o processo de envelhecimento como um processo heterogêneo.

E, ao contrário, aquelas que adotaram uma perspectiva transdisciplinar aproximavam-se mais dos fenômenos que cercam o processo e envelhecimento em sua complexidade e heterogeneidade. Mas, por outro lado, “encerram a velhice em uma pluralidade de experiências individuais que impossibilita retê-la em um conceito ou noção ao investigá-la (SIQUEIRA et al, 2002, p.905). Os autores percebem uma necessidade de aprofundamento dos debates teóricos e práticos sobre esse tema na atualidade.

Por isso, pensar sobre o processo de envelhecimento e os diferentes aspectos que o compõem é complexo. Um amplo debate que necessita ser atualizado e aprofundado, a partir de uma reflexão sobre a velhice por meio de fatores econômicos, de gênero, culturais e sociais, complexidade que também é estendida para o sujeito que vivencia esse processo. Quem é ele? Velho ou idoso? Terceira Idade? É o que vai se debater no próximo tópico.

1.4. VELHO OU IDOSO?

Em 2002 a OMS (Organização Mundial de Saúde), conforme o nível socioeconômico de cada país, recomendou que a população considerada idosa no mundo seja aquela que

apresenta 60 anos ou mais em países em desenvolvimento, e 65 anos ou mais em países desenvolvidos. Classifica também como anciãos idosos aqueles cuja idade encontra-se entre 75 a 89 anos. E, velhice extrema para idosos com idade superior ou igual a 90 anos.

Maneira externa de classificar o idoso que já havia sido considerada por Beauvoir (1990) ao concluir que o idoso é descrito pelo outro e não por ele mesmo. Um outro que pode ser um indivíduo mais jovem, de mesma idade, mais velho que ele, como também uma instituição. Barros (2013, p. 130), nesse sentido afirma que “pensar na velhice em termos de identidade social possibilita perceber que a velhice é uma classificação social, uma vez que há uma atribuição por parte da sociedade e uma auto-atribuição concomitante da identidade etária”.

Esse critério classificatório, onde a idade cronológica é estabelecida por exigência legal, visa um ordenamento social e político. Ele não leva em conta a subjetividade dos sujeitos e as diferentes percepções que possam ter sobre o envelhecer. Nem mesmo a multiplicidade da velhice em seus aspectos internos e externos que movem o ser humano, possibilitando-o fazer-se e refazer-se a cada momento. Não é o avanço da idade que marca as etapas mais significativas da vida; a velhice é, antes, um processo contínuo de reconstrução (DEBERT, 2013, p.95).

Por ser um processo reconstrutivo e plural ao mesmo tempo, não existe “a velhice, existem “velhices”; o que também significa que não existe velho; existem velhos; “velhos” e “velhas”, em pluralidade de imagens socialmente construídas e referidas a um determinado tempo do ciclo de vida” (MOTTA, 2006, p. 76). Pensar sobre a qual imagem de velho ou velha o idoso se encaixa, e se essa imagem realmente lhe traduz é um processo complexo, no qual a complexidade e amplitude encontra seu eco nos aspectos socioculturais, éticos, econômicos e de gênero.

Nesse sentido Pellandad (2012) define a velhice como um devir o que exige do idoso esforço de autorregulação e autoria, para romper com os traços estigmatizados, que na maioria das vezes, estão associados a: “feiura, doença, desesperança, solidão, fim da vida, morte, tristeza, inatividade, pobreza, falta de consciência de si e do mundo” (BARROS 2013, p. 130). Romper com esses conceitos depreciativos, e mergulhar em si, pode permitir que o idoso se sinta único. E a partir daí descubra-se ser inteiro diante de sua trajetória de vida, independente dos estereótipos negativos à sua volta, configurando-se como autor e sujeito de sua história.

No entanto, talvez, um dos obstáculos para esse processo de vir a ser e o rompimento com os estigmas definidores da velhice, esteja no simbolismo que a palavra velho contém. Sendo assim, ele precisa ser rompido. Pois, impede que as pessoas envelhecidas vivam de forma mais harmônica essa etapa da vida, condicionando de certo modo, sua subjetividade. Peixoto (2012),

ao fazer um resgate histórico sobre a palavra velho no Brasil, pode nos ajudar a compreender a dimensão simbólica e pejorativa que essa palavra possui, e o incômodo que traz.

A autora esclarece-nos que a palavra velho era usada tanto para designar pessoas envelhecidas de maneira exclusiva, como para objetos antes dos anos 1960. Logo, o sentido era de algo, antigo, gasto e sem utilidade, trazendo, também para as pessoas o entendimento de serem incapazes para produzir e trabalhar. Assim, “até o século XIX, a velhice era tratada como uma questão de mendicância, porque sua fundamental característica era a não possibilidade que uma pessoa apresentava de se assegurar financeiramente” (ARAÚJO & CARVALHO, 2005, p.03).

Em contrapartida, velho também poderia ser usado em tom afetivo, possuindo, como no caso da França, certa ambiguidade “por ser um modo de expressão afetivo ou pejorativo, cujo emprego se distinguia pela entonação ou pelo contexto em que era utilizado” (PEIXOTO, 2013, p. 77).

Dessa forma, com o uso ambíguo da palavra velho, não há como esses indivíduos serem vistos socialmente. Peixoto (2012) era denominado velho (*vieux*) ou velhote (*veillard*), na França, aquele indivíduo que não desfrutava de status social. Embora o termo (*veillard*) também se associasse à imagem do “bom cidadão”, “bom pai”, etc. Um vocábulo ambíguo cuja intenção de uso oscila entre bom caráter, ou humilhação. E nessa dinâmica ambígua, fica às vezes difícil saber em qual sentido o vocábulo velho está sendo dito quando refere-se a uma pessoa envelhecida.

Uma forma, talvez, de mascarar pelo discurso, a real intenção que se faz ao nomear uma pessoa envelhecida. E, mesmo que a palavra velho seja trocada para referir-se a pessoas envelhecidas sua carga semântica não pode ser apagada. Ou melhor, seu simbolismo já fora internalizado socialmente pelas pessoas, passando a povoar a subjetividades de jovens e velhos.

Assim, devido à sua ambiguidade a troca da palavra “velho”, por idoso, no Brasil acompanha “os ecos vindos da Europa sobre a mudança da imagem da velhice. Essa mudança chega às terras brasileiras no final da década de 60” Peixoto (*idem*). A autora pontua que o vocábulo idoso já existia, mas, no entanto, não era de uso corrente em nossa língua. E, mesmo que “o termo idoso não fosse muito empregado, observa-se que as ambivalências já são fortes: velho e idoso podem se confundir, mas idoso marca um tratamento mais respeitoso” (PEIXOTO, 2013, p.77).

Em contrapartida, Peixoto (2013) tomando por base, a obra do médico geriatra Fillizzola (1972) explica que os vocábulos “velho” e idoso, naquela época, também fazia uma distinção social ao nomearem os asilos que começavam a proliferar em nosso país. Ou seja, “a casa de apartamento para Idosos e o Lar da velhice” (PEIXOTO, 2013, p.78). A casa de apartamentos,

consistia em pequenos apartamentos para idosos ou casais, dispendo de serviços médico e social, com restaurante e lavanderia; procuravam oferecer uma vida confortável para os idosos.

Ao contrário, os lares da velhice eram casas de um plano só, dispendo de menos privacidade e prestação de serviços, logo, menos conforto para os idosos. E se a denominação dada a esses espaços, destinados a pessoas idosas, revela certa ambivalência, “a descrição de suas instalações mostra bem o tratamento diferenciado dispensado às diversas camadas sociais; o “lar” para os velhos e pobres, a “residência” para os idosos pertencentes às camadas mais favorecidas” (PEIXOTO, 2013, p. 78).

Logo, percebe-se que a representação social da pessoa envelhecida, naquele tempo era condicionada também pelo poder aquisitivo; e uma mudança de nomenclatura nesse caso não seria suficiente para a equalização de direitos, dando dignidade aos anciãos independente da classe social a qual pertençam. Por isso, mesmo dentro do governo, segundo Peixoto (2013, p.78) há ações que visem uma mudança de nomenclatura, para designar a pessoa envelhecida. “Mas isso não significa a implantação de uma política social voltada especificamente para a velhice”, que garanta para essa faixa etária melhores condições de vida nessa fase da vida.

Sendo assim, “o termo “velho” tem uma conotação negativa ao designar, sobretudo, as pessoas de mais idade pertencentes às camadas populares que apresentam mais nitidamente os traços do envelhecimento e do declínio” Peixoto (idem). Homens e mulheres que por uma questão social e econômica não tiveram acesso à educação de qualidade, moradia adequada ou tratamento médico. As rugas na face e nas mãos, corpos encurvados que se arrastam, um padrão estético nada agradável para se ver ou almejar, pode esconder uma juventude e fase adulta onde faltaram alguns cuidados básicos, aos quais não se pôde ter acesso.

Para esse grupo social “a velhice é sempre associada à decadência, muito mais do que às propaladas sabedoria e experiência. Decadência física, mental, social, doença, dependência e fealdade. E todos exorcizam o fantasma de seu futuro, afastando-se dele ou até ensaiando destruí-lo” (MOTTA, 2013, p.228). Nesse caso, ser velho significa apresentar uma série de características negativas (BARROS, 2013).

Mas o estigma da velhice, em nossa sociedade, não é para todos. Entre os intelectuais e no meio artístico existe a figura do grande mestre. A velhice confere a essas pessoas, através dos muitos anos vividos, experiência e sabedoria. “Maria Luiza de Gusmão (1977) levanta a questão da não-existência do estigma da velhice entre os indivíduos que ocupam posições superiores na vida política ou entre artistas e intelectuais” (BARROS, 2013, p.140).

Por outro lado, há aqueles que desejam ser nomeados apenas como “terceira idade” numa tentativa, talvez, de ofuscar o estigma da velhice em suas vidas. Nesse caso, a grande

maioria, não faz parte do círculo privilegiado de artistas e intelectuais, mas podem ser consumidores. Debert (2012) explica que o discurso publicitário usa a figura da pessoa envelhecida para chocar os consumidores, invertendo o que acontece na vida real, ou trabalha com a dimensão aspiracional. Ou seja, “como a dona de casa na meia idade que compra a margarina, gostaria que fosse sua velhice” (idem, p.219)

Por isso, contribui para que o idoso e os jovens desejem um ideal de velhice voltado para o consumo. Comprar determinados produtos pode ser uma tentativa de suprir a carência emocional provocada por uma imagem de velhice, na maioria das vezes, negativa, desprezada por muitos. Ou validar a narrativa publicitária sobre velhice saudável, onde sua construção se faz pela oposição temporal entre presente, passado e futuro Debert (2012).

Nesse discurso a velhice é um momento de isolamento e abandono no passado, cabendo ao velho esperar a morte. No tempo presente a velhice é um momento de prazer e de consumo. Fato validado pela mídia, através de gerontólogos e especialistas que “confirmam que o avanço da idade não traz nenhum tipo de problemas para quem tem uma atitude positiva perante a vida (DEBERT, 2012, p.222).

Esse discurso coloca o envelhecimento saudável como um ideal a ser alcançado apenas pelos esforços da pessoa. E não se menciona a passagem inexorável dos anos e o conseqüente envelhecimento biológico do organismo em suas funções mais elementares. Por isso, a pessoa envelhecida deve desonerar a família e a sociedade do peso de ser velho e doente, por meio de práticas saudáveis que lhe “retardem”, ou minimizem a velhice.

O tempo futuro muitas vezes se apresenta sombrio para os idosos. A maior preocupação com esse tempo é o crescimento demográfico. “2025 é anunciado como o ano da catástrofe, caso não ocorram os aumentos dos impostos e diminuição da aposentadoria e da idade dos aposentados” Debert (idem). O que poderia gerar um colapso econômico e social no Brasil semelhante ao que já está sendo vivenciado por países europeus, cujo número de idosos já ultrapassa ao da população jovem, causando um déficit nos fundos de pensões, facilitando o endividamento das pessoas velhas e a queda em seu poder aquisitivo. Mas ao mesmo tempo há uma expectativa positiva, que os especialistas anunciam, sobre o futuro dos velhos com os avanços da medicina. Eles poderão ser cada vez mais longevos como também e saudáveis.

Logo, compreender a velhice é lidar com fatores complexos, múltiplos e variados, uma categoria heterogênea, não sendo possível reduzi-la a um único aspecto, hipótese, que segundo Debert (2012, p. 141) sedimentava os primeiros estudos gerontológicos. “Esses estudos eram tão prementes e semelhantes que minimizavam também as diferenças de gênero”.

Portanto, se a representação social é um fator significativo, com desdobramentos no discurso publicitário, quando se pensa sobre a velhice, o aspecto gênero é igualmente relevante. O processo de envelhecimento não é o mesmo para homens e mulheres. E pensar sobre gênero na velhice é, talvez, pensar sobre o aspecto de maior impacto. Uma categoria, que atrelada às diferenças entre homens e mulheres, condiciona também as de ordem social, cultural e econômica. E é sobre a velhice feminina e a profissão docente que trataremos a seguir.

1.5. A MULHER IDOSA

Dos idosos de todos os continentes a partir de 65 anos 55% são mulheres e 65% são mulheres entre os mais velhos, ou seja, aqueles com idade igual ou superior à 80 anos. Em nosso país, a partir de dados do IBGE, em 2012 as idosas correspondiam a 55% de um total de 23 milhões de idosos. (NERI, 2001) Idosas de todas as classes sociais formam hoje um segmento cada vez mais visível e diferenciado, que responde de modos os mais variados às várias demandas da sociedade e do envelhecimento.

No entanto, esses números, em certa medida, não revelam a dupla vulnerabilidade a que estão expostas as mulheres na velhice. Para Debert (2012) as mulheres envelhecidas carregam o peso de uma dupla discriminação – como mulheres e como idosas. Uma situação que seria exacerbada com a chegada prematura da velhice, quer seja por fatores biológicos, com a chegada da menopausa, ou sociais - um aspecto nem sempre considerado em pesquisas quantitativas.

Sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem prematura à velhice. Essa passagem antes de ser contada pela referência cronológica, seria caracterizada por uma série de eventos associados à perda como o abandono dos filhos adultos, a viuvez ou o conjunto de transformações físicas trazidas pelo avanço da idade (DEBERT, 2012, p.140).

Ainda sobre a diferença quantitativa entre homens e mulheres na velhice, Salgado (2002) esclarece que corresponde a uma desigualdade de gênero na expectativa de vida dos seres humanos, o que explica o maior número de mulheres. Um fenômeno que tem abrangência mundial. As mulheres acima de 65 anos de idade têm em média sete anos de vida a mais que os homens. Nos países desenvolvidos essa diferença pode chegar a 18 “devido aos ganhos em longevidade em faixas etárias mais velhas se incrementarem mais nas mulheres que nos

homens” (SALGADO, 2002, p.09). As mulheres procuram mais os serviços médicos tanto para prevenção quanto para tratamento, assim cuidam melhor de sua saúde.

Outra característica é que elas são maioria na viuvez. Primeiro porque geralmente, casam-se com homens mais velhos, logo há uma probabilidade maior de ficarem viúvas. “Três de cada quatro mulheres ficam viúvas, e as possibilidades de casarem novamente são baixas e diminuem com a idade” (SALGADO 2002, p.15). E, outra explicação seria a de que os viúvos, tendem a casarem-se novamente, com mulheres mais jovens e as viúvas optam por ficarem sozinhas.

O aumento da longevidade ocorrido na população em nível mundial implica a existência de mais de uma geração de velhos (as) em uma mesma família, e as projeções demográficas indicam que no, futuro, essas gerações estarão compostas, principalmente, por mulheres velhas que, possivelmente, estejam cuidando de suas velhas mães ou avós (SALGADO, 2002, p. 09).

Assim, mulheres jovens que se casam com viúvos mais velhos podem enviuvar mais cedo. Com isso, o fenômeno demográfico se mantém com as mulheres idosas sendo maioria, cujo resultado é a “feminização da velhice”, um fenômeno mundial. As futuras gerações de idosos serão de mulheres envelhecidas. Como consequência, nas famílias, a maioria das pessoas em idade avançada serão mulheres velhas, duas ou três gerações, sendo cuidadas por outras mulheres idosas.

Os diferenciais por sexo quanto ao estado conjugal são devidos, de um lado, à maior longevidade das mulheres e, por outro, a normas sociais e culturais prevalentes em nossa sociedade que levam os homens a se casarem com mulheres mais jovens do que eles. Além disso, o novo casamento para viúvos idosos é maior do que para viúvas (CAMARANO, 2003, p. 39).

Outro aspecto a ser considerado é que na velhice os papéis, valores e atitudes femininos e masculinos se misturam ou alternam-se. As identidades e as representações passariam por um processo de reconstrução para que os sujeitos se adaptassem de maneira positiva à essa nova fase da vida; ou mesmo para um novo ordenamento da família da qual fazem parte. Assim, o envelhecimento envolveria uma masculinização das mulheres e uma feminização dos homens de forma que as diferenças se dissolveriam na “normalidade da idade avançada”. (DEBERT, 2013, p. 142)

Mas, esse processo de feminização versus masculinização dos idosos talvez não dissolva por completo as diferenças de gênero/sexo entre homens e mulheres na velhice. Os “velhos têm encontrado destinos e situações mais assemelhados – aproximados pelo preconceito e pelo cerceamento social – porém jamais idênticas, em situações sempre nuançadas pela condição de

gênero” (MOTTA 2011, p. 15). Logo, “o aumento da longevidade da mulher trouxe consigo um prolongamento dos papéis normais de adulto, o acréscimo de papéis novos e a flexibilidade de outros no curso da vida” (SALGADO, 2002, p.11).

Salgado (2002) também evidencia que há problemas na velhice predominantemente femininos (doenças crônicas, recursos econômicos insuficientes, necessidade de atenção e cuidado, sobrevivência a amigos próximos, dentre outros). Em nível social, a maioria das mulheres idosas, convivem com baixos rendimentos na velhice, viuvez, ou separação, afastamento dos filhos e com o papel de cuidadora de outros familiares dependentes.

Em nível psicológico, as idosas são confrontadas com sentimentos de menos valia provocados por estereótipos sociais como: “a não aceitação da velhice”, a negação da sexualidade; “porque já não estou para isto”; uma baixa autoestima porque: “já fisicamente não me vejo como antes”, quando as estruturas sociais exigem de a mulher ser jovem, bonita e produtiva para participar e contribuir com a sociedade” (SALGADO, 2002, p.12).

Por isso, há mais trabalhos sobre o homem velho. “Ao homem velho se dá maior atenção, na medida em que se percebe a aposentadoria como uma mudança radical de vida – uma passagem de um mundo amplo e público para um mundo doméstico e restrito.

Na mulher, a velhice não traz essa carga de mudança abrupta (BARROS, 2013, p.114): “A mulher na velhice está no último estágio de um *continuum* sempre ligado à esfera doméstica, não só porque a grande maioria não teve uma vida profissional ativa, como também porque é este o mundo interno do lar, da família e da casa que a mulher está ideologicamente vinculada”.

No entanto, mesmo com escassa produção científica sobre a mulher idosa, as situações enfrentadas pela maioria, na velhice, como as que foram citadas e tantas outras, devem ser conhecidas para que possíveis soluções possam ser pensadas. Nesse sentido Salgado (2002) destaca outras dificuldades às quais são expostas as mulheres idosas, talvez mais difíceis de serem enfrentadas do que as colocadas anteriormente.

Primeiro a gerofobia, ou seja, a discriminação por idade, que também é sexista ao considerar as mulheres idosas mais velhas que os homens, levando em conta, principalmente atributos físicos. O homem velho calvo é durão e viril, a mulher idosa é a imagem da decadência, sendo descritas em muitos textos literários como bruxas velhas e feias. Vieira (2007) esclarece que as bruxas eram caracterizadas como mulheres idosas, feias, possuindo alguma marca de nascença ou defeito físico, elas simbolizavam decadência física e moral.

A origem dessa fobia, demonstrada pelo discurso literário, ou mesmo em outras manifestações artísticas, pode revelar, em certa medida o medo que as gerações jovens têm de envelhecer, por temerem a discriminação, na velhice, principalmente, pelos atributos físicos.

“Essa discriminação para com a mulher idosa está intimamente ligada ao sexismo e é a extensão lógica da insistência de que as mulheres valem na medida em que são atrativas e úteis ao homem” (SALGADO,2001 p.12). Dessa forma, “a mulher mais velha perde o status de objeto de desejo” (NEGREIROS,2004, p.81).

Segundo pobreza e solidão. Muitas idosas não possuem aposentadoria porque não trabalharam fora de casa. E, o trabalho doméstico que exerceram, não foi considerado como uma atividade laboral para que recebessem por ele uma remuneração na velhice. Por isso muitas idosas enfrentam uma situação de pobreza e maior dependência quer seja da família ou do Estado.

Por outro lado, aquelas que conseguiram trabalhar fora e aposentar-se, convivem com um rendimento menor do que o do homem. Dados da Pnad/2012 revelaram que o rendimento das mulheres brasileiras equivale a 73% do rendimento do homem. Giddens (2012) afirma que o papel social do homem, em geral, é mais valorizado. A ele cabe o sustento da família e às mulheres o cuidado dos filhos e da casa. Com isso há uma divisão de trabalho onde as posições assumidas por homens e mulheres são desiguais em prestígio, riqueza e poder.

Essa diferença pode ser percebida na ausência de equidade remunerativa que há entre homens e mulheres em nossa sociedade, ou mesmo os baixos salários de determinadas profissões, cuja predominância de exercício é feminina, como é o caso da profissão docente. Em pesquisa realizada na Cidade de São Paulo, para traçar um perfil dos educadores de ensino médio, Peñloza (1997) constatou que os professores recebiam mais que as professoras. “As mulheres ganham menos e, por esta razão, as aposentadorias são mais baixas; caso decidam voltar a trabalhar, não são admitidas por falta de experiência recente ou pela idade” (SALGADO, 2001, p. 14).

Giddens (2012) salienta ainda que as diferenças de gênero não existem biologicamente, a questão é que homens e mulheres são socializados em papéis sociais diferentes. Logo, faz-se necessário a sociedade abrir-se para uma mudança cultural, onde os papéis sociais de homens e mulheres possam ser repensados e ao mesmo tempo suas funções e remunerações equalizadas.

Terceiro perdas e mudanças. As mulheres na velhice enfrentam perdas de natureza física provocadas por doenças e agravos. Um exemplo é o câncer de mama que atinge uma em cada nove mulheres. Uma doença que a depender de sua gravidade pode provocar a morte ou levar à histerectomia. “Muitas dessas perdas vão minando a imagem reforçada pela sociedade de parecerem jovens e saudáveis” (SALGADO, 2001, p. 15).

Há outros agravos crônicos que atingem a mulher idosa, principalmente aquelas acima de 80 anos (artrite catarata, diabetes, problemas cardíacos, fratura de cadeiras, hipertensão, osteoporose, acidente vascular cerebral e varizes). Existe uma suposição de que esses problemas

de saúde estejam associados, em parte, ao nível socioeconômico baixo. E, concomitante ao aparecimento de doenças, a mulher envelhecida, casada ou viúva que tenha filhos, enfrenta a etapa do ninho vazio.

Um momento na dinâmica familiar caracterizado pelo crescimento e saída dos filhos de casa. Muitas mulheres experimentam um sentimento de perda e depressão, pela saída dos filhos. E, em alguns casos, sentem-se depressivas também pela separação de seu companheiro, ou falecimento dos genitores e amigos próximos. Para muitas pode haver também a sobrecarga da função de cuidadora com os pais ou outros parentes em idade avançada ou que se encontrem doentes.

Contudo, segundo Salgado (2012), há aspectos positivos no processo de envelhecimento feminino. O que torna esse momento agradável e singular para muitas mulheres. Nessa fase, viver só, não significa, necessariamente, estar solitário. Elas podem se valer de habilidades interpessoais para manter e fazer novas amizades, ou relacionar-se com familiares e vizinhos. E, esse pode ser um diferencial na velhice que as distancie de uma vida solitária, onde predomine a ausência de relacionamentos interpessoais. Um agravante para quadros depressivos.

Outro aspecto é o pontuado por Barros (2013) e Debert (2012) ou seja, a velhice feminina seria menos tensa do que a masculina. As mulheres na velhice não experimentam um impacto tão grande quanto os homens com relação à aposentadoria no que se refere a uma vida mais restrita ao lar. Um segundo ponto levantado por Debert, como um fator positivo para as idosas, é o fato de poderem ser cuidadas pelos filhos. “Os vínculos afetivos entre mães e filhos são mais intensos, e por isso os filhos estão mais dispostos a cuidar delas de que de seus pais idosos” (DEBERT, 2012, p.140). Haveria, então, menos probabilidade de idosas, cujos filhos são homens, ficarem desamparadas na velhice.

Sendo assim, com os avanços da longevidade as mulheres envelhecidas podem iniciar novos projetos, ou até exercerem uma profissão diferente. Um processo que para Laranjeira (2010) é uma redescritção do envelhecimento. O desafio consiste em encontrar formas efetivas e viáveis que possibilitem essa emancipação feminina na velhice, seja através de uma segunda carreira, como mencionado, ou do voluntariado e/ou ativismo (LARANJEIRA, 2010).

1.6. A PROFISSÃO DOCENTE

A profissão docente foi a primeira, ou uma das primeiras possibilidades de emprego formal que as mulheres puderam exercer fora de casa. Segundo Vianna (2013) trata-se de um dos primeiros campos de trabalho para mulheres das classes médias, estudiosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe, como também protagonista da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica. Dessa forma, o magistério foi uma profissão que em seu início foi marcada por uma distinção de classe social e de gênero.

Sendo assim, há em nosso país, expressivo número de educadoras idosas aposentadas; cuja existência, como objeto de estudo é, de certo modo, negligenciada, devido à ausência de pesquisas sobre essa temática. Existe maior interesse sobre o homem idoso, porque para ele a aposentadoria seria um momento drástico a ser enfrenado. Um rompimento com o ambiente laboral, incluindo amizades, para um ambiente doméstico mais restrito.

Para as mulheres, a aposentadoria seria uma fase menos dramática; mas mesmo diante desse cenário, “é preciso estimular mais pesquisas sobre idosas para que os mitos sobre a terceira idade sejam desvendados e para que as mulheres passem a enxergar a velhice não como uma fase de decadência, mas como uma fase de novas conquistas” (BUENO & LIMA, 2009, p.278). Independente de classe social, ou profissão exercida, elas precisam ser melhor compreendidas a partir dos aspectos heterogêneos que as compõem.

Hoje, sabe-se que não é possível pensar numa área de conhecimento cuja categoria de análise seja a mulher. A defesa do conceito de gênero, acompanhando o debate internacional, passou a adquirir caráter relacional e a abarcar a definição e a estruturação das relações sociais, englobando as dimensões de classe, raça, etnia e geração na procura de apreensão das distintas formas de desigualdade (VIANNA, 2013, p.160).

Quanto ao grande número de docentes, quer seja em exercício ou aposentadas em nosso país, Rabelo & Martins (2006) esclarecem que não se trata de fenômeno apenas quantitativo. Existe uma concepção em torno dessa profissão que a caracteriza como feminina, sendo dessa forma, cada vez mais desvalorizada que, no caso de educadoras idosas aposentadas, pode ser um agravante em termos de desinteresse acadêmico pela temática.

A associação da atividade de magistério a um “dom” ou a uma “vocação” feminina baseia-se em explicações que relacionam o fato de a mulher gerar em seu ventre um bebê com a “consequente função materna” de cuidar de crianças; função esta que seria ligada à feminilidade, à tarefa de educar e socializar os indivíduos durante a infância. Dessa forma, a mulher deveria seguir seu “dom” ou “vocação” para a docência (RABELO & MARTINS, 2006, p.6168).

Rabelo & Martins (2006) a partir de um perfil histórico da profissão docente, destacam que por longo tempo cabia aos homens exercer o magistério, principalmente aos religiosos. A revolução francesa marcou a entrada da mulher na educação, embora “não é a sua entrada no magistério que permitiu que as separações e discriminações efetuadas com base nas relações de gênero não estivessem presentes na escola Rabelo & Martins (idem). Elas já estavam cristalizadas dentro das instituições de ensino.

Vianna (2013) ao citar os estudos de Apple, 1995; Araújo, 1990; Nóvoa, 1989; Williams, 1997; Zaidman, 1986, afirma que a chamada feminização do magistério caracteriza-se ao longo da história como um fenômeno internacional pautado por alterações nas relações econômicas e patriarcais que configuram a própria definição de magistério.

Logo, o exercício dessa profissão, nas sociedades ocidentais, com predominância feminina, reflete uma diferença de gênero. Essa diferença, talvez, condicione um lugar profissional para as mulheres muito mais construído e imposto que uma livre escolha por parte delas, mesmo que de maneira inconsciente.

No Brasil essa dinâmica da mulher como educadora não foi imediata. Ela teve início no final do século XIX com as chamadas escolas de improviso (VIANNA, 2013), ganhando destaque no final do império. Essa data também marca a saída dos homens desse cenário profissional.

Nos anos 1920 e 1930 as mulheres já eram maioria nas escolas primárias. Sua presença foi sendo gradualmente estendida aos demais níveis de ensino de forma “gradativa e com algumas contradições” (VIANNA, 2013, p.164). Nas décadas de 1940 e 1950 houve uma saturação com excesso de educadoras no cenário nacional, fato que se estendeu durante os séculos XX e XXI.

A configuração desse processo que culmina com a constatação de uma maioria absoluta de mulheres no magistério na década de 1990 relaciona-se, ainda que indiretamente, com a dinâmica do mercado de trabalho e, nela a divisão sexual do trabalho e a configuração das chamadas profissões femininas (VIANNA, 2013, p.165).

A configuração das chamadas profissões femininas era justificada pelo regime patriarcal conduzido pela cultura judaico-cristã, onde as mulheres eram subjugadas pelos homens ou seja pais, irmãos ou maridos. Sua vida era restrita à esfera doméstica e bastava-lhes o conhecimento de algumas letras e cálculos aritméticos básicos, assim, atrelada à esfera doméstica, segundo a concepção da época, não seria motivo de “tentação”, podendo ser “domada” para ser uma boa mãe e dona de casa.

Essa imagem de mulher tentadora, inspirada na História bíblica de Adão e Eva, estava presente na memória dessas mulheres, que por meio de registros escritos; guardavam ou mesmo recriavam momentos considerados significativos para suas vidas. Assim, “o fato de a mulher ser subjugada ao âmbito doméstico acaba fazendo com que ela tenha mais tempo para refletir sobre suas vivências e, assim, possa tentar registrar, com detalhes, seus momentos de prazer, ativando sua memória (RABELO & MARTINS 2006, p.669). Uma memória que não só recordava como também inquiria sobre os fatos passados, por isso torna-se perigosa. “Nela se manifestava a liberdade de pensamento tão temida pela igreja e pelo poder” (RABELO & MARTINS, idem).

Por isso, torna-se necessário controlar a memória feminina, pois essa significava instrumento de poder, e mesmo que trabalhasse fora de casa, a mulher deveria ser vigiada para evitar que sua memória corresse “solta”. Daí a mulher poderia trabalhar, mas em atividades que não compromettesse o poder masculino sobre ela, evitando inclusive que fosse exposta aos perigos do sexo oposto; pois tratava-se de ser “frágil” e propenso a “tentações”.

A melhor opção, então, era deixá-la cuidando de crianças, naturalmente, já estava “predestinada” para tal ofício. E, às crianças pequenas não oferecia risco, no sentido de que pudesse despertá-las como seres críticos. “Assim, é através do magistério, considerado um trabalho feminino, por excelência, que a mulher brasileira pôde abrir caminho ao exercício profissional” (RABELO & MARTINS, 2006, p. 670).

Por outro lado, percebe-se que, atualmente, em alguns lugares do Brasil, há um aumento de homens na função de educadores. Um exemplo desse fenômeno é a rede municipal da cidade de São Paulo que, entre 2005 e 2010, registrou o aumento de 30% de homens, entre educadores, auxiliares, técnicos de Educação e diretores de escola (VIANNA,2013).

Entretanto, embora haja esse acanhado crescimento do sexo masculino no magistério, a configuração do que chamamos de feminização do magistério tem sua história e suas implicações de gênero para além da mera composição sexual da categoria docente Vianna (idem). E talvez um desses desdobramentos se reflita no valor da aposentadoria pago a homens e mulheres, quer sejam docentes ou não.

Pois como já mencionamos o rendimento de homens e mulheres é diferenciado, recaindo sobre os primeiros, maior poder aquisitivo. Por isso, sob esse ponto de vista, a aposentadoria é uma categoria que não pode ser considerada hegemônica. E, é sobre ela que escreveremos a seguir.

1.7. APOSENTADORIA

Trabalhar é uma atividade significativa para o desenvolvimento humano, um elemento importante para a construção da identidade, por meio do exercício profissional. Trata-se de um regulador da vida humana, sob a qual os horários das mais diversas atividades ou mesmo os relacionamentos são determinados.

Por outro lado, exercer uma atividade laboral para o ser humano é estar interligado também a dois processos de forma concomitante: o auto- conhecimento e o alter-conhecimento; onde o sujeito se reconhece e é reconhecido através das interações sociais compartilhadas no ambiente de trabalho.

Assim,

A maneira como o homem se relaciona com o trabalho faz com que tenha concepções e significados diferentes, que devem ser respeitados e entendidos, pois nenhum homem mesmo exercendo funções semelhantes no processo de trabalho, não trabalha da mesma forma. Cada indivíduo se apropria do trabalho de maneira diferente, o que irá sustentar essa diferenciação será a maneira como o sujeito convive em seu meio social, considerado seu contexto socioeconômico (BULLA & KEFFER, 2003, p.03).

A aposentadoria é o rompimento desse processo; significando o desligamento do trabalhador de seu ambiente laboral, para viver, em tese, de maneira mais tranquila, a última etapa da vida. Por isso, ela também carrega o simbolismo de ser um marcador social para o início da velhice, independentemente da idade; agregando alguns aspectos negativos além da ruptura com o ambiente de trabalho ou seja: dependência do Sistema Previdenciário, ausência de papel social significativo, ociosidade e marginalização social. Embora para Fôlha & Novo (2011, p. 05) “é necessário pensar a aposentadoria, velhice e até o envelhecimento de formas diferentes, uma vez que não possuem o mesmo significado”

Motta (2013, p. 227) esclarece que “do mesmo modo que a participação do jovem no mercado de trabalho o assinala como adulto responsável (e sua assunção social formal ao público), um dos momentos cruciais da passagem da maturidade à velhice dá-se com a aposentadoria (reenvio do trabalhador ao privado e à inatividade oficial”. Assim, “o aposentado é considerado como um sujeito que não tem mais capacidade de contribuir para sociedade, pois não trabalha e não produz algo útil ou novo” (idem).

Este posicionamento pejorativo confirma a ausência de um papel social, pois o trabalhador torna-se um inativo, e este não tem mais representatividade” (OLIVEIRA &

SCORTEGAGNA, 2012, p.04). Segundo (BEAUVOIR, 1990, p. 325), a aposentadoria “introduz uma radical descontinuidade; há ruptura com o passado; o homem deve adaptar-se a uma nova condição, que lhe traz certas vantagens (descanso), mas também graves desvantagens: empobrecimento, desqualificação”.

Logo, a aposentadoria, apesar de sua conotação negativa, pode ser sinônimo de reorganização de vida, ou um momento de depressão e isolamento. “Assim, se a pessoa ao longo da vida constrói outras fontes de satisfação além do trabalho, torna-se mais fácil o enfrentamento dessa fase, possibilitando uma reestruturação de sua identidade enquanto aposentado” (ALVARENGA et al 2009, p. 797).

No entanto, a condição de aposentado nem sempre esteve presente na sociedade brasileira. Uma sociedade cuja força de trabalho, em sua maioria, por séculos era composta por escravos. Assim, Fôlha & Novo (2011), ao fazerem um levantamento histórico sobre a aposentadoria no Brasil, esclarecem que seu início foi em 1888. Antes desse período não havia a categoria de aposentado em nosso país. A primeira classe de trabalhadores a ser beneficiada foram os funcionários dos correios.

Em 1923 com o surgimento do decreto 4682 de 24 de janeiro, e a criação da Previdência Social do Brasil, esse benefício, através de um Caixa específico, é estendido para os funcionários das empresas ferroviárias. Na década de 30 Getúlio Vargas, reestruturou a Previdência e incorporou quase todas as categorias de trabalhadores urbanos, dotando-os de identidade e cidadania. Em 1963 houve a inclusão do trabalhador rural. Com a constituição de 1988 a aposentadoria torna-se um benefício universal no Brasil.

Segundo Peixoto (2013) com essa Constituição houve, pela primeira vez, o reconhecimento da importância da velhice, com o valor da aposentadoria baseado no salário mínimo. Mas ao mesmo tempo “essas modificações na legislação brasileira acentuaram a representação social do aposentado, que passa a ser fortemente associada à velhice, e as pessoas aposentadas – ou seja, não-produtivas – independentemente da idade” (PEIXOTO, 2013, p.80).

Por outro lado, “em um país em que os direitos básicos do cidadão são tão desrespeitados, a universalização do direito à aposentadoria, mesmo não sendo mais do que um salário mínimo, significou uma conquista social importante” (DEBERT, 2012, p.220). Nessa condição, sua associação com a velhice, talvez, figure como um aspecto de menor relevância.

Uma realidade que, principalmente no meio rural do Brasil, significou, para muitos idosos, ter um direito garantido por Lei, e o reconhecimento de cidadania. “Com os benefícios da aposentadoria que, pela primeira vez, muitos desses trabalhadores rurais ensaiam a assinatura do próprio nome e descubrem os direitos de cidadania” (DEBERT, idem).

Houve também a criação do chamado “Amparo Social do Idoso” com a Constituição de 1988. Um benefício social, previsto na Lei Orgânica de Assistência Social, que reconhece os idosos como trabalhadores que contribuíram com a sociedade através de suas atividades laborativas, remuneradas ou não, e por isso devem ser amparados na velhice. Homens e mulheres têm direito a esse benefício, a partir dos 65 anos de idade, caso não tenham conseguido aposentar-se. Assim, “o problema do sustento na velhice transforma-se num direito do trabalhador, que, após certo número de anos de trabalho ou ao atingir determinada idade, passa a receber uma renda vitalícia” (BARROS, 2013, p.36).

Porém, o aumento do número de idosos demanda, por parte do Estado, recursos para a manutenção da aposentadoria. Diante disso, a população jovem e ativa deverá sustentar os inativos. Mas com a diminuição da taxa de natalidade no Brasil, na maioria das regiões, a tendência é que não haja recursos financeiros suficientes para garantir as aposentadorias no futuro, caso não seja feita uma reestruturação do Sistema Previdenciário.

Dessa forma, os idosos estão se tornando um problema social grave, que coloca em risco a estrutura econômica.

“Este grande contingente de idosos atinge diretamente o Estado, que precisa assegurar condições mínimas de sobrevivência a esta população. Logo, o envelhecimento é visto como um perigo para a estrutura econômica, pois acarreta novos gastos, principalmente com a manutenção da previdência” (OLIVEIRA & SCORTGAGNA, 2012, p. 06).

Em contrapartida, para muitos trabalhadores, a chegada da aposentadoria não significa a chegada da velhice devido à idade. São aqueles que se aposentam, com menos de 60 anos, por invalidez. E aqueles expostos à serviços insalubres, que exerçam carreira militar dentre outros, que são beneficiados pela chamada aposentadoria especial. Uma categoria de trabalhadores cuja exigência para ter acesso ao benefício da aposentadoria é, na maioria das vezes, ter trabalhado 25 anos independentemente da idade cronológica.

Nesse caso, muitos desses trabalhadores são readmitidos pelo mercado de trabalho ou iniciam uma segunda carreira após a aposentadoria. Eles continuam recebendo seus proventos de aposentados e ao mesmo tempo voltam a contribuir com a previdência, deixando de serem um peso econômico e social.

Uma situação que já foi também estendida aos educadores do setor público. Hoje, conforme legislação vigente para que um educador do setor público se aposente é preciso ter 25 anos de regência para mulheres e 30 para homens, ambos atrelados à idade mínima de 48

anos de idade para mulheres e 55 para os homens. No caso do setor privado basta apenas o tempo de contribuição.

No entanto, mesmo pessoas aposentadas com idades menores que 60 anos de idade serão estigmatizadas, por significativa parcela da sociedade, como pessoas idosas, por serem associadas à improdutividade e “uso”. Elas foram “desgastadas” pelo ambiente laboral, e essa imagem simbólica é a que grande maioria tem dos aposentados.

E, caso muitas dessas pessoas, tenham vontade de continuar trabalhando lhes é negado o direito de fazê-lo, na maioria das vezes, porque a associação entre velhice e decadência atinge vários domínios da sociedade brasileira (Peixoto,2013). Essa associação, em certo sentido, foi impulsionada por uma reestruturação do ciclo de vida nas sociedades industriais, onde velhice e tempo de aposentadoria são praticamente sinônimos.

Assim, segundo Peixoto (2013, p.81) “em todas as sociedades industriais a partir da criação da aposentadoria o ciclo de vida é reestruturado, estabelecendo-se três grandes etapas a infância e a adolescência – tempo de formação: a idade adulta – tempo de produção; a velhice – idade de repouso, tempo do não-trabalho”.

Uma concepção que não estimula o convívio do empregado mais experiente com o empregado mais jovem, por um período prolongado. Em muitas empresas o aposentado deve passar sua experiência, depois sair e ceder seu lugar para os mais jovens.

Em certo sentido “a aposentadoria revela uma ambivalência, pois ao mesmo tempo em que é a conquista, por meio do trabalho, do tempo livre, é também marginalizada, como uma inutilidade, pela sociedade produtiva, e como um período de decadência, pela concepção social que valoriza o belo, o forte, o jovem e o saudável”. (OLIVEIRA et al 2009, p.749).

Debert (2013) ao mencionar um artigo de Tornstam (1992), sobre os paradigmas da teoria gerontológica, evidencia que, para esse autor, há duas maneiras de conceber a problemática dos idosos, incluindo a percepção que possuem sobre o momento da aposentadoria: “a perspectiva da miséria” e a perspectiva do idoso como “fonte de recursos”. Uma visão que, de certa maneira, mantém também um sentido ambivalente sobre a aposentadoria.

Na perspectiva da miséria que, prevalecia até os anos 1970, os idosos são pensados como membros sociais desvalorizados, que um dia foram ativos em suas famílias. Muitos com a velhice já não comandam mais sua vida financeira, outros possuem poucos recursos, logo a existência desses anciãos é de menor significado tanto na família como na sociedade (DEBERT, 2013). Com esse discurso os gerontólogos queriam sensibilizar a sociedade sobre a questão da velhice.

Na perspectiva do idoso como “fonte de recursos” os idosos tinham uma visão otimista sobre si e o processo de envelhecimento, contrária àquela mostrada como resultado de pesquisas com pessoas jovens. Nessas pesquisas “os mais jovens tendiam a superestimar a realidade problemática dos mais velhos” (DEBERT, 2013, p. 2015).

Dessa maneira, os mitos relacionados com imagens negativas e pessimistas sobre a velhice revelavam conhecimento vago, por parte dos pesquisadores, sobre essa temática. Mas apesar de serem vagos, esses mitos têm muita vitalidade, permanecendo como fundamento teórico mesmo quando os dados exigem uma revisão da perspectiva da miséria (DEBERT, 2013).

Processo semelhante ocorre com a questão do idoso versus aposentadoria. “O pressuposto é de que o abandono do trabalho leva a uma situação traumática que envolve a perda da autoidentidade e do equilíbrio psicológico” (DEBERT, 2013, p.205). Pressuposto tão bem sedimentado que quando as pesquisas o contrariam “a tendência é apontar para erros na metodologia na pesquisa antes de discutir se a teoria é ou não correta” (DEBERT, 2013, p.206).

Mas, por outro lado, há ainda uma questão singular, não muito mencionada em pesquisas sobre idosos. Essa diz respeito à violência econômica que eles podem sofrer. Talvez uma situação que o abale tanto quanto, ou mais, que uma possível perda de sua identidade laboral. Por isso, de certo modo o silenciamento sobre a condição dos idosos que sofrem violência econômica com extorsão ou interdição judicial, por seus próprios familiares, deve ser melhor investigado.

Nessas condições lhes é negado o direito de tomar conta de suas aposentadorias. Salvos os casos onde há necessidade da interdição judicial, a prática de reter ou administrar o dinheiro do idoso contra sua vontade é uma violência. E, somando-se a isso há também a questão da eutanásia. Apesar da prática da eutanásia não ser considerada uma realidade brasileira, pode um dia tornar-se viável em nosso país.

Em alguns países europeus, como a Holanda, a eutanásia contra idosos já é praticada desde o ano de 2002. Em muitas situações o principal interesse das famílias é ter acesso à herança deixada pelos idosos. Segundo a Universidade alemã Göttingen, 41% dos sete mil casos de eutanásia praticados na Holanda foram a pedido da família, que queria liberar-se do “incômodo velho” e 14% das vítimas estavam totalmente conscientes na hora em que foram liquidadas. Esses dados foram divulgados em abril no ano de 2012.

Muitos anciãos, cuja saúde assim o permitam, migram para a Alemanha, temendo um fim de vida tão trágico e desumano, ou seja, após uma vida de trabalho, ser roubado e assassinado pela própria família. Kovács (2003), citando os autores Woodell & Kplan (1997-

1998) esclarece um dos perigos da eutanásia, explicitando o termo *Ladeira escorregadia (Slippery slope)*, trata-se de uma zona de conflito e polêmica, na qual certa decisão pode ter efeitos sobre os quais não se havia pensado anteriormente. Por exemplo: a legalização da eutanásia poderá colocar em risco de morte antecipada (embora este não seja o objetivo explícito) populações vulneráveis, como: idosos, pobres e doentes mentais.

Logo, há uma necessidade de mais estudo sobre a velhice e os impactos que os aspectos econômicos têm sobre ela. Numa tentativa de que alguns silenciamentos possam ser quebrados, e outras questões melhor aprofundadas devido a heterogeneidade que envolve esse tema. Com pesquisa pode-se garantir caminhos que possam ser percorridos, principalmente, pelas redes de apoio aos idosos, num sentido de que elas possam garantir-lhes uma velhice digna e saudável em sentido amplo.

Para que as dimensões físicas emocionais dos idosos possam ser cuidadas com zelo e carinho, sendo a vida promovida e não o contrário. Nesse sentido passaremos ao próximo tópico, onde traremos das redes de apoio formais e informais aos idosos.

1.8. IDOSO E FAMÍLIA

Há no ser humano um sentimento de pertença que necessita ser preenchido. Trata-se de uma condição transitiva da existência e ao mesmo tempo paradoxal: para sentir-se plenamente livre o homem precisa estar vinculado, ou melhor atado a alguém ou a um grupo.

Refiro-me à pertença de uma pessoa a um clube de futebol, a uma instituição, a uma causa, a um grêmio, a um partido político, a uma religião, ao Oriente ou ao Ocidente etc. É claro que esta pertença é libertadora, na medida em que permite ao ser humano desenvolver um aspecto constitutivo de sua própria realidade (PINTOS, 1997, p.13)

No ser humano, segundo Pintos (1997), as tendências transitivas são as forças que possibilitam ao homem vencer sua condição narcísica primária para ir ao encontro do outro. E o grupo ao qual ele se vincula possibilita-lhe essa dinâmica onde o Eu sai de si e vai de encontro ao TU. A família constitui-se assim como um território fecundo para esse encontro transcendente. Ela é um grupo social primário “em virtude da impossibilidade de desvinculação que tenho em relação a ela” (PINTOS, 1997, p.05).

Nela por meio do vínculo e das interações estabelecidas há maior possibilidade de que o sentimento de pertença seja mais estável. “Sua importância como grupo está estabelecida por

se tratar de uma afiliação perpétua e constitutiva, permanente, em que se desenrola, particularmente o sucesso de nosso desenvolvimento social e afetivo” (PINTOS, 1997, p.16).

Logo esse grupo, primário, que permite um vínculo estável, pode conhecer melhor seus membros, e por isso compreendê-los melhor; e diante dos embates da vida e das crises existenciais de cada um, ser um porto seguro para eles. E mesmo frente a transformações constantes (uma dinâmica necessária para seu próprio crescimento, maturação e desenvolvimento) a família permanece como “uma resposta à necessidade de pertencer” (PINTOS, 1997, p.32).

Nessas condições, os mecanismos de autorregulação ou auto equilíbrio (sistema de autoridade, rede de comunicação aberta) se mobilizam, para encontrar as melhores soluções nos momentos de crise. Onde o sistema de autoridade funciona não com um sistema punitivo, mas ordenador, firme e acolhedor, para definir os rumos a serem seguidos pela família.

A rede de comunicação aberta possibilita o diálogo como uma alternativa saudável na resolução de conflitos, este, ao transcender o ambiente familiar e chegar a outros lugares, é uma expressão positiva de seus membros a conflitos e crises fora de casa. Um desafio para o nosso tempo, ou seja, uma comunicação onde haja reciprocidade vital que seja capaz de diluir a mera subjetividade dos indivíduos narcisistas, para que não haja um risco potencial de maior isolamento social para eles (DONATI, 2011). E ao, mesmo tempo, possibilite a resolução de conflitos de maneira harmônica.

No caso dos idosos essa situação é mais dramática. Os membros jovens influenciados pela cultura pós-moderna e pelos meios de comunicação de massa, apenas percebem os velhos como pessoas fora de contexto. Eles são o oposto da velocidade e da juventude, valores sob os quais eles vivem.

Logo, não há razões para que membros mais jovens dialoguem com seus parentes envelhecidos, na grande maioria das vezes. O que compromete de forma significativa a dinâmica familiar. Ela “ocorre em razão da menor ou maior possibilidade de diálogo que pode manifestar-se tanto na relação interna quanto em sua relação com outros sistemas familiares” (PINTOS, 1997, p.30).

Dessa forma, a família que deveria tornar-se um apoio para seus membros mais fragilizados, como os idosos, torna-se um ambiente hostil e desagradável. Destituído de valor e de sentido para eles. Sendo contrária à uma relação social plena onde exista a “intrínseca totalidade supra funcional que se articula em dimensões governadas pelo princípio da reciprocidade e que realiza uma troca simbólica entre os gêneros e as gerações” (DONATI,

2011, p.36). Portanto, anula-se como “plataforma a partir da qual podemos aspirar a uma vida plena de sentido” (PINTOS, 1997, p.31).

Sendo assim, faz-se necessária à distinção que Lukas faz entre a família dos animais e a família humana, onde a autora ressalta sua importância tanto para “enraizar” o indivíduo, fornecendo-lhe sentimento de pertença, como para um sentido existencial, como mencionado. O porquê existir encontra seu eco de resposta, para seus membros, primeiro no ambiente familiar.

A família é o lugar de encontro harmônico de indivíduos que podem descobrir e dar à sua presença e à sua participação um sentido pleno, comprometido e responsável. Trata-se de uma pertença muito significativa que, por sua perpetuidade e estabilidade, possibilita à pessoa o desenvolvimento de vínculos incondicionais (PINTOS, 1997, p.32)

E com os membros idosos não é diferente. Há uma necessidade para eles nessa fase da vida de um sentimento de pertença e ao mesmo tempo de um sentido existencial. Para o idoso a família “é uma estrutura da qual se sente cada dia mais dependente” (PINTOS 1997, p. 43). Por isso, se são bem acolhidos por seus familiares sentem-se enraizados naquele núcleo familiar, mesmo convivendo com membros mais jovens.

De certa forma, “na juventude o idoso apostou que a família seria companheira e sustentáculo na velhice” (PINTOS,1997, p.43). E muitos investem em uma dinâmica familiar acolhedora, quando são jovens para colher os benefícios na velhice. Por outro lado, a dinâmica familiar pode sofrer diferentes interferências ao longo de seu ciclo.

E, nesse processo algumas situações são previsíveis e outras nem tanto. Pode ser que haja um perfil familiar que permaneça, e nesse caso, a reorganização familiar em um momento de crise seja menos dramática, beneficiando membros mais fragilizados. E, é sob tipos de sistemas familiares e a maneira como agregam ou não o idoso que trataremos a seguir.

1.9. A FAMÍLIA DO IDOSO

A família como um sistema vivo e dinâmico pode ao longo do tempo sofrer a influência de diversas variáveis que, em certo grau, irão afetar de maneira positiva ou negativa sua configuração e seus membros. Uma dessas variáveis é o declínio das casas trigeracionais. O resultado dessa nova dinâmica familiar é a existência de muitos idosos vivendo só.

As casas trigeracionais declinaram influenciadas por fatores específicos, ou seja, um aumento de pessoas que se casam e não vivem mais na mesma casa; aumento de migração dos mais jovens; mudança do papel social da mulher; problema econômico habitacional.

De certa forma, a tendência da vida solitária dos idosos será ainda mais agravada no futuro. Corroboram para isto dois fatores: aumento do número de divórcios; diminuição da taxa de fecundidade. Diante disso, “contando com menos membros familiares a que possa recorrer, o idoso vive mais, possui menos recursos econômicos e necessita de mais ajuda durante mais tempo” (PINTOS, 1997, p.35).

Por outro lado, quando o idoso é acolhido pela família, em muitas situações, deverá conviver com o chamado “conflito de gerações”. Para Pintos (1997) esse conceito é perigoso e ambíguo, por tratar-se de um conflito que envolva pessoas e não “gerações” de modo abstrato. Logo trata-se de uma questão relacional onde as “pessoas” jovens e idosas, que convivem num mesmo ambiente familiar, deverão resolver.

O autor pontua também que nesses casos as “hostilidades” apresentam-se dos dois lados. De um lado os idosos tentam conscientizar os mais jovens sobre os valores atuais e o destino final ao qual todos chegaremos, ou seja, a morte; no entanto o faz de forma hostil. E, se a família não perceber que por detrás dessa hostilidade há um grito por carinho, “o idoso aproveita-se para manifestar-se plenamente” (Pintos, 1997, p.36). Mas também, ao mesmo tempo, quando os jovens revidam as hostilidades praticadas pelo idoso com zombarias, eles tornam-se extremamente sensíveis às críticas, ficando cada vez mais rancoroso.

Sendo assim, há uma necessidade de que, nas famílias, haja mais responsabilidade e solidariedade entre as gerações. Mesmo naquelas onde os modelos relacionais adquiridos na infância não foram, talvez, os ideais, através da cooperação, carinho e atenção de uns membros para com os outros. Pintos (1997) deixa claro que a “responsabilidade entre as gerações” não é apenas dos membros mais jovens para com os mais velhos. Ela também exige um movimento recíproco, onde os idosos também se responsabilizem, dentro do possível, pelos membros mais jovens.

Nesse caso específico a família pode ser uma rede social que enreda seus membros jovens e idosos; entrelaçando-os numa trama de cuidado, respeito e carinho de uns para com os outros. Assim, possibilita a existência de “uma solidariedade de gerações, uma espécie de intercâmbio possível entre os membros” (PINTOS, 1997, p.37).

Para o idoso esse intercâmbio é de extrema importância. Pois, às vezes “o idoso vivencia uma espécie de perda do próprio lugar” (PINTOS, 1997, p.44). Essa perda o leva a sentir-se desorientado e a vida parece carecer de um sentido para ser de fato vivida.

Por isso,

Há um não saber acerca de si mesmo e do próprio rumo. Esta situação altamente angustiante gera um sentimento de insegurança e instabilidade que deriva desse vazio interior, que leva a pessoa a expressar atitudes que chamaria de simbióticas, em virtude do alto grau de dependência que contém. É um apegar-se aos outros como que buscando montar neles para ser levado por um determinado caminho (PINTOS, 1997, p.44).

Nesse sentido, as caracterizações dos sistemas familiares serão determinantes para que o idoso tenha uma velhice harmônica e independente de atitudes simbióticas. Pintos (1997), esclarecendo melhor a dinâmica dos sistemas familiares, os classifica em maduros e imaturos. E para o idoso pertencer a um ou a outro significa um processo de envelhecimento mais ou menos dramático, tendo em vista o tipo de vínculo que caracteriza o sistema. Esses vínculos podem ser: instável, ineficaz, estável e eficaz. A partir daí pode-se caracterizar tipos concretos de famílias. Dentro do sistema maduro a família normal. Dentro do sistema imaturo tem-se as famílias: tipo clã, superprotetora, abandonadora, distante.

No sistema familiar maduro há predominância de solidariedade e capacidade de colocar-se no lugar do outro. Nesse sistema, caracterizado, pela família normal, “os membros têm uma função cheia de sentido e são capazes de harmonizar as próprias funções dinamicamente com as circunstâncias dos outros” (PINTOS, 1997, p.48). Nesse tipo de sistema familiar o idoso conta com o apoio de alguém para ajudá-lo e compreendê-lo. “São grupos dispostos a contribuir, a somar esforços e recursos a serviço da solução dos conflitos de seus membros” (PINTOS, 1997, p.54).

Nos sistemas familiares imaturos há uma situação oposta ao que fora descrito sobre o sistema familiar maduro. Nesses sistemas seus membros têm grande dificuldade de assumir seus papéis. Logo “não há compromisso com a dinâmica e com a vida do sistema. Nestes grupos é possível perceber um alto nível de agressividade e hostilidade entre seus membros, embora quase sempre se manifeste dissimuladamente” (PINTOS, 1997, p.55).

Dessa forma, nesses sistemas familiares há predomínio da desarmonia e do desentendimento entre seus membros, mesmo que de maneira velada e silenciosa. Cada um nesse sistema prioriza seus interesses em detrimento a um interesse familiar comum. “A desarmonia somada à imaturidade destes sistemas expressa-se dolorosamente em lacunas funcionais, sobreposições e colisões de papéis” (PINTOS, 1997, p.58).

Nesses sistemas os idosos vivenciam uma separação de sua família, quando ela o interna em um abrigo, mesmo contrariando sua vontade. Eles, na maioria das vezes, não recebem visitas

sendo praticamente esquecidos. Não há uma atitude positiva frente ao idoso, no sentido de valorizá-los e reconhecer sua importância dentro da família. Por outro lado, quando o idoso não é internado em um asilo, ou casa para idosos, sofre com a separação simbólica. Estes velhos são colocados de lado, porque a esses idosos nada se conta e, às vezes, até seus vencimentos são confiscados sem que saibam o destino deles.

Por outro lado, nesses sistemas os idosos podem vivenciar uma situação de abandono, simplesmente porque seus membros não têm tempo para eles. Ou porque estão envolvidos em crises; essas podem ser intensificadas como uma maneira de justificar perante o idoso o abandono praticado. “Nestes casos, ocorre uma espécie de fuga compulsiva em direção à própria crise. As pessoas aumentam o grau de sua magnitude, tornando-a tão crítica que não podem, então, ocupar-se do problema do idoso” (PINTOS, 1997, p.62).

Nos sistemas imaturos destacam-se quatro tipos de famílias e conforme a dinâmica delas o idoso poderá ser mais ou menos beneficiado. Nas famílias tipo clã a organização familiar é em torno de uma figura quase sempre essa é o pai ou a mãe.

Essa estrutura familiar pode responder à questão do idoso de maneira distinta. Primeiro se o idoso é quem chefia o clã, ou se se trata de um membro a mais. Caso seja um membro a mais, como a esposa idosa, ou um irmão idoso, as medidas tomadas com relação a esse membro serão de acordo com a vontade do líder.

Se o idoso for o líder do clã as reações possíveis são diferenciadas. Primeiro poderá haver uma disputa dentro do clã para que o lugar do líder possa ser tomado quando ele falecer, ou mesmo quando estiver muito debilitado. Nesse caso, por ser um grupo fechado e imaturo, haverá uma angústia muito grande com seu aniquilamento. Diante dessa ameaça outro membro deverá assumir o lugar de liderança, ou desfazer-se por completo.

Logo, “estas famílias tipo clã terminam sem resolver o problema do idoso. Pode ser que o internem, mas é também provável que não o façam. Não há uma espécie de padrão ou perfil mais ou menos típico de resposta. O certo é que, diante do enfraquecimento do líder, costumam preocupar-se mais com o sistema e com sua subsistência do que com o idoso propriamente” (PINTOS, 1997, p. 68).

Na família abandonadora seus membros vivem imensamente ocupados. Tanto a relação como a comunicação são descuidadas como seus membros têm também uma vivência “de contemplar os outros como verdadeiros estranhos” (PINTOS, 1997, p.69). Nessas famílias o idoso, caso adoença, é internado e esquecido. A família transfere totalmente a responsabilidade de cuidar dele, após sua saída do hospital, a uma instituição ou a um profissional. “Costumam

não aparecer em cena e, sem colaborar com a instituição nem com o idoso, supervalorizam o que estão fazendo” (PINTOS, 1997, p.70).

E, se o idoso vive só, estará fadado à solidão sem encontrar um lugar próprio entre seus familiares. Continuará a ser só, podendo a família apenas providenciar uma pessoa que o acompanhe. “Difícilmente cuidarão dele por si mesmos e sempre se referirão à sua atitude diante do idoso com a frase avassaladora: “Mais do que isso não posso fazer” (PINTOS, idem). Na realidade, segundo Pintos (1997) essas famílias não abandonam o idoso. Apenas evidenciam que entre eles nunca houve laço de pertença que os fizesse ser solidários e solícitos uns para com os outros e, principalmente, com aqueles mais vulneráveis como os idosos.

Na família distante poderia transparecer que a atitude de seus membros é idêntica aos da família abandonadora. Mas há uma diferença sutil entre elas. Essas famílias “refletem uma atitude ou aparência serena, enquanto as outras apresentam uma fachada mais conflitiva” (PINTOS, 1997, p.70). Na família distante a situação do idoso é resolvida de maneira racional e prática. Essas famílias apelam “à racionalização e intelectualizarão, no momento de explicar os próprios vínculos” Pintos (idem), para justificar que o idoso esteja só ou em uma instituição.

Em contrapartida ambas são semelhantes quando tendem a assumir atitudes exigentes com relação ao idoso. “Muitas vezes, isto se deve a uma má interpretação do papel ou da responsabilidade familiar diante da situação do idoso, e em outras ocasiões trata-se de que o outro resolva a situação para que tudo volte à normalidade” (PINTOS, 1997, p.71).

E, por último temos as famílias superprotetoras. São aquelas típicas de sistemas com raízes latinas que demonstram excessivo interesse e preocupação por seus membros; possuindo uma gama de emotividade fora do comum ao expressar seus sentimentos e emoções de forma excessiva e exagerada. Há nesses sistemas familiares, grande dificuldade para seus membros em se vincular com estranhos. Por outro lado, o que há de fato nesses grupos é uma rejeição entre seus membros de maneira velada. Como não é possível a resolução de conflitos de maneira consciente, eles “elaboram e mantêm uma atitude superprotetora como compensação ou reparação de seus desejos e intenções” (PINTOS, 1997, p.72), para que o sentimento e culpa possa ser amenizado.

Nessas famílias os idosos são tratados como crianças que precisam ser vigiados. Com esse comportamento os membros dessas famílias “terminam traindo suas próprias intenções manifestas de fazer o melhor para o idoso ou fazê-lo viver uma velhice mais cômoda” Pintos (idem). Esse grupo familiar adota esse comportamento por dois motivos: negar a existência do idoso que mobiliza o grupo; fazer o idoso sair da situação de culpa que traz por ser um incômodo.

“A reparação desse sentimento se manifesta através de atitudes superprotetoras que respondem ao parâmetro do “bom filho”, por exemplo, ou do “bom cônjuge”, que faz tudo por amor ao idoso” (PINTOS,1997, p.73). Nessas famílias há uma anulação da capacidade do idoso e ao mesmo tempo uma carência de valor afetivo entre seus membros.

Fica evidente que nas famílias imaturas o problema não é a presença ou ausência do idoso em si, mas a má qualidade dos vínculos entre os membros. Dessa forma, é necessário que esse grupo familiar assuma a crise do sistema, enfrentando a situação instalada, para encontrar soluções para seus problemas. Assim, o idoso poderá receber mais colaboração e vivenciar o processo de envelhecimento de maneira mais positiva, menos conflituosa para si e os demais.

Em certa medida, a ordenação do sistema familiar imaturo e o ordenamento já existente no sistema familiar maduro, propicia ao idoso um ambiente confortável, onde pode externalizar suas memórias. Quando o idoso fala sobre suas lembranças sente-se valorizado, contribui para que a cultura daquele núcleo familiar se perpetue, como também ressignifica seu momento presente.

É importante que a família seja a primeira a acolher com zelo e atenção a fala dos idosos. Eles são narradores por excelência devido ao repertório que adquirem com o passar do tempo, e falar sobre o próprio curso de vida significa uma possibilidade de resgate e manutenção da própria identidade.

Uma maneira de auto-organização consigo e com o ambiente familiar. Para muitos idosos, o ato de contar histórias é o eixo estruturador que os estabiliza emocionalmente na velhice. E, é sobre a importância da família, como primeira acolhedora das memórias do idoso que escrevemos a seguir.

1.10 IDOSO, FAMÍLIA E MEMÓRIA

Memória é a capacidade humana que retém fatos vivenciados para posteriormente trazê-los para o tempo presente. Quando as lembranças são trazidas pela memória há um entrelaçamento temporal, onde as experiências se mesclam, e sob essa dinâmica a identidade pode ser reestruturada. Segundo Bérghson (1999), em seu livro “Matéria e Memória” se encontro com uma pessoa pela primeira vez eu a percebo. E se a encontro novamente eu a reconheço.

O mesmo acontece com os fatos passados quando esses são trazidos à memória. O que antes fora percebido e vivenciado de modo intenso e ardoroso, repleto de emoções, é lembrado

de maneira mais atenta. O distanciamento temporal faz com que novas significações sejam dadas a esses episódios passados, e dessa maneira, eles poderão ressignificar ações futuras; como também delinear um novo contorno identitário para o narrador.

Por isso, nada somos além daquilo que recordamos, afirma Izquierdo (2004), citado por Brandão (2008). Reconstruímo-nos por meio das recordações evocadas, ruminando nossas lembranças ao pensarmos e falarmos sobre elas. E essas não estão dissociadas de um ambiente social, feito de pessoas e objetos com os quais tivemos contato. Nossas lembranças têm uma materialidade concreta que as estrutura.

Uma estruturação que nos permite aprender e com o aprendizado, perpetuar no tempo pela repetição e ressignificação dos modos de vida. A memória é a guardiã e a transmissora de bens culturais e simbólicos; segundo a autora Myriam de Barros é estritamente humana. É no pensamento humano que o social e o pessoal encontram-se unidos dentro de um processo cultural (semiótico) (ou seja, mediado por signos e envolvendo a contínua construção e reconstrução de significações (VALSINER, 2012). Por isso lembrar é também criar novos significados.

E, essa criação de novos significados refere-se também a criar-se a si mesmo. O homem se cria e recria por meio do discurso narrativo. Falar sobre memórias pessoais é se inventar, outra característica particularmente humana.

Essa característica que possuímos de nos inventarmos quando nos contamos –inclusive nos solilóquios que fazemos a todo momento em nossas falas internas – é uma poderosa ferramenta da mente humana para se administrar e se posicionar nos contextos. Invenção não no sentido de dissimulação, mas de manutenção de uma coerência para nossas vidas e aí se aproxima de um sentido de auto-preservação (CUPELLL & GALLAZZI 2009 p. 157).

O sentido de autopreservação acontece porque os episódios são lembrados como imagens lembranças e atualizados pelo discurso narrativo com significativo apelo emocional e sentimental. Dessa forma, o narrador se reconhece no passado e ao mesmo tempo no presente através dos eventos narrados.

E, quanto maior for a carga sentimental de um evento vivenciado, mais intensa e viva será a lembrança (KIHLSSTROM, 2007). Certamente, retemos na mente fatos individualmente significativos, uma capacidade de escolha subjetiva, caráter seletivo da memória. Num certo sentido, escolhemos guardar na memória o que se nos configura em nossa singularidade pessoal - talvez uma maneira de nos perceber os mesmos com o passar do tempo.

Por isso, o tempo vivido ou imaginado, o transcurso natural de horas que se transformam em dias, semanas, meses e anos, é percebido de maneira diferenciada por pessoas da mesma ou de diferentes idades. Segundo Ades (1990) a estimativa de duração do tempo depende da perspectiva em que se coloca a pessoa, ou seja, se atenta à sua passagem, ou apenas vivendo e julgando depois. Um ponto de vista onde pela lembrança o olhar do narrador pode apenas recair sobre o si mesmo, ou sobre o mundo. Há momentos que nós nos observamos com mais afinco e noutros apenas o que nos cerca.

Logo, “evocar o passado é também resgatar um tempo, que reacende, toma corpo e brilho. Um mundo social que possui uma diversidade que, pode chegar-nos pela memória dos velhos” (BOSI,1995, p.33). O idoso por uma percepção diferenciada sobre o transcurso temporal, é menos apressado para falar e pensar sobre o que passou. Apenas necessita que o interlocutor ouça, entrando nos diferentes enredos tecidos por suas palavras, sentindo o outro como um coadjuvante nas suas estórias. Por isso, é importante para o idoso rememorar o passado e sua trajetória por meio de suas narrativas pessoais em seu ambiente familiar.

E, em contrapartida, no seio familiar, os idosos podem repassar modos de viver e de cuidar que são significativos, por meio de uma sabedoria de vida que só o transcurso do tempo fornece. “A presença do idoso na família pode ter muito a contribuir para o grupo, uma vez que ele, além de ter uma história pessoal a oferecer ao ambiente, representa ainda a história da estrutura familiar em si. São eles, os transmissores de crenças, valores que contribuem para a formação de indivíduos conscientes de suas raízes ajudando a construir seus referenciais sociais” (RODRIGUES & SOARES, 2006, p.16).

Por outro lado, suas lembranças também remetem à História de uma coletividade, cuja riqueza de detalhes cotidianos, que podem parecer banais, não serão encontrados em livros acadêmicos. Os idosos se alimentam do passado e de sua trajetória (FREITAS e COSTA, 2012). E podemos degustar com eles esse saboroso alimento quando os ouvimos. Caso contrário, quando os idosos não conseguem externar suas lembranças, sentem-se abatidos, “famintos”, “afônicos”.

Em certo sentido, as narrativas pessoais podem amenizar a nostalgia sentida pelos idosos, e ajudá-los também a enfraquecer o sentimento de luto que é vivenciado por muitos. “Luto não elaborado”, como escreveu Freud que não se limita à perda de entes queridos, mas a própria juventude quando se era forte, belo e vigoroso. Pela narrativa de memórias o idoso consegue tocar sua juventude, que reacende em sua alma um frescor que imaginava já está perdido.

Logo, quando o idoso traz o passado à memória, ele o revive e o ressignifica por meio do discurso narrativo, sedimentando no presente um passado que se foi. Mas que permanece

vivo em lembranças e emoções. Nas lembranças evocadas coabitam o real e o imaginário, o individual e o coletivo de modo harmônico e ao mesmo tempo intenso.

No entanto,

Por que decaiu a arte de contar histórias? Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A experiência que passa de boca em boca e que o mundo da Técnica desorienta. A Guerra, a Burocracia, a Tecnologia desmente cada dia o bom senso do cidadão; ele se espanta [...]mas cala-se porque lhe é difícil explicar um todo irracional (BOSI, 1994, p.84).

Por isso, resgatar a arte de contar histórias é permitir que encontros sejam feitos e experiências possam ser trocadas, enlaçamentos humanos via discurso narrativo. Os aparatos tecnológicos e a velocidade da informação nem sempre disponibilizam esses encontros sociais em termos de presença e afetividade de uma forma satisfatória. Parar e ouvir e também narrar, torna-se um desafio e um apelo para esses tempos contemporâneos, a fim de que nossa subjetividade possa ser organizada.

Talvez necessitemos reaprender a prostrar, e por meio da interação estabelecida entre narrador e ouvinte, tornar-se o si mesmo para o outro. Tendo em vista que nossas experiências, histórias, mitos razão de fazer e não fazer são estruturadas e passam a ter sentido por meio de nossas narrativas (BRUNER, 1991). No seio familiar essa interação configura-se como intergeracional.

Dessa forma, o ato de relembrar em conjunto, isto é, o ato de reconstruir a memória de forma compartilhada, é um trabalho que constrói sólidas pontes de relacionamento entre os indivíduos – porque alicerçadas numa bagagem cultural comum conduz à ação Von Simson (2000). Diante disso, a reconstrução da memória por meio do discurso narrativo deve encontrar seu primeiro lugar no seio familiar.

Para muitos idosos há um modelo simbólico que representa a família e o próprio papel que ele deve exercer nesse contexto. E esse muitas vezes é o de contador de histórias. Modelo que nem sempre se iguala ao que é proposto pela sociedade pós-moderna que, com sua “liquidez” (BAUMAN, 2001), permite que o valor da tradição e da memória seja esvaziado. Nesse contexto a velhice, geralmente, é descrita como um tempo de perdas, de doenças, não se mencionando nunca suas aquisições (MEDEIROS, 2004, p.188). E, uma aquisição significativa da velhice é a sabedoria acumulada ao longo dos anos.

Os valores e simbolismos contemporâneos afetam as relações familiares e intergeracionais, deslocando o lugar social do ancião na família. Em outro tempo ele era

respeitado como aquele que mais sabia sobre “as coisas da vida”, hoje é esse lugar é ocupado pelos mais jovens que sabem mais porque dominam os aparatos tecnológicos.

Nesse contexto, cuidar do outro, nesse caso o idoso, por meio da escuta e do diálogo, torna-se uma questão difícil de ser solucionada pelos membros mais jovens. Os recursos tecnológicos, em certa medida, formam um abismo entre eles e os anciãos. É mais prático e rápido conversar com amigos virtuais do que com idosos reais. “Encontros breves substituem engajamentos duradouros” (BAUMAN, 2001, p.141).

Dessa forma, essa negligência “comunicativa” favorece para que haja mais sofrimento e certa angústia na vida dos idosos. Pois, devido a sua condição eles demandam mais atenção, carinho e dedicação para não sentirem o peso que a exclusão tecnológica os impõem.

Em contrapartida, em muitos lares os idosos são os provedores, por isso, independente de terem domínio sobre as novas tecnologias, deveriam ser mais respeitados e valorizados por sua significativa participação na dinâmica financeira familiar.

Face às dificuldades relativas ao mercado de trabalho enfrentadas pelos mais jovens, o idoso, em algumas situações, encontra-se expressivamente em melhores condições de vida financeira do que aqueles. Ele é, geralmente, o proprietário da moradia que abriga os filhos, netos, genros ou noras, e quem tem um rendimento fixo, mesmo que insuficiente, ao final do mês: a aposentadoria (RODRIGUES; SOARES, 2006, p.16).

Logo, se o idoso disponibiliza esse cuidado com os membros jovens, não deveria receber deles o mesmo?

Sendo assim, a ética do cuidado precisa ser exercida na família para que, através da atitude de membros, jovens e velhos, ela possa ser estendida a outros ambientes sociais. Aprende-se a cuidar com o exercício da prática do cuidado. Por isso, é na família que se treina a prática da ética do cuidado, do hábito da escuta, e do diálogo. Cuidar é central para o ser humano. Uma finalidade de vivência e do próprio sentido do existir (ZAPOLI, 2004) pois, quando cuidamos do outro estamos cuidando de nós mesmos.

No entanto, quando ao idoso não é permitido ter esse apoio dentro de sua família, por razões diversas, há a possibilidade de contar com redes de apoio informais para lhes dar esse suporte emocional. São grupos dedicados aos idosos. Eles permitem que nos encontros, os anciãos falem sobre suas memórias socializando-se em um ambiente diferente do ambiente familiar. E, é sobre esses grupos e sua importância para os idosos que escreveremos a seguir.

1.11 GRUPOS DE APOIO AOS IDOSOS

Segundo Martins (2005) para diversos autores o apoio social é um processo dinâmico e complexo que visa completar os recursos pessoais dos indivíduos, para enfrentarem as demandas exigidas pela situação na qual encontram-se. O apoio social engloba ajuda tanto econômica como suporte emocional para o indivíduo ou para a sua família.

No caso específico dos idosos devido a necessidade, e ao mesmo tempo, a importância da externalização de suas memórias, esses grupos destacam-se como um ambiente de singular importância e suporte emocional para eles. Martins (2005), citando pesquisa de Barrón (1996) assim define o que seria apoio emocional em um grupo de apoio social:

disponibilidade de alguém com quem se pode falar, incluindo as condutas que fomentam sentimentos de bem-estar afetivo, fazendo com que o sujeito se sinta querido, amado e respeitado, acompanhadas de expressões ou demonstrações de amor, afeto, carinho, simpatia, empatia, estima. (BARRÓN, 1996)

Logo, o apoio emocional, em grupos para idosos, faz com que o idoso se sinta aceito porque percebe que há pessoas interessadas em ouvir e interagir com ele. Poderá falar sobre suas memórias, ou mesmo situações presentes de maneira leve e descontraída como acontece na maioria desses grupos. Assim tanto “proseia” sobre acontecimentos rotineiros, que fazem parte de sua memória episódica, como também sobre aqueles ligados às suas experiências, ou seja, sua memória autobiográfica.

Por isso, “nesses espaços há a possibilidade da descoberta de um novo sentido para o processo de viver e de envelhecer, que resulta em crescimento e transformação, dando novas e diferentes razões à vida” (BARROS, 2012, p.46). E nesse movimento dinâmico de descoberta de si, por parte do idoso, há um fortalecimento do sentimento de pertença com o grupo, e de identidade consigo.

Rizzolli & Surdi (2010) destacam que os grupos de convivência para idosos são importantes para possibilitar uma mudança de percepção tanto na comunidade como no próprio idoso sobre a velhice, destituindo essa etapa da vida de estereótipos negativos e preconceitos. Por essa via, há uma possibilidade de aumento da autoestima e do sentimento de mais valia no idoso.

Mas é preciso que se atente ao fato de que nenhum apoio social extrafamiliar por melhor que seja pode substituir o aconchego de um lar.

Para o idoso, a família ainda representa a principal fonte de ajuda e apoio para seus membros, portanto quanto mais integrado ele estiver no seio familiar, maior será sua satisfação e melhor a sua qualidade de vida. A família é

potencialmente o mais afetivo sistema de apoio ao idoso, portanto, é de suma importância seu papel na valorização desses indivíduos. (RODRIGUES & SOARES, 2006, p.15).

Sendo assim, é também necessário que os grupos de apoio aos idosos desenvolvam atividades que envolva seus familiares. Para os membros mais jovens, às vezes, lidar com a velhice torna-se uma situação nova e conflitante ao mesmo tempo. Por isso, precisam ser orientados para que de forma harmônica e saudável possam conviver com seus idosos. “Alguns autores são enfáticos ao afirmar que a família, por si só, não se encontra em condições de dar conta dessa problemática” (RODRIGUES & SOARES, 2006, p.15).

Uma problemática que não é apenas social, mas emocional, existencial e subjetiva. Para algumas pessoas alguns dramas emocionais podem ter sido iniciados muito antes da velhice. Por isso, compreender como a vida humana é estruturada em ciclos distintos e seus desdobramentos para o amadurecimento psicológico do ser humano é relevante. Nesse sentido, no próximo capítulo iremos abordar as teorias que embasam essa pesquisa, tendo em vista o ciclo vital humano e o Sentido da Vida.

Capítulo 2

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CICLO VITAL SEGUNDO ERIKSON

Erik Homburger Erikson (1902- 1994) foi um psicanalista nascido em Frankfurt na Alemanha. Em 1933, após casar-se com uma canadense, muda-se para os Estados Unidos, por causa da ameaça do Nazismo. Nesse país, dedica-se cada vez mais ao estudo da psicanálise, sendo considerado, nos EUA, o primeiro psicanalista infantil. Sua experiência profissional, observação empírica e pesquisa conduziram-no a modificar e desdobrar a teoria freudiana.

Erikson enfatizava a influência da sociedade sobre o desenvolvimento da personalidade ao longo da vida. Enquanto “Freud sustentava que as experiências da infância moldavam permanentemente a personalidade, Erikson afirmava que o desenvolvimento do ego é vitalício” (PAPALIA, 2006, p.71). Logo, a natureza psicossocial do desenvolvimento e comportamento humano manifesta-se pela integração, não apenas de fatores impulsivos biológicos inatos, mas por fatores sociais. E, a integração entre esses fatores gera uma tensão que resulta em crises que o sujeito terá de solucionar em cada fase do ciclo de vida.

São oito o número de crises, que ao longo da existência humana, ao serem superadas e resolvidas vão configurando a identidade de cada um. As soluções para cada uma poderão ser boas ou más, conforme os recursos materiais e simbólicos disponíveis ao indivíduo, que nesse caso referem-se à qualidade das interações sociais, de habilidades interpessoais, e à condição socioeconômica e cultural do ambiente ao qual o indivíduo encontra-se. No entanto, devem prevalecer as soluções positivas, tendo em vista o desenvolvimento com sucesso da identidade individual. “As crises de desenvolvimento resolvem-se num equilíbrio dinâmico entre os opostos, devendo prevalecer o aspecto positivo” (OLIVEIRA, 2004, p.490).

Por outro lado, se a resolução da crise for negativa ela resultará num sentimento de desajuste social, podendo levar o indivíduo a desenvolver sentimentos de ansiedade e fracasso. Caso não ocorra a resolução das crises em cada estágio, ela será refletida no estágio subsequente na forma de desajuste psíquico, cognitivo, social ou emocional. No entanto, a pessoa pode ter seu equilíbrio psicossocial refeito numa fase posterior, mediante vivências positivas que lhe restituam seu autoconceito.

Sendo assim, essa teoria de Desenvolvimento Humano pensada por Erickson chamada de Modelo de Desenvolvimento Epigenético, “entende o desenvolvimento humano a partir de

fases sucessivas com tarefas específicas a serem realizadas” (COELHO & LIMA, 2011, p.05). Há nesse modelo teórico 09 estágios sequenciais distribuídos do nascimento até à fase do adulto maduro que corresponde à formação de um aspecto particular da personalidade humana, mediante a solução satisfatória de cada crise, pertinente à cada estágio desenvolvimental, como já mencionado.

Esse processo formativo dar-se-á através do desenvolvimento psicossocial do indivíduo de forma simultânea, ou seja: da organização dos sistemas orgânicos, que constituem o corpo, esses são os processos biológicos; organização dos traços da experiência individual e da síntese do ego, esse é o processo psíquico; organização cultural e interdependência das pessoas, esse é o processo social. Segundo Erikson, o que ativa o comportamento Humano é uma energia de natureza psicossocial demandada para harmonizar as crises inerentes a cada fase do ciclo vital. Cada uma crise é marcada por um valor cultural ao qual o indivíduo está vinculado. Nesse caso a velhice seria uma etapa no ciclo de vida cuja palavra-chave é a sabedoria adquirida pelas experiências vivenciais ao longo dos anos.

Logo, de acordo com Erikson (1982/1998) há um movimento dinâmico entre um componente sintônico –que busca uma harmonia interna – e um distônico – configurado pela desarmonia. A tensão entre esses dois componentes é a crise, cuja resolução positiva ou negativa demanda a conquista de uma força psicossocial. A resolução positiva de cada conflito traduz-se numa virtude, caracterizando-se num ganho psicológico, emocional e social para o indivíduo. Nesse caso, há um ajuste da personalidade que confere ao indivíduo equilíbrio mental e capacidade para relacionar-se socialmente.

Por isso, a definição de cada estágio é a resolução satisfatória das crises inerentes a cada um. É atribuída a Erikson a expressão “crise de identidade”. Rabelo & Passos (2009) esclarecem que crescer e se desenvolver teria por palco o contexto social, onde as crises estariam presentes; elas são solucionadas, mediante as interações sociais e a capacidade interna do indivíduo para vencer suas limitações.

Segundo Barros (2000), Erik Erikson foi o primeiro psicanalista a fornecer enfoque teórico às etapas de idades do indivíduo de maneira distinta, por meio do campo cronológico. Para ele as cinco primeiras fases do curso de vida seriam caracterizadas pela busca da identidade, conflito solucionado na adolescência; com a solução desse conflito, e conseqüente definição da própria identidade, o indivíduo passaria para a fase adulta.

Essa etapa é considerada menos instável, na qual o indivíduo teria de lidar com situações mal resolvidas ou administradas das fases anteriores, caso fosse necessário. Nos adultos jovens ou maduros fica um resíduo para as fases seguintes que Erikson denominou de - “para além da

identidade”. Este resíduo refere-se à vida pós-adolescência e o retorno de crises de identidade em fases ulteriores. Na fase adulta o indivíduo tem de superar três *dilemas*: *intimidade vs isolamento (18 -35 anos)*; *generatividade vs estagnação (35 – 65 anos)*; *integração do eu vs desespero (a partir dos 65 anos)*.

Sendo assim, as fases propostas por Erikson (1950/1963; 1982/1998) e as forças psicossociais a serem adquiridas pelos indivíduos são: primeira confiança versus desconfiança: esperança; segunda autonomia versus vergonha: força de vontade; terceira iniciativa versus culpa: propósito; quarta realização versus inferioridade: competência; quinta identidade versus confusão de papéis: fidelidade; sexta intimidade versus isolamento: amor; sétima geratividade versus estagnação: cuidado; oitava integridade versus desespero: sabedoria; nona ressurgimento das crises anteriores: gerotranscendência.

Nas últimas etapas, fases da generatividade e gerotranscendência, o indivíduo tem a oportunidade e ao mesmo tempo o desafio de integrar suas vivências, tendo elas sido positivas ou não, de maneira a sentir-se um ser completo na velhice.

Os principais desafios associados à oitava e à nona etapas são resolver conflitos do passado, investir nas relações sociais do presente e encarar a finitude da vida com serenidade. Assim, a aquisição da virtude sabedoria corresponde à capacidade de equilibrar um sentido de coerência e plenitude pessoal com o desespero perante a proximidade da morte, além da aceitação das falhas e omissões do passado (LIMA & COELHO, 2011, p.06).

Na fase da generatividade os indivíduos podem ter dois comportamentos: de doação quando se envolvem em projetos que auxiliem outras pessoas; ou de estagnação, quando se isolam e se recusam a serem produtivas. Esse comportamento os leva à reclusão social e a uma atitude individualista. Na fase da gerotranscendência o idoso passa por um processo de introspecção como resultado das transformações psico-espirituais do envelhecimento. O isolamento da pessoa idosa é encarado como um processo natural e não como uma necessidade social nessa fase específica do ciclo de vida, segundo essa abordagem teórica.

A integração das vivências das fases anteriores abre a possibilidade da pessoa não se perder no desespero mediante a avaliação de seu curso de vida. “Este período constitui o nível mais evoluído do processo de integração da personalidade tendo em vista o polo pessoal da individualidade e o polo social do relacionamento interpessoal” (OLIVEIRA, 2004, p. 491).

Nesse momento existencial, é preciso que a pessoa aceite seu ciclo como único e insubstituível, compreendendo que tudo em sua vida foi como deveria ter sido. Dessa forma, “o Eu não se desintegrará antes manterá a integridade que constitui uma verdadeira etapa de

desenvolvimento com um novo equilíbrio que atinge o interior da pessoa, mas também as relações interpessoais que são fundamentais para obtenção deste equilíbrio e para a prática da sabedoria” (OLIVEIRA, 2004, p.491). Caso contrário o indivíduo entraria em desespero por saber que não há muito tempo para realizar o que julga correto para assim sentir-se um ser integrado consigo e com o meio.

Por isso, grande parte do sucesso dessa fase depende do modo como as fases anteriores foram vividas e a maneira como os conflitos foram solucionados. Logo, “temos de assumir a responsabilidade por aquilo que tivermos preferido realizar, aquilo que tivermos escolhido para começar a fazer parte do passado, que tivermos selecionado para ser eterno” (FRANKL, 2015, p. 114).

Assim, diante de crises o ser humano é interpelado ao estabelecimento de novas interações sociais consigo e com o mundo, a fim de superar cada uma de forma satisfatória. A qualidade do ambiente social e das interações a que o indivíduo está exposto desempenha um papel singular nesse processo. “Desse modo, cada pessoa deve ser capaz de estabelecer algum tipo de intimidade com outras pessoas, em diversos níveis; caso não consiga fecha-se para os contatos” (SOCORRO, 2006, p.17).

Nesse sentido, ter intimidade é coexistir mediante uma interação verdadeira que promova encontros significativos. “O verdadeiro encontro é um modo de coexistência” (FRANKL, 2015, p.70), onde momentos de crises podem ser amenizados. No entanto, em nosso tempo, “o curso da vida transforma-se em um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra.

Cada fase de transição tende a ser interpretada, pelo indivíduo como uma crise de identidade e o curso de vida é construído em termos de necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases da crise” (DEBERT, 2012, p.53). Por isso é comum, em nossos dias, adolescentes com comportamentos infantis, sem terem ainda vivenciado a crise da adolescência; e adultos com perfil de adolescentes, sem terem saído da crise da adolescência.

Ou seja, há um desejo pela antecipação do futuro, de maneira frenética e ansiosa, sem mesmo saborear as vivências do presente. No entanto, a aceleração temporal que se quer é até a fase adulta, nesse caso envelhecer não é muito cogitado, o que se busca é a eterna juventude. Dessa maneira, a velhice é considerada como uma fase de declínio e a fase adulta como o apogeu da existência.

Por outro lado, se pensarmos no curso de vida como “noção de vir a ser e estando, ao invés de ser e estado” (NEGREIROS, 2004, p.80); a categoria velhice seria esvaziada em seu

sentido de decadência. E, é sobre essa noção contemporânea de curso de vida que trataremos no próximo tópico.

2.2 PROCESSO DE ENVELHECIMENTO CONCEPÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Numa abordagem contemporânea a Psicologia do Desenvolvimento, a partir das últimas décadas, passou a ser considerada como Ciência do Desenvolvimento. Essa condição lhe foi conferida devido a novos tópicos de abordagem que passaram a pesquisar o desenvolvimento humano por meio de uma abordagem interdisciplinar e multimetodológica.

Os autores Dessen & Júnior (2008) citando Elder (1996) esclarecem sobre as mudanças na forma de se pensar o desenvolvimento humano nessa Ciência. Uma mudança que considera os conceitos e os princípios norteadores de disciplinas da área psicológica, social e biocomportamental interligados. Essa maneira interdisciplinar de pensar o desenvolvimento humano fez com que surgisse uma nova perspectiva: a perspectiva do curso de vida. “Essa perspectiva implica considerar a interdependência entre as trajetórias de vida dos indivíduos e as condições e mudanças presentes nas micro e macroestruturas dos sistemas sociais” (DESSEN & JÚNIOR, 2008, p.22).

Dentro desta perspectiva, o que antes era descrito como Ciclo Vital, levando em conta um direcionamento social, agora é nomeado como Trajetória de Vida; cujo conceito é: “um conjunto de estados e transições de padrões comportamentais ligados entre si que dão um significado distinto à história de vida de cada indivíduo” (DESSEN & COSTA, 2008, p. 22). Cada trajetória e seu padrão comportamental específico de cada idade está atrelado a um contexto social e cultural que não é desprezado pela Ciência do Desenvolvimento.

Logo, o foco principal dessa ciência é “investigar a dinâmica do curso de vida, dos quadros relativos a cada momento dos contextos históricos e cultural em diversos níveis de análise compatíveis com o fenômeno de desenvolvimento estudado, incluindo desde os micros até os microambientes” (DESSEN & COSTA, 2008, p.22).

Essa dinâmica será descrita pelo pesquisador tendo em vista o indivíduo e as interações que estabelece dentro de um ou mais ambientes ao longo de sua ontogenia. Dessa forma, a trajetória de vida e a identidade pessoal serão tecidas mediante as escolhas feitas pelo sujeito e a influência de fatores socioculturais. “A construção da identidade pessoal é formada pela experiência, especialmente pela experiência social” (DESSEN & COSTA, 2008, p.25).

No entanto, para que o desenvolvimento humano ocorra através desse processo de interação recíproco, entre indivíduo e ambiente, as interações sociais deverão ser estabelecidas regularmente. Num processo de busca identitária onde os papéis sociais se alternam dialeticamente, ora os vivenciamos como agentes, ora como pacientes em uma dada esfera de experiência que não se limita apenas a uma ideia de “contexto” como realidade estanque e externa ao indivíduo. Ao contrário, “as esferas da experiência se constituem como *zonas de fronteira* que são fluidas e permeáveis, possibilitando trocas contínuas e intensas entre pessoa e ambiente, por meio das quais a pessoa vai se incluindo e sendo incluída nos espaços em que transita” (MATTOS, 2013, p.25).

Sato et al (2009) seguindo esse mesmo princípio definem trajetória de vida como o resultado das diversas interações da pessoa com o ambiente. Sua base constitutiva além de ser histórica e cultural, como já mencionado, se faz a partir da noção psicológica de tempo irreversível como um sistema aberto. Logo os diferentes ambientes por onde a pessoa circula deve ser pensado não só a partir de suas características objetivas e materiais, “mas deve incluir as percepções que a pessoa tem dele” (MATTOS, 2013, p. 27).

Dessa forma os indivíduos são confrontados com percepções materiais como também com a percepção sobre o tempo presente que os desafia a todo instante por tornar-se tempo futuro, cujo conhecimento é imprevisível. Assim, “qualquer organismo em desenvolvimento não se desenvolve no tempo, mas com o tempo” (VALSINER, 2000, p.07).

Dentro dessa perspectiva os seres humanos tomarão decisões diferentes diante de situações similares que poderão envolver ambiguidades e incertezas. Nesse caso a imaginação como proposta por Zitoun et al (2013) desempenham um papel significativo na elaboração de significados possíveis para eventos futuros. Logo, construções: “como é”, “como se”; ou “como poderia ser”, como deveria ser”, “como foi”, “como eu queria que fosse”, “como poderia ter sido” consideram componentes reais, imaginários e desejados no curso de vida de uma pessoa. Assim, a complexidade do desenvolvimento humano se dá por meio de reguladores semióticos que o norteiam frente aos diversos pontos de bifurcação ao longo da vida ao qual os indivíduos são expostos.

Assim, de maneira progressiva o sentido de determinado contexto vai sendo construído gradativamente pelo si mesmo em sua relação com o ambiente, mediado por situações de restrição, aprovação ou satisfação e a orientação de outras pessoas. O foco é o momento presente, mas as significações geradas pelo processo pessoa X ambiente = sentido, pode ser projetado para ações futuras como parâmetro de solução para possíveis demandas subjetivas.

Esse processo desafia os indivíduos, ao longo do curso de suas vidas, a lidarem com situações que os desestabiliza, levando-os a situações que demandam uma organização comportamental e relacional no ambiente social onde se encontram. Esses momentos podem ser nomeados com dois conceitos fundamentais para que se possa entender o desenvolvimento humano sob a perspectiva do curso de vida são eles: continuidade e mudança.

A continuidade pode ser definida como as características comportamentais que se mantêm estáveis na transição de um estágio do curso de vida para outro. Quando esse processo não conserva certa linearidade ocorre a descontinuidade. Ou seja, um processo oposto à continuidade que por sua força geraria no curso de vida do indivíduo uma mudança.

Assim,

No transcorrer do desenvolvimento humano, à medida que as mudanças acontecem e, com elas as descontinuidades, o organismo se reorganiza para promover um novo padrão de estabilidade. Uma vez que este padrão é alcançado, ocorre, mais uma vez, uma descontinuidade que pode ser inesperada ou parte do processo de transição. Essas relações estágio-transição, estabilidade-mudança, caracterizam, em última análise, o desenvolvimento humano. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que o indivíduo se desenvolve de forma gradual e contínua, mantendo alguns padrões de interação à medida que constrói outros (continuidade), ocorrem rupturas de padrões e saltos qualitativos que conduzem o indivíduo a novo estágio de desenvolvimento (descontinuidade) (SIFUENTES et al 2007, p.382).

Por outro lado, Zittoun (2012) esclarece que nem toda mudança, no curso de vida, implica em consequências duráveis; ela distingue dois tipos de mudanças: as transitivas e as intransitivas. As primeiras são parte das transações do cotidiano entre a pessoa e o ambiente; elas se dão num processo dinâmico simétrico onde essas situações, em certa medida, são previamente esperadas pelo indivíduo.

As intransitivas são mudanças aceleradas ou catalisadas, exigindo do indivíduo um ajustamento psíquico e emocional importante. Elas são chamadas de rupturas. O resultado de uma ruptura é uma nova forma de comportamento diante de situações que são irreversíveis, e que geram um processo chamado de transição.

As transições num curso de vida podem ser vistas como mudanças tanto sob o ponto de vista de quem as vivencia como pelo ponto de vista de um observador. “Um período de transição é uma ocasião para o desenvolvimento, quando prepara a pessoa para encontrar um caminho através da incerteza em direção a uma nova regularidade” (ZITTOUN, 2004, p.131).

Dentro do curso de vida há transições que são normativas, ou seja, aquelas que são socialmente esperadas por estarem socialmente partilhadas por um grupo social. Como

exemplo temos a transição da vida laboral para a aposentadoria. E aquelas que, ao contrário, não são esperadas. Logo, a experiência de defrontar-se com eventos inesperados é sentida de modo mais ou menos intenso a partir da vivência de cada pessoa.

Assim, “à medida que a pessoa avança na vida, também provavelmente acumula experiências de transições. A experiência pessoal não é a simples acumulação de momentos distintos; implica na constante reelaboração do sistema de orientação” (ZITTOUN, 2004, p. 521); através do gerenciamento das interações que o homem faz com os outros, por meio de recursos simbólicos, que o meio cultural fornece Zittoun (idem).

Esses recursos são elementos culturais, mobilizados pela pessoa, utilizados como um meio para que pratique alguma ação, podendo ser mais ou menos eficiente conforme cada situação. Quando mobilizados podem favorecer o desenvolvimento de novas habilidades cognitivas ou sociais, uma nova compreensão sobre a situação vivenciada, ou ainda a criação de novos recursos simbólicos. Um processo que por sua natureza é interativo e dialético ao mesmo tempo.

Nesse caso segundo Zittoun (2007) o ser humano em seu mundo psíquico reelabora simbolicamente sentimentos, impressões e percepções do meio externo por meio de signos ou artefatos culturais capazes de ligar o passado ao presente impulsionando o sujeito para uma nova forma de ser e agir no mundo; onde reorganiza sua experiência e planeja o futuro. Um artefato cultural pode tornar-se um recurso simbólico quando auxilia o sujeito a ajustar-se em uma dada situação quer seja ela esperada ou não.

Por isso, uma transição normativa não significa ausência de conflito interno para o indivíduo apenas porque é socialmente esperada, como é o caso da aposentadoria. Há a imprevisibilidade do futuro com a qual as pessoas se defrontam cotidianamente. Dessa forma, falar de curso de vida é falar de trajetória a partir dos conceitos de mudança, ruptura e transição, vivenciados num tempo irreversível, cujas escolhas diante de pontos de bifurcação ao longo do curso de vida, são reguladas de maneira semiótica. Em outras palavras” diz respeito a falar de eventos que acontecem no decorrer do desenvolvimento, bem como à forma como as experiências se organizam, desde o nascimento até a morte” (SIFUENTES et. al., 2007, p. 383).

Experiências que ao longo da vida poderão ser contínuas, descontínuas, levando a processos intensos ou não conforme a percepção de cada indivíduo mediante o uso de recursos simbólicos de que dispõe para o enfrentamento desses eventos.

O referencial teórico considera a pessoa dentro de mundos simbólicos, mas também a pessoa como quem escolhe ativamente e usa elementos culturais como recursos simbólicos. Elementos culturais são constelações simbólicas complexas, tais como objetos ou ritos, dentro de tradições familiares, religiosas nacionais, ou compartilhadas diacronicamente, como livros, etc., ou unidades semióticas, em objetos discretos, sincronicamente disponíveis em uma sociedade. Ambas têm um substrato material e uma continuidade histórica com significados encapsulados. Quando usados, os elementos culturais se tornam instrumentos, recursos simbólicos: elementos simbólicos usados por uma pessoa em uma situação não relacionados à situação de sua internalização, em que a pessoa usa para fazer algo. A questão da atividade simbólica em termos de uso confere mais importância ao agenciamento pessoal e à externalização. (ZITTOUN 2004, p.131).

Zittoun (2006) sugere que esse movimento de ruptura-transição num contexto de trajetória de vida seja tomado como uma unidade de análise para pesquisas dentro da perspectiva da psicologia cultural do desenvolvimento de orientação semiótica. O enfoque a partir desse movimento através da percepção do processo de mudança Bastos (2007) teria como resultado de novo equilíbrio e na emergência da novidade psicológica (nova orientação para o futuro, novas identificações, novas descrições de si, novas formas de agir sob o mundo), uma transição desenvolvimental.

Um outro aspecto a ser considerado no desenvolvimento humano numa abordagem contemporânea é o princípio das vidas inter-relacionadas. Por esse princípio considera-se “como as transições vividas ou experienciadas por uma pessoa afeta como outras pessoas vivem suas próprias transições” (ZITTOUN, 2012, p.525). Nesse caso a qualidade positiva dessas relações implicará num recurso simbólico significativo a ser utilizado.

Outro princípio de vidas inter-relacionadas são as relações intergeracionais, como as estabelecidas entre avós e netos. “À medida que a longevidade aumenta, a coexistência de três a quatro gerações se torna comum em algumas famílias” (ZITTOUN, 2012, p.525). Da mesma forma a qualidade dessas convivências são um recurso simbólico importante para o desenvolvimento humano. Principalmente na contemporaneidade, onde muitos avós assumem a função de cuidadores de seus netos por motivos diversos. “A troca Inter geracional permite uma transmissão explícita de experiência” (ZITTOUN, 2012, p.525).

Por outro lado, quando adultos ou idosos convivem com crianças e jovens pode ocorrer um segundo tipo de mutualidade. Segundo Zittoun (2012) esse aspecto refere-se à possibilidade de se refletir sobre transições passadas mediante a convivência com pessoas mais jovens. Por isso, “jovens ou crianças são confrontados em algum aspecto a uma ritualização de um drama que já aconteceu (ZITTOUN, 2012, p. 525). Um processo que por sua dinâmica promove certa

estabilidade emocional. Ele permite aos mais velhos uma reavaliação do presente a partir de vivências do passado com possíveis mudanças de atitudes relacionais mediante às avaliações feitas.

Por fim, destacamos alguns desafios contemporâneos propostos, segundo Zittoun (2012), para o estudo do curso de vida. Primeiro a percepção que as pessoas têm sobre a aceleração do tempo. Nesse caso há uma tentativa de se estender a juventude e postergar a velhice, como já até mencionamos. Esse fato independe se essas pessoas são mais ou menos jovens. “O direcionamento dado ao desenvolvimento e aos usos das tecnologias da informação, dos modos de produção, dos meios de transporte, das práticas de gerenciamento empresarial, das formas de se relacionar em sociedade, afeta o modo como experimentamos o tempo” (FREZZA et. al., 2009, p.487). O movimento das pessoas através das transições pode ser comparado, quando às demandas que estas envolvem, às migrações:

Com uma orientação cultural menos explícita, as pessoas têm de se apoiar mais em seu sistema de orientação pessoal e sobre os recursos que são capazes de encontrar em si próprias, com a ajuda de outros, ou em torno deles. Aprender da experiência é vital, e para aqueles que, nas sociedades ricas, não têm de focalizar na sobrevivência diária, aprender da experiência envolve principalmente ser capaz de refletir sobre a própria experiência e desenvolver uma forte base de conhecimento utilizável, mobilizável para novas situações. (ZITTOUN, 2012, p.525).

Assim, percebe-se que o desenvolvimento humano é um processo inacabado, e que as possibilidades oferecidas pelo contexto social e cultural terão um impacto significativo, propondo sempre novos rearranjos subjetivos e consequentes mudanças de atitudes. Um processo que segundo Zittoun (2006) se faz com rupturas seguidas de um período de reestruturação, levando o indivíduo a uma transição desenvolvimental que lhe confere novo equilíbrio.

No caso dos idosos, além do processo de envelhecimento em si, há os marcadores sociais, como aposentadoria e viuvez; as doenças, ou a mudança para um abrigo. Esses marcadores podem funcionar como rupturas que demandam novo ajustamento psíquico, para muitos. E, um novo equilíbrio será melhor estabelecido quando existe recursos materiais e simbólicos dos quais esses idosos possam usufruir, possibilitando-lhes bem-estar emocional e psíquico.

E, a maneira como idoso, ou outro indivíduo, internaliza elementos culturais em um dado contexto e os seleciona, transformando-os em um recurso simbólico, caracteriza-se como capacidade de agenciamento individual. Essa capacidade vai sendo apurada com o tempo devido às experiências adquiridas com a utilização de recursos simbólicos, assim uns poderão ser mantidos e novamente utilizados, outros, ao contrário, poderão ser rejeitados ou reelaborados.

A utilização de recursos simbólicos de maneira eficaz para solucionar demandas subjetivas traduz-se em “competência” individual para usar esses recursos. A pessoa escolhe dentro de uma *constelação semiótica* formada pelos elementos culturais do ambiente social onde se encontra, o que é relevante para ela num dado momento temporal, e assim transforma em um recurso simbólico (ZITTOUN, 2004).

Um recurso simbólico que pode ser utilizado pelos idosos é a vivência de valores, que os conduza a percepção de um sentido existencial nessa etapa da vida. Na velhice o ser humano pode ser confrontado com diferentes situações de transição, com marcadores sociais específicos como já mencionado, como também deparar-se com a finitude da vida. Por isso, redescobrir um sentido existencial e orientar-se por ele, acreditando numa vida futura, mesmo diante de sua brevidade, torna-se necessário (OLIVEIRA & SILVA, 2013).

Assim, entender o sentido da vida a partir da vivência de valores como um objeto simbólico, na velhice, é compreendê-lo como uma realidade complexa com desdobramentos sociais, interpessoais e subjetivo (ZITTOUN, 2004); que possibilita uma velhice com menos conflitos internos, através de uma nova atitude frente a vida. O sentido da vida é responsável por conferir diferentes significados a situações distintas no dia-a-dia do idoso (OLIVEIRA & SILVA, 2013). Nesse caso, cabe aqui um melhor aprofundamento sobre sentido da vida, conforme a visão de Frankl.

2.3 O SENTIDO EXISTENCIAL: O PENSAMENTO DE VIKTOR FRANKL

O processo de desenvolvimento Humano tanto numa concepção inicial, como a proposta por Erickson, quanto numa abordagem contemporânea, entendem o percurso de vida de forma não linear. Na primeira abordagem há a presença das crises, inerentes a cada fase do ciclo de vida, na segunda há os processos de ruptura-transições e mudanças que permeiam as trajetórias dos indivíduos.

Em ambos os casos se percebe a necessidade de uma organização subjetiva para que o indivíduo se desenvolva em termos emocionais e psíquicos. Esse processo de organização psíquico-emocional, em certa medida, pode nos conduzir a um questionamento existencial.

Um questionamento cuja resposta, para a maioria das pessoas, em nosso tempo, não seja fácil encontrar. Ou seja, por qual razão, ou razões, deve-se viver? “De repente, brota a pergunta: “Sobreviver”? Mas pra quê?” (FRANKL 1978/2015, p.19). E, foi na procura por uma resposta para essa pergunta, num campo de concentração Nazista, que Viktor Emil Frankl, começou a

refletir sobre a existência humana e seu sentido, sua obra, pode-se dizer que se entrelaça com suas experiências de vida.

Por isso, antes de comentarmos sobre sua teoria, devemos traçar um perfil, mesmo que sumário, de sua trajetória. Viktor Emil Frankl (1905-1997), foi um pensador judeu, doutor em filosofia, escritor, psiquiatra e neurologista vienense. Ele é o fundador da Logoterapia uma escola psicológica de caráter fenomenológico existencial, teísta e humanista também conhecida como “a terceira escola vienense de psicoterapia” ou “psicologia do sentido da vida”.

No entanto, como afirmou Frankl (1978/2015, p.13), no livro *a Vontade de Sentido*, a Logoterapia, pela concordância de vários autores, sua teoria “pode ser enquadrada no campo da psiquiatria existencial”; desenvolvida na Europa junto a nomes como Ludwig Binswanger (1881-1966), Medard Boss (1903-1990) e Ronald Laing (1927-1989).

Frankl na juventude simpatizou-se pela psicanálise, trocando correspondências com Freud. Em 1924 teve uma de suas cartas publicadas, num renomado periódico de psicanálise da época *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*. “Nesse artigo, verifica-se que Frankl sofreu influência do naturalismo e do darwinismo, concepções que mais tarde seriam abandonadas por ele como forma única de compreender o ser humano” (AQUINO, 2013, p.17).

Entre 1925 e 1926 passou a aproximar-se dos círculos de psicologia de Alfred Adler (1870-1937), o primeiro grande dissidente de Freud. “Adler, por ter sido o primeiro dissidente de Freud, representava uma alternativa à teoria psicanalítica, enfatizando a vontade de potência” (AQUINO 2013, p.19). No entanto, mais tarde, por discordar do “psicologismo” proposto por Adler é convidado a retirar-se do grupo em 1927.

Em outras palavras, Frankl considerava que tanto o princípio do prazer de Sigmund Freud quanto o *status drive* de Alfred Adler falham justamente quando oferecem um ponto de vista análogo ao do funcionamento homeostático da redução de tensões em favor da restauração de um equilíbrio interno. Ignora-se aí o fato antropológico fundamental da autotranscendência da existência humana (PEREIRA, 2007, p.126).

Após a expulsão passou a organizar os chamados postos de aconselhamento para a juventude a fim de oferecer alternativas de enfrentamento ao alto índice de suicídio de jovens naquela época. Em 1933, ingressa no Hospital Steinhof, onde por 04 anos, dirigiu uma ala conhecida como o corredor dos suicidas. Desenvolveu uma ampla visão diagnóstica sobre o tema por meio de casuística pessoal que chegou a 12 mil pacientes. Em 1940 aceita o cargo de diretor do setor neurológico do Hospital Rothschild, onde “organizou várias manobras para sabotar a eutanásia de psicóticos ordenada pelas autoridades nacional-socialistas” (PEREIRA, 2013, p. 16).

Em 1942 é preso por quase três anos, juntamente com sua família pela, GESTAPO. Sua mulher, seus pais e um irmão faleceram após serem levados pelos nazistas. Frankl referia-se a esse período de sua vida como *experimentum crucis* para o desenvolvimento de sua teoria. Ele a descreve em sua célebre obra “Em busca de sentido” (1985), considerado um best-seller mundial e avaliado como uma das dez obras mais influentes dos Estados Unidos através de pesquisa feita pelo Congresso Americano “conforme publicação do jornal The New York times (edição 20/11/1991)” (PEREIRA, 2013, p.17).

Em 1945 assume a direção do Setor Neurológico da policlínica de Viena, onde ficou até 1970. E, em 1947 casa-se novamente com Eleonore Katharina Schwindt, com quem tem uma filha chamada Gabriele. Frankl retoma sua produção intelectual, especializa-se em neurologia e psiquiatria, começa seu doutorado em filosofia. Nessa época foi defensor contra a chamada “culpa coletiva”, cujo objetivo era o julgamento por um tribunal pós-guerra de grupos inteiros do Partido Nacional Socialista. Frankl via nesse tipo de julgamento a possibilidade de se cometer injustiças, e talvez os verdadeiros culpados não fossem de fato condenados. Para ele “quem sofreu injustiça não tem o direito de praticar injustiça” (AQUINO, 2013, p.325).

Escreveu mais de trinta livros, traduzidos em mais de trinta idiomas. Recebeu dezenove comendas científicas e estatais, como também vinte e nove títulos de *Doctor Honoris causa*. Um desses concedido pela Pontifícia Universidade Católica (RS) em 1984. Em 1979 foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz, na ocasião ele foi concedido à Madre Teresa de Calcutá.

No dia dois de setembro de 1997 Frankl falece em decorrência de uma cirurgia cardíaca malsucedida. Antes, porém, testemunhou “sua Logoterapia reconhecida por diversos círculos acadêmicos do mundo como um pensamento original e digno de aprofundamento” (PEREIRA, 2013, p.18).

Isto porque suas concepções sobre o construto sentido da vida primeiro foram vivenciadas e depois teorizadas.

Frankl viveu uma vida plena de sentido, realizando valores por meio de sua capacidade de suportar o sofrimento, amar e criar. Quiçá, apesar da perda de seu fundador a seiva da Logoterapia permaneça viva, com suas profundas raízes no espírito humano. (AQUINO, 2013, p.40).

2.4 SENTIDO DA VIDA NA VISÃO DE FRANKL

O sentido da vida é uma questão significativa e que suscita diferentes abordagens. Para Frankl trata-se de uma motivação primária da vida, exclusivamente humana, e não uma “racionalização” secundária de impulsos instintivos” (FRANKL, 1985, p.124).

Por essa perspectiva, sua teoria vem contrapor-se ao pensamento de Freud e de Adler sobre a vontade de sentido do homem, sem, no entanto, negá-las. Há no homem uma vontade de prazer que deve ser saciada, segundo Freud; e igualmente uma vontade de poder, necessitando ser satisfeita, segundo Adler. Frankl considera essas concepções incompletas, acreditando que o homem não é influenciado pelas condições nas quais se encontra.

Dessa forma, esse autor aborda o sentido da vida sob três aspectos. O primeiro diz respeito ao sentido na vida ou o sentido no momento que apesar da tensão que pode causar, é condição de sobrevivência e saúde mental. O segundo é o sentido da vida humana que não deve ser buscado de maneira abstrata. De certo modo, esse aspecto pode configurar-se como uma espinha dorsal que sustenta a existência humana de maneira diferenciada e singular para cada um. O terceiro aspecto refere-se ao sentido do sofrimento por meio de uma atitude positiva e digna para a vivência de eventos sofríveis. Assim, o sentido existencial consiste na vivência de três valores vivenciais específicos.

O valor criativo, que corresponde à produção de algo significativo para o mundo, a realização de boas ações. O valor vivencial que consiste na experiência pessoal daquilo que se recebe do mundo, ou seja: as trocas afetivas, ou a interação com objetos do mundo. O valor atitudinal que se manifesta pela capacidade humana em transformar uma tragédia pessoal em triunfo (FRANKL, 1999). Dessa forma, não vivenciar esses valores é mergulhar no vazio existencial; e estar imerso em um vazio existencial é expor-se à ansiedade, depressão, falta de esperança e declínio físico.

Posso encontrar sentido na minha ação enquanto criador: quando enriqueço o mundo com minha atividade, na minha doação a uma tarefa criativa. Esses formam os chamados valores de criação. Posso, também, encontrar sentido em minha vida quando me entrego à experiência de algo que recebo no mundo, ou no encontro de amor com outro ser humano: são os valores de vivência. No entanto, ainda que a vida me impossibilite a criação ou o amor, posso encontrar sentido na experiência de um destino imutável, através de uma atitude afirmativa da vida: têm-se aí os valores de atitude (PEREIRA, 2013, p.51).

Assim, nem prazer e nem poder pode ser o centro da vontade humana, porque ambos fatalmente conduziram o homem ao vazio existencial. Outrossim é a vontade de sentido, em

cujos lugares ontológicos encontram-se a liberdade e a responsabilidade sobre as escolhas feitas diante da vida. “Dessa forma “o autor se posiciona contra todo o tipo de reducionismo – seja ele biológico, sociológico ou psicológico – que tolhe a responsabilidade e a liberdade humanas” (AQUINO, 2014, p.50).

Frankl, ao partir desses pressupostos, descreve o ser humano de forma dialética, sendo formado por três categorias ontológicas fundamentais: corpo, psiquismo e espírito que não podem ser dissociadas de forma independente. Ao contrário, elas devem ser pensadas de maneira interligada e complexa, num processo inter-relacional que confere ao homem uma unidade que se faz na diferença. “Essa unidade não é uma unidade na diversidade, mas ao contrário, é uma unidade apesar da diversidade” (FRANKL, 1978/2015, p.49).

No corpo encontra-se a dimensão biológica do homem, com a presença dos fenômenos somáticos. Trata-se de uma categoria de entrada que nos permite perceber o mundo e ao mesmo tempo interagir com ele. Somos capazes de dotar nosso corpo de intencionalidade e significado com fins intersubjetivos, e com ele também agir de maneira simultânea, num processo dialético onde existe a interação entre psiquismo, corpo e espírito humano. Não há apenas um corpo biológico que responde de forma instintiva, mas uma unidade somática que vai além do campo material.

Na dimensão psíquica encontram-se as sensações, os impulsos e os desejos. O psiquismo é a consciência cognitiva onde reside os talentos intelectuais e os padrões de comportamentos adquiridos. Este seria o polo mediador entre o corpo e espírito. “O psiquismo confere ao humano, seu primeiro degrau de interioridade com uma presença mediada pela percepção e pelo desejo” (PEREIRA, 2013, p.49).

Na categoria espiritual juntamente com o corpo e o psiquismo, há a formação do homem de maneira integral e incondicional. É na dimensão espiritual, ou noética, que se encontra o âmago da diferença entre o ser humano e os animais. É no espírito onde, ontologicamente, a liberdade e a responsabilidade se fixam.

Elas permitem ao homem tomar decisões positivas diante dos instintos e da existência psíquica, por meio da consciência moral. Logo, “há um determinismo na dimensão psicológica e uma liberdade na dimensão noética, a qual, mais precisamente, vem a ser a dimensão humana, a dimensão dos fenômenos humanos” (FRANKL, 1978/2015, p.50).

Por outro lado, além do homem ser formado por categorias dialéticas, a vida também se dá por uma dualidade, onde situações opostas nos interpelam constantemente. Ou seja, convivemos com o real versus o possível, o mutável versus o imutável, a vida versus a morte. “O mundo em que o homem existe é atravessado pela dualidade do possível e do real, tensão

essa no interior da qual surgem condições do mutável, imutável, do destino e da liberdade” (PEREIRA, 2013, p.23). Um processo que perpassa a história individual de cada um tencionando-a.

Tensão que é provocada pela procura por um sentido existencial, cuja demanda reflete-se nas decisões tomadas diante dessa realidade dialética que nos solicita uma tomada de posição sobre o que realmente somos e o que devemos ser. Frankl adverte que a busca por sentido pode causar tensão interior em vez de equilíbrio. Mas é nessa tensão entre “ser e sentido, que o homem pode perceber-se realmente singular” (PEREIRA, 2013, p.99). A consciência humana nesse caso é a bússola que nos guia nas decisões diárias, devendo sempre ser consultada. E mesmo na iminência de um provável erro de escolha a melhor opção é tentar.

Nessa base dialética, que tenciona a vida humana, as escolhas realizadas são guiadas pela liberdade que, ao mesmo tempo, exige responsabilidade. Num processo onde as consequências resultantes das opções escolhidas deverão ser assumidas. Nessa perspectiva, o meio não é determinante para as escolhas humanas. Ao contrário” o que realmente importa é o que o homem faz do próprio meio, isto é, a atitude que o homem toma diante do meio” (PEREIRA, 2013, p.64).

Sendo assim, o contexto existencial humano é concreto e exige em cada situação uma tomada de posição. A vida apresenta-nos situações únicas, que serão vivenciadas de modo único e irrepetível. O sentido, assim delineado, faz-se como uma condição antropológica. O ser humano é um ser em busca de sentido, independente das condições externas as quais está exposto. Há em nosso íntimo uma vontade de sentido.

E essa vontade de sentido pode fornecer ao indivíduo uma percepção de si mesmo contínua ao longo dos anos como uma peça musical harmônica. Uma “melodia da vida” única e singular (ZITTOUN, 2012); cuja sequência sonora é mantida e ordenada pela capacidade humana de responsabilizar-se por alguém, por alguma causa, ou por si mesmo; por meio da capacidade humana de amar, trabalhar ou suportar o sofrimento, como já mencionado.

Assim, o ser humano é atraído pelos valores e não guiado pelos instintos. Por meio de uma vivência única e pessoal que se manifesta através da experimentação, uma livre escolha de cada um. E, se por um lado somos livres para escolher como viver, somos também responsáveis pelas decisões tomadas ao longo de nossa vida; o que configura nosso ser-no-mundo (AQUINO, 2014).

Por isso, diante da vida e dos acontecimentos o homem é chamado a posicionar-se de maneira comprometida e transcendente diariamente. Num movimento onde sai de si e ao sair de si pode captar de maneira objetiva o mundo que o cerca. Um mundo configurado e constituído por valores.

Ao declarar que o ser humano é uma criatura responsável e precisa realizar o sentido potencial de sua vida, quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique como se fosse um sistema fechado” (FRANKL, 1985, p.135).

Cabe aqui, diante do que fora exposto, um questionamento sobre como o homem pode compreender o que possui sentido e o que não possui sentido. Para Frankl essa resposta só é possível quando o homem consulta sua consciência moral, compreendida “como a capacidade intuitiva para captar o sentido único possível em cada situação e a partir destes sentidos captados, tomar uma decisão ou estabelecer os julgamentos morais dos atos realizados” (JÚNIOR & MAHFOUD, 2001, p.98).

Frankl para descrever o que entende por consciência, adota a noção de inconsciente espiritual, ao invés da noção de inconsciente psicanalítico. Ele mais uma vez, vai além do pensamento de Freud que defende a noção de inconsciente restrito ao funcionamento instintivo. Assim, o fenômeno da existência humana-espiritual não se faz de forma intelectualizada ou reflexível, mas sob um “inconsciente espiritual”.

A noção de consciência moral supõe o funcionamento da consciência de maneira transcendendo além de uma realidade puramente psicológica. Para Frankl além da consciência moral, o amor e a arte são fenômenos especificamente humanos, possibilitando-nos também transcender. Por isso, dedicar-se a uma causa ou a alguém, extasiar-se admirando o belo, deixar-se conduzir pela consciência num sentido de realização do bem, são atitudes exclusivamente humanas.

As características apreendidas pela análise existencial da consciência moral são identificadas, também, nos fenômenos da arte e do amor, originários do inconsciente noético. Considerando esses três fenômenos humanos, Frankl apreendeu e explicitou as características que eles têm em comum, contribuindo para uma melhor compreensão do inconsciente noético e de seu dinamismo atuante no homem (JÚNIOR & MAHFOUD, 2001, p. 99).

Frankl entende a transcendência para o homem, como ser religioso, através da crença e referência ao Absoluto, ou seja, a Deus. Dessa forma, a religiosidade seria um sentido incondicional onde Deus seria o interlocutor da consciência humana. “No pensamento de Frankl: trata-se de um Tu eterno porque o homem mesmo que de maneira inconsciente, sempre se dirigiu a esse Tu, e esse Tu, sempre falou ao homem” (PEREIRA, 2013, p.122).

No entanto, Frankl que não se deva confundir a consciência moral com a voz do próprio Deus. Ele é um interlocutor, “pedra angular dos valores”. Um suprasentido sob o qual os valores atitudinais, criativos e vivenciais podem estar ancorados. Mas cabe ao homem, por meio

de sua liberdade, decidir-se se acredita ou não em uma divindade. Essa questão implica em uma decisão existencial e não intelectual. Logo, “falar de um relacionamento inconsciente com Deus ou desta presença divina por detrás da consciência moral, em nenhum momento significa que o inconsciente seja divino ou que Deus esteja “dentro” do homem, preenchendo o seu inconsciente (MAHFOUD et.al 2001, p.101).

Por essa perspectiva, o homem religioso tem como fundamento ao “querer ser” e ao “dever ser”, a fé. Ela é um ato de decisão frente às escolhas cotidianas que desabrocha e potencializa a realização do bem. Uma inclinação genuinamente humana. “Isto é, a vontade livre do querer humano já é previamente inclinada para uma possibilidade de valor, para um “dever ser”. Em outras palavras, só se pode querer o bem” (PEREIRA 2013, p.118).

Ao contrário, segundo Frankl, “o homem irreligioso seria aquele que toma sua consciência na mera facticidade da dimensão psicológica, ignorando seu caráter essencialmente transcendente, (...) deixando de reconhecer que, para além do fato psicológico imanente há a referência ao Absoluto, ao Todo Transcendente, a quem ele nomeia de Deus” (PEREIRA 2013, p.117). Nesse caso, o homem irreligioso pode deixar de intuir fazer ou mesmo encontrar o bem em situações trágicas, por não escolher crer no Transcendente.

Logo, o ser humano através de sua consciência escolhe o que faz sentido em cada situação concreta, desviando-se de uma orientação primária pelo poder e prazer, cujo fim último seria o sucesso ou o fracasso. Ao mesmo tempo responsabiliza-se pela escolha feita, sendo livre para posicionar-se diante da vida, inclusive, numa situação de sofrimento, onde a liberdade de escolha deixa o plano da facticidade para estar no plano da existência. Mesmo diante do sofrimento há um sentido que solicita ser preenchido.

Por isso, encontrar sentido no sofrimento é ir na contramão do desespero. O mesmo autor afirma que “O *homo patiens* é o homem que ousa e sabe sofrer, isto é, aquele que consegue transformar seu sofrimento em conquista” (PEREIRA, 2013, p.103). E, ao contrário, desesperar-se frente a situações imutáveis é caminhar para o vazio existencial. Uma situação de desespero direciona o homem para o tédio e a apatia, pela ausência de atitudes significativas assumidas diante da vida. De fato, “o sofrimento em si, não é o que aparece como problema, mas, sim, o desespero” (PEREIRA, 2013, p. 35).

Em contrapartida ao desespero humano, quando o homem se vê diante de situações que não podem ser mudadas, pode sim mudar a si mesmo. A possibilidade de mudar a si mesmo é uma característica da existência humana, segundo Frankl. Por isso, diante da culpa, do desespero e da dor cabe ao homem escolher superar ou não esses sentimentos ou deixar-se sucumbir diante deles e das circunstâncias que os acompanham.

Por outro lado, juntamente com eventos que nos causem dor, culpa e desespero há o nosso conhecimento sobre a transitoriedade da vida. Vive-se apenas uma vez. Nós humanos, diferente dos animais, temos plena ciência desse fato. Essa condição transitória da vida poderia ser um aspecto trágico se considerássemos apenas o tempo transcorrido e nada mais.

Mas na visão de Frankl o passado preserva o ser humano da transitoriedade da vida. Cada escolha no presente é uma escolha que muda o passado. “O ser humano cria-se a si mesmo, pois, ao escolher, ele muda constantemente seu passado” (AQUINO, 2013, p.88). A liberdade de escolher e a responsabilidade sobre o que se escolhe e se faz da própria vida, encerra no passado toda a essência do ser.

Geralmente, damos muita atenção à ideia de transitoriedade, como vasto campo da plantação após a colheita, e subestimamos a nossa história, esquecendo-nos dos “fartos celeiros” que constituem o passado. Neste, nada está irremediavelmente perdido. Pelo contrário, no passado, tudo está inalteravelmente preservado e salvo. Absolutamente, nada e ninguém pode privar-nos do que entregamos à segurança do passado. O que fizemos não pode ser desfeito. E, isso pesa no que diz respeito à responsabilidade humana (FRANKL, 1988/2014, p.96).

O ser humano, sob esse ponto de vista, por meio da temporalidade proposta por Frankl, possui um valor grandioso porque precede de seu próprio passado, eternizando-se também nele. Ele é capaz de escolher no presente o que fará parte de seu passado, criando-se a si mesmo a cada momento. Por essa ótica, o tempo futuro como expectativa e possibilidade para realizações não existe, cabendo ao homem tornar-se seu próprio futuro, mediante suas escolhas e vivências no presente. E no passado, depositar o seu ser-no-mundo, através da maneira como respondeu às questões existenciais propostas pela vida.

Dessa forma, as experiências passadas respondem ao ser humano se a vida valeu a pena ou não. “Não se trata de saber se há alguma lógica que justifique a vida, mas sim, de saber se há algo que a faça valer a pena. Trata-se daquele x que nos guarda do absurdo e, para além de uma justificação biológica ou psicológica” (PEREIRA, 2013, p.140).

De certa maneira, olhar para o passado através dessa percepção é procurar compreender-se como ser inteiro; cujo ato de viver, com o sentido existencial a ele atribuído, nos mantém ao longo dos anos. Por isso, “a singularidade de cada momento vivido, que só ocorre uma vez, traz consigo a ideia da unicidade da vida do indivíduo” (STUART, 2008, p.162), e dele como ser integrado com suas vivências e escolhas.

Uma percepção de sentido existencial que pode vir à tona, quando memórias pessoais são externalizadas pelo discurso narrativo. E, quanto mais o tempo passa mais apurada essa

percepção tende a estabelecer-se, permitindo que no ato de falar sobre o passado, possíveis fragmentações e lacunas percebidas sobre o sentido existencial possam ser corrigidas.

Nesse caso, o idoso, ao lembrar seu passado e falar, reflete e volta-se para si, podendo perceber-se contínuo ao longo do tempo. Um movimento que por sua natureza pode permitir-lhe descobrir novas possibilidades de ser até então despercebidas, ou mesmo ressignificar ações futuras. A percepção de continuidade ao invés de descontinuidade sobre si ao longo do tempo, proporciona ao indivíduo uma visão de integridade sobre sua vida (ATCHLEY, 1989).

2.5 O SENTIDO DA VIDA NA VELHICE

Segundo a pesquisadora Sommerhalder (2010) o constructo Sentido da Vida é considerado novo na área de estudos sobre o envelhecimento, apesar de fazer parte dos questionamentos existenciais do ser humano sendo Frankl (1905-1997) o primeiro pesquisador a questionar e escrever de maneira sistemática sobre essas indagações.

Essa autora fez um levantamento bibliográfico exploratório para buscar: definições do sentido da vida, a evolução do conceito, linhas de pesquisas, como os estudos estão sendo conduzidos e como eles podem contribuir com a Psicologia do Desenvolvimento no que tange à mecanismos de adaptação na vida adulta e na velhice.

Com seu trabalho encontrou dois grandes grupos de estudos a saber: um que relaciona o sentido da vida a aspectos de saúde, de maneira específica com doenças como AIDS e câncer, cujos modelos teóricos dentre outros estão pautados nos pressupostos de Frankl. O segundo investiga as fontes de sentido da vida, trabalhando com um modelo teórico baseado nessa definição, apoiando-se em estudos transculturais.

O propósito desses grupos de estudos é a compreensão dos “mecanismos de ajustamento e adaptação, contribuindo para o estudo do desenvolvimento humano e do envelhecimento” (SOMMERHALDER, 2010, p.270); cujo eixo de pesquisa compreende o processo de envelhecimento como universal sob as seguintes indagações feitas pelos idosos: “*Por que estou aqui? E para onde vou?*”?

No entanto, a mesma autora, salienta que a atribuição de significado para a existência como para os eventos vivenciados em uma trajetória de vida é uma particularidade inerente a cada indivíduo, logo envelhecer é uma experiência singular. Por isso, o ponto de partida para

um estudo sobre velhice deve ser a singularidade que envolve os participantes, tendo em vista suas habilidades para enfrentar mudanças e eventos inesperados ao longo do tempo.

Dessa forma, encontrar sentido de vida na velhice está diretamente ligado à capacidade do indivíduo em correlacionar ao longo de seu curso de vida aspectos positivos e negativos, tentando encontrar um equilíbrio que lhe dê certa estabilidade emocional. Ou seja, estar no mundo com um objetivo, ter um propósito para atividades diárias e encontrar significado para as dificuldades Sommerhalder (2010); o que pode também fornecer à pessoa idosa senso de inteireza existencial ao longo do tempo.

Os estudos feitos sobre Sentido da Vida com relação à velhice demonstram a relevância que possuem para a compreensão do significado da vida humana ao longo da fase adulta e velhice. Essas pesquisas aprofundaram os estudos iniciados por Frankl, que para a autora contribuiu de maneira mais significativa para a área clínica. Abaixo seguem os autores citados por Sommerhalder (2010).

De Vogler & Elbersole (1980) conceituam o Sentido da Vida em oito dimensões a partir do indivíduo: compreensão (busca de mais conhecimento); relacionamento (orientação interpessoal); serviço (ajudar, dar orientação); crença (acreditar em algo); expressão (artística, musical, esportiva e literária); conquistas (respeito, posses, responsabilidades); crescimento (desenvolvimento do potencial pessoal, cumprimento de metas) e existencial-hedonística (a importância do prazer na vida diária).

Essa concepção diverge das ideias de Frankl na medida em que coloca o homem como um ser guiado mais pela busca do prazer do que pela vivência dos valores existenciais. Dessa forma, há uma descaracterização antropológica do homem como ser que tem vontade de sentido. Uma vontade que se realiza de maneira transcendente, com o homem saindo de si para dedicar-se a uma causa ou a alguém, ou acolhendo o sofrimento e conseguindo encontrar razões que o justifiquem e assim superá-lo.

De Vogler & Elbersole (1980) defendem também que o sentido da vida está nas interações familiares e no convívio com os amigos, nessa dimensão relacional é possível vivenciá-lo pela prática de habilidades interpessoais. Pensamento semelhante compartilham os autores Krause (2007), Sommerhalder & Erbolato (2008). Em contrapartida, Fiske & Chiriboga (1991) já citam a dimensão crescimento pessoal como a mais citada e associada a estudos sobre mudança e continuidade ao longo do tempo, sendo por isso associada ao sentido da vida.

Guttman & Huyck (1994) veem na velhice um tempo de adaptação às mudanças. Encontrar um sentido para a vida ajuda a superar as perdas com o avanço da idade. Para Baumeister (1991) o sentido da vida é uma representação mental, a importância que as pessoas

dão às pequenas e grandes coisas na vida. Thompson & Janigiana (1988) esclarecem que as pessoas possuem esquemas de vida que lhes dão ordem, propósito e direção. Kaufman (1997) para ele as pessoas constroem ativamente seu significado existencial, postura defendida pelos existencialistas.

Há também no constructo sentido da vida uma dimensão cultural. Os valores e temas da vida são tecidos em meio a um contexto cultural, sendo decididos de forma coletiva por meio dos relacionamentos e convívio social. Assim, há teóricos que defendem que o sentido da vida não muda com o passar dos anos. Sommerhalder (2010) cita Zika & Chamberlain (1992) como defensores dessa ideia. Há um padrão de comportamento e de escolhas que nos acompanha ao longo da vida, porque está sedimentado através de uma base cultural individual, familiar e social.

Para Atchley (1989) “os adultos utilizam-se de experiências do passado, para resolver questões do presente numa forma de continuidade e adaptação” (SOMMERHALDER, 2010, p.272). No entanto, isso não significa que não estejam expostos à necessidade de mudança. Um envelhecimento tranquilo será aquele em que a pessoa consiga conciliar estratégias para enfrentar as mudanças inerentes a esse processo; e mesmo que haja mudanças na estrutura da identidade pessoal muitos pontos resultam da continuidade e estabilidade de aspectos globais do self e da identidade.

Por isso o modelo de continuidade, segundo Sommerhalder (2010) liga adaptação à história de vida e estabilidade autopercebida, à rede de suporte social e à comunidade externa. Kaufman (1987) também considera que a adaptação na vida tardia é um processo interativo no qual passado e presente interagem. Lazarus (1998), nessa mesma linha de raciocínio destaca que compensar as perdas físicas e mentais inerentes ao processo de envelhecimento ajuda a manter o sentido da vida.

Logo, “as pessoas mais velhas necessitam manter o senso de continuidade com o passado, porque isso ajuda no enfrentamento das mudanças” (SOMMERHALDER, 2010, p.273). E, elas poderão ser auxiliadas quando seus familiares ou outras pessoas mais jovens compreenderem o que é ter sentido existencial e sua importância para uma vida psíquica e emocional sadia. Por isso, considera-se oportuno na próxima seção refletir-se sobre a possibilidade de educar-se para o sentido da vida.

2.6 EDUCAR PARA O SENTIDO E VALORES

Frankl com suas pesquisas observou que a ausência de sentido causa no ser humano um vazio existencial que vem crescendo e espalhando-se pelo mundo. Trata-se de um fenômeno histórico proveniente da mudança social, das transformações valorativas do mundo ocidental como também um fenômeno humano originário de uma indagação sobre o sentido da existência Batista (2014).

A ausência de um por quê ou para quê viver atinge o homem pós-moderno, afetando diretamente seu bem-estar psíquico independente de classe social etnia, gênero, grau de instrução ou idade. Frankl (1978/2015, p.24), salienta que estamos diante de “uma neurose de massa” que repercute de maneira mais direta nos jovens; levando-os a procurar sentido no prazer imediato, ou no uso de substâncias psicoativas (AQUINO, 2012).

Para ele a explicação para tal fenômeno é um declínio acentuado das tradições, com uma relação direta com “o declínio dos valores pelo qual a humanidade atravessa” (AQUINO, 2014, p.72). Isto porque são elas, ou seja, as tradições familiares, religiosas e sociais que direcionam o ser humano para sua razão de ser, corroborando para que ele se proponha a dedicar-se a alguém, ou a uma causa, descobrindo, assim, um objetivo existencial. Por isso, ao contrário dos animais, cuja orientação é dada pelo instinto, o homem necessita da tradição para orientar-se ao longo de sua vida.

E, é nos jovens que se nota um declínio mais pronunciado das tradições, tal resultado sugere a ideia que exatamente o desmoronamento das tradições seja o fator mais importante para explicar o vazio existencial” (FRANKL, 1978/2015, p.25). Ulanov esclarece que em nosso século “perdemos contato com nossas raízes e com a vida simbólica que elas sustentam e alimentam” (ULANOV, 2002, p.278). Como resultado existe entre os jovens um acentuado e crescente sentimento de tédio e indiferença pela vida; o que os conduz, inevitavelmente a comportamentos agressivos e tendências suicidas.

Em contrapartida percebe-se também entre adultos e anciãos pessoas que frente à vida sintam indiferença e ausência de sentido. No caso específico dos idosos um sentimento de falta de sentido diante da vida pode levar-lhes, muitas vezes, à depressão e ao suicídio. Alvarenga et al (2012) afirmam que há no Brasil um índice de depressão na população idosa entre 4,7% a 36,8%, conforme a metodologia de corte utilizada.

Dessa forma, a educação para o sentido pode ser um caminho para jovens, adultos e anciãos encontrarem sentido existencial. “O sentido da vida não é somente uma prática psicoterapêutica a ser aplicada, é também uma orientação pedagógica capaz de ser uma linha

que forma a consciência e a personalidade” (BATISTA, 2014, p.12). Orientação pedagógica que pode ser fornecida através de uma ação conjunta envolvendo a família, a escola e a espiritualidade (AQUINO, 2012).

Por outro lado, esse processo de aprendizagem para o sentido existencial não está presente apenas em fases específicas da vida humana como a juventude. O ser humano é capaz de compreender sobre o sentido da vida em diferentes momentos de sua existência, desde que tenha vontade e abertura para este processo. Ser aberto para aprender significa, sobremaneira em nosso século, acolher os ambientes sociais dos quais se faz parte também como ambientes pedagógicos.

Uma função que, quando acolhida, deixa de ser restrita somente à escola e à família. “Falar de educação não significa focar na escola, o conhecimento está em todo lugar, não é monopólio da escola, vivemos numa sociedade pedagógica, educativa” (SOUZA & GOMES, 2013, p.219).

Assim, é possível que o exercício de verbalização de memórias nas famílias, ou em grupos de apoio, auxilie os idosos na descoberta por um sentido de existência na velhice; devido à natureza pedagógica desse processo. Por um lado, os anciãos guardam na memória muitas tradições e saberes que foram adquiridos ao longo da vida; em contrapartida, podem ressignificar a velhice ao partilhar essas tradições com outras pessoas descobrindo sentido existencial ao dedicar-se à transmissão cultural.

Segundo Rocha (2011) a transmissão da tradição é um momento pedagógico, onde através da oralidade um conjunto de valores, fatos lendas e costumes são repassados promovendo uma interação cultural e dinâmica.

Capítulo 3

METODOLOGIA

O objetivo de um caminho teórico é analisar e compreender um objeto científico de maneira disciplinada com o propósito de lapidar as primeiras impressões sobre a realidade, evitando que se faça julgamentos precipitados, aquém de um aprofundamento adequado.

O cuidado metodológico evita certezas, dicotomias banais, evidências empíricas, leituras apressadas, tomadas parciais de autores e teorias, e toda forma de superficialidade na produção científica. (DEMO 2002, p.352).

Quando o objeto científico é o outro deve-se ter cuidados como aqueles colocados pela autora Schmidt (2008). Suas afirmações advertem sobre a tentativa de compreender ou mesmo estudar o ser humano apenas em si mesmo, mas, ao contrário, deve-se sim estudar o fenômeno ou os fenômenos que o cerca.

Nesse caso a experiência seria o ponto de partida para confrontos com a experiência e ponto de vista do pesquisador. O outro passa a ser um “parceiro intelectual”, deixando sua condição apenas de objeto de pesquisa. Uma postura ética que exige procedimento auto reflexivo constante, onde a convergência de método e ética pressupõe o encontro de sujeitos autônomos (SCHMIDT, 2008), para esclarecer o fenômeno estudado, não cabendo ao pesquisador julgamentos ou considerações pouco apuradas, que independem da tipologia de pesquisa escolhida. A autora refere-se à participante, no entanto as considerações feitas podem ser aplicadas a qualquer outra, em se tratando de ética e metodologia o cuidado epistemológico é o mesmo.

A estreita afinidade entre ética e autonomia faz pensar que a ética da pesquisa participante requer pesquisadores autônomos, com aptidão para assumir responsabilidade por seus atos na condução das investigações, julgar suas intenções e recusar a violência física ou simbólica contra si e contra os outros. Requer, de forma complementar, pesquisadores empenhados no respeito à autonomia de seus colaboradores e interlocutores (SCHMIDT, 2008, p.49).

Sendo assim, mediante essas considerações esclarecemos que esse trabalho teve por norte a pesquisa qualitativa com abordagem narrativa. Trata-se de uma metodologia que coleta histórias sobre determinado tema, para que o pesquisador descubra informações específicas sobre um fenômeno, cuja coleta de dados pode ser: por meio de entrevista, gravação oral, diário de campo, autobiografia dentre outras (PAIVA, 2008).

Nessa abordagem, a linguagem narrativa empregada pelo entrevistado, “constitui uma cosmovisão particular e, portanto, é reveladora do que se quer investigar” (MYULAERT et al, 2014, p.194), funcionando como princípio organizador das experiências relatadas; transmitindo significados individuais e culturais; permitindo que o entrevistado se exprima de maneira mais livre; pontuando o que para ele tem maior destaque (PEREIRA, 2013). Ela possui um efeito particular na interação social que outros modelos de comunicação não possuem (REISSMAN, 2008).

Logo, a entrevista é a “interação entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informação por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 1995, p.86); atuando também como mediador, para que o entrevistado tenha a oportunidade de uma auto-organização subjetiva no momento da entrevista.

Sendo assim, compreende-se que

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelecem no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados (DUARTE, 2004, p.215).

De certa forma, por meio deste procedimento investigativo, “reafirma-se um modelo bidirecional de socialização, em que o sujeito é determinado simultaneamente por si mesmo e pelo social” (BIASOLE-ALVES, 1995, p.44); através da externalização de suas memórias e da interação com o pesquisador, que não está alheio a esse processo, pois ao mesmo tempo influencia e é influenciado por ele.

A narrativa, portanto, pode suscitar nos ouvintes diversos estados emocionais, tem a característica de sensibilizar e fazer o ouvinte assimilar as experiências de acordo com as suas próprias, evitando explicações e abrindo-se para diferentes possibilidades de interpretação. Interpretação não no sentido lógico de analisar de fora, como observador neutro, mas interpretação que envolve a experiência do pesquisador e do pesquisado no momento da entrevista e as experiências anteriores de ambos, transcendendo-se assim o papel tradicional destinado a cada um deles (MUYLAERT et al, 2014, p. 194).

Nesse caso, cabe aqui ao pesquisador manter certo distanciamento, sem, no entanto, perder sua capacidade intuitiva e imaginativa para que a análise dos dados obtidos possa ser a

mais próxima possível do fenômeno estudado. “Trata-se de um trabalho que só pode ser realizado com o uso da intuição, da imaginação e da experiência” (MARTINS, 2004. p.293).

Sendo assim, os dados para esse trabalho foram coletados com a utilização de entrevista semiestruturada; com a qual buscou-se compreender a percepção que cada participante tem sobre o processo de envelhecimento, tendo em vista sua trajetória de vida tanto profissional como pessoal, e o sentido que atribuem à suas vidas.

Para delineamento desse trabalho optou-se pelo estudo de casos múltiplos que é “uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real” (YIN, 2001, p.21), através de uma análise ampla e detalhada sobre o objeto pesquisado. Os dados coletados foram compreendidos a partir de categorias de análises construídas por meio da Psicologia do Desenvolvimento de base semiótica, utilizados por Zittoun (rupturas e transições) e do constructo Sentido Da Vida de Frankl.

3.1 PARTICIPANTES, CRITÉRIO DE SELEÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

Para a escolha das participantes três critérios básicos foram estabelecidos: a) serem educadoras aposentadas do Ensino Fundamental I ou II na rede pública de ensino Municipal ou Estadual da Bahia; b) terem idade igual ou superior a 60 anos; c) não estarem exercendo a profissão docente.

Todas as entrevistadas receberam pseudônimos para que suas identidades fossem mantidas em sigilo, bem como seus respectivos endereços, e as cidades e escolas onde lecionaram. O contato com as entrevistadas foi através de proximidade com a pesquisadora, por frequentarem o mesmo templo religioso, outras por morarem próximas ao endereço da mesma.

Foram entrevistadas 07 educadoras aposentadas cuja idade variou entre 60 e 92 anos, com os seguintes estados civis: 01 solteira, 03 casadas, 03 viúvas. Uma possui curso superior e as demais não possuem. As entrevistas foram realizadas entre 03/06/2015 a 03/08/2015.

Quadro 1- Caracterização das entrevistadas.

NOME	IDADE	No. FILHOS	ESTADO CIVIL	COM QUEM MORA
Cora	60	02	Casada	Marido e filha solteira
Meire	61	03	Casada	Marido
Greice	68	-	Solteira	Sozinha
Dulcinete	70	02	Casada	Marido
Luzinete	74	02	Viúva	Sozinha
Nana	89	09	Viúva	Filha casada
Inês	92	04	Viúva	Filha casada

Fonte: Entrevistas das participantes.

3.2 O CONTEXTO DO ESTUDO

O contexto deste estudo são duas cidades do interior da Bahia uma de médio e outra de pequeno porte, locais onde as entrevistadas residem; como suas famílias ou outros ambientes sociais que componham suas redes de apoio. O local e o horário da entrevista eram previamente combinados com a pesquisadora, conforme a disponibilidade das entrevistadas. Das seis entrevistas quatro foram feitas à tarde e duas à noite, apenas uma não foi realizada na casa da participante, sendo todas gravadas e transcritas.

Em cada residência a escolha do local para a entrevista era feito pelo entrevistado e em duas entrevistas houve a participação de membros da família, ouvindo o diálogo que estava sendo estabelecido e às vezes participando dele também, comentando sobre algum evento comum do qual recordavam.

Em uma entrevista houve a participação de uma cunhada da entrevistada que residia bem próxima a sua casa; e em outra houve o relato da filha que havia sido aluna da entrevistada, contando em detalhes o desempenho da professora que também era sua mãe. Em ambos os casos as intervenções e observações desses familiares enriqueceram a entrevista, ajudando a pesquisadora e compreender melhor os relatos que estavam sendo feitos.

3.3 CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS CASOS E DA SITUAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Cora, branca, 60 anos, professora da rede Municipal de ensino, casada há 40 anos tem 03 anos de aposentada, trabalhou por 26 anos, tem 02 filhos e 02 netas. A filha de 34 anos ainda reside com ela e o marido; o filho mais velho vive com sua namorada em outra casa, as netas

moram em outra cidade com a mãe. Cora foi entrevistada em sua residência; disponível e atenciosa em participar da entrevista; concordou de imediato, demonstrou clareza e tranquilidade em suas colocações.

No momento o marido estava em casa, mas não ouviu nossa conversa, porque estava assistindo TV enquanto conversávamos na varanda na frente da casa. A filha chegou após uma hora de entrevista, mas não permaneceu na varanda, retirando-se para seu quarto. Senti-me confortável com essa participante e a entrevista demorou aproximadamente 02 horas.

Meire, morena, 61 anos, casada há 40 anos, 03 filhos, sendo um falecido, 02 netos, 05 anos de aposentada, lecionou na rede Municipal de ensino por 28 anos. Ela foi entrevistada no salão paroquial anexo à Catedral da cidade onde reside. Essa entrevistada achou melhor encontrar-me nesse horário, antes do início de uma atividade religiosa. A entrevista foi tranquila o ambiente era agradável, climatizado e silencioso, em momento algum fomos interrompidas; Meire demonstrava alegria em poder participar, respondendo às perguntas com tranquilidade e paciência. Nossa entrevista durou aproximadamente 02 horas.

Greice, negra, 68 anos, lecionou na rede municipal e estadual de ensino, possui 10 anos de aposentada; trabalhou em educação por 42 anos, sendo 20 em sala de aula e o restante ocupando cargos administrativos como: diretora, assessora técnica e subsecretária de educação municipal, Greice é a única entrevistada que possui curso superior, sendo formada além do antigo Magistério em Ciências Contábeis. Ela é solteira, mora sozinha em uma casa muito confortável; conta durante o dia com a ajuda de uma empregada doméstica que está com ela há 17 anos.

A entrevista foi em sua residência; percebi a entrevistada confortável e muito feliz em colaborar com a pesquisadora com quem já trabalhou há 14 anos atrás. Os pais de Greice já são falecidos ela tem 03 irmãos casados e 06 sobrinhos; eles a visitam regularmente, todos os domingos. A entrevista com essa senhora durou aproximadamente 02 horas.

Dulcinete, morena-clara, 70 anos, lecionou na rede municipal de ensino por 30 anos, tem 21 de aposentada. A entrevistada é casada há 45 anos tem dois filhos e 04 netos, os filhos são casados e moram em cima de sua casa. A entrevista foi realizada em sua casa com duração de aproximadamente 02 horas e essa senhora ficou muito feliz com sua participação, solicitando inclusive que a entrevistadora, que a conhece há 06 anos, voltasse para que conversassem mais.

No momento da entrevista uma de suas cunhadas que mora ao lado de sua casa, permaneceu por alguns momentos ouvindo a entrevista por interessar-se na temática abordada, e às vezes fazendo algumas considerações sobre Dulcinete que é muito querida por toda a família, seus pais foram um dos primeiros moradores do bairro. A entrevistada destacou que dois de seus irmãos moram ao lado de sua casa. Todos se dão muito bem e aos domingos

reúnem-se para almoçarem juntos. Ela mora na casa que foi de seus pais, permanecendo no mesmo endereço por praticamente 70 anos.

Luzinete, branca, 74 anos, lecionou na rede municipal de ensino por 26 anos, tem 28 anos de aposentada. A entrevistada é viúva há oito anos tendo sido casada por 51. Ela tem duas filhas casadas, 01 filho adotivo solteiro 05 netos e 01 bisneto. Luzinete mora sozinha, sendo sua residência próxima à casa de sua filha, cujo terreno foi cedido por ela para que a filha construísse sua casa e também a casa de seu neto, trata-se de uma casa de dois andares. Ela foi entrevistada em sua residência por aproximadamente 02 horas, no momento estavam presentes sua filha e uma sobrinha que às vezes vem visitá-la. Como essa sobrinha é solteira e não tem filhos, sente-se bem em passar alguns dias na casa da tia. Ambas não interferiram na entrevista nos deixando à vontade e a sós.

A entrevistada sentiu-se muito feliz e lisonjeada com o tema da entrevista, e ao mesmo tempo com a visita da entrevistadora, que a conhece há aproximadamente 15 anos. Assim, logo na chegada à sua casa chamou-me para mostrar uma relíquia de sua família de quase 300 anos. Trata-se de uma imagem de Santo Antônio esculpida em madeira trazida de Portugal por seu tataravô, devoto do Santo, cuja tradição em fazer a trezena no mês de junho, com a mesma imagem, Luzinete mantém até hoje.

Nana, branca, 89 anos foi entrevistada na residência de sua filha com quem está morando; lecionou por 35 na rede estadual de ensino; possui 41 anos de aposentada, viúva há 05 anos foi casada por 67. Nana teve 09 filhos, 03 falecidos, ainda bebês, 06 sobreviventes, 17 netos e 12 bisnetos. A entrevista durou cerca de 02 horas, correu tranquila e em alguns momentos contou com a participação de sua filha que foi alfabetizada por ela. E, em outros momentos também era solicitada para que ajudasse a entrevistada a ter maior clareza sobre os fatos relatados dos quais a filha também havia participado.

Nana ficou um pouco ansiosa na véspera da entrevista, com medo das perguntas que seriam feitas e com uma possível dificuldade para lembrar-se, principalmente de datas. Isto foi relatado por ela antes da entrevista iniciar-se, no entanto, depois desse desabafo e com o transcorrer da entrevista mostrou-se menos tensa, e alegre em poder colaborar.

Inês, morena-clara, 92 anos foi entrevistada na residência de sua filha com quem mora. Ela tem 04 filhos, 04 netos e 03 bisnetos. Lecionou por 47 anos, foi casada por aproximadamente 23 anos é viúva há 38; possui o ensino médio (Magistério) e o seguinte tempo de aposentadoria: 25 anos pelo estado da Bahia e 22 pela rede privada. A entrevista foi tranquila e a entrevistada demonstrou imensa alegria em participar e relatar sobre sua vida.

Em alguns momentos parecia até que se transportava para um outro tempo, gesticulando como se estivesse diante de seus alunos ministrando uma aula de Gramática da Língua Portuguesa; utilizando nosso idioma de maneira solene dentro da norma culta. Em nenhum momento mostrou-se confusa ou hesitou para relatar as informações que eram solicitadas. Essa entrevista teve uma duração aproximada de duas horas foi feita à tarde na residência da filha com quem reside há mais de vinte anos.

3.4 INSTRUMENTO E TÉCNICA PARA COLETA DE DADOS

Para investigação da compreensão sobre ser idosa e o sentido da vida foi utilizada a técnica da entrevista narrativa; por meio de questionamentos abertos e amplos que propiciaram às entrevistadas possibilidade de reflexão e questionamento sobre as questões propostas; procurando manter a liberdade das participantes para que os assuntos fossem abordados conforme sua vontade.

Foram feitas perguntas diretas às participantes sobre a percepção que têm sobre ser idosa, sua experiência profissional, sua trajetória de vida, e sobre a condição de sentir-se ou não educadora nessa fase da vida. Por outro lado, não foi feito um questionamento direto sobre o sentido da vida. Por meio dos conteúdos acessados através das narrativas e de perguntas como “o que é felicidade” ou se “existe um conselho para uma vida feliz” é que se considerou os elementos relevantes para o entendimento sobre o sentido existencial atribuído por essas senhoras às suas vidas.

No início da entrevista foi entregue o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, onde consta o objetivo geral da pesquisa. Após a leitura feita pela participante era esclarecido verbalmente pela pesquisadora o objetivo norteador do trabalho que consiste em compreender a percepção que educadoras idosas (aposentadas) têm sobre o processo de envelhecimento; suas trajetórias e o sentido que atribuem às suas vidas, considerando se há ou não a permanência da identidade profissional, após suas aposentadorias, como recurso para que possam lidar melhor com essa fase da vida. Houve grande interesse por parte das entrevistas pelo tema e em seguida introduzia-se o primeiro questionamento que era: *Para a senhora como é envelhecer?*

A partir dessa questão as participantes falavam livremente sobre suas percepções sobre esse momento da vida. Em seguida iniciava-se a segunda parte da pesquisa que consistia focar nas reflexões das idosas sobre suas trajetórias de vida e profissional, destacando a razão de terem escolhido a profissão de educadora, se sentem-se ou não como educadoras naquele

momento de suas vidas, e em quais situações essa percepção emerge. As narrativas iniciavam-se a partir de uma perspectiva de revisão e balanço de vida onde tanto as lembranças da atividade laboral vinham à tona, quanto àquelas que se referiam às suas vidas privadas, em família, ou em outros ambientes sociais.

Muitos dos tópicos, considerados importantes para a pesquisa, eram trazidos de forma espontânea pelas participantes, seguindo uma ordem dinâmica e interativa. Outros pontos levantados na entrevista eram os seguintes:

- Para você o que é ser feliz?
- Quais foram os momentos mais felizes em sua vida?
- Hoje o que lhe traz mais alegria?
- Como superou e supera momentos difíceis em sua vida?
- Há uma “receita” para ser feliz?
- Você possui um motivo para viver?

Nos momentos finais das entrevistas a entrevistadora participou de maneira mais ativa estimulando a reflexividade das participantes pela retomada de questões já levantadas por elas, a fim de melhor esclarecimento ou mesmo permitir um momento de avaliação mais apurada sobre os eventos narrados. Conforme Gillespie & Zittoun (2010) num momento onde o signo é utilizado de maneira reflexiva há a reorganização de uma tarefa de tal forma que ela possa ser refeita de uma nova maneira. Assim, o diálogo era instaurado com o surgimento de novas opiniões e reavaliações de alguns pontos de vista já externalizados. Apesar da brevidade desse momento pôde-se observar que houve abundante reflexão sobre o tema devido a entrada de novos questionamentos.

As entrevistas foram gravadas e transcritas *verbatim*.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS: PROCEDIMENTOS

Paiva (2008) ao citar Lieblich, Tuval-Mashiach & Ziber (1998) esclarece que, para esses autores, há duas dimensões na pesquisa narrativa: a holística e a de conteúdo. Em ambas as dimensões os dados poderão ser analisados de maneira integral ou fragmentada; existindo a possibilidade de se combinar as duas num procedimento de análise. O modelo holístico utiliza-se da completa história de vida narrada do sujeito, atentando-se para o conteúdo apresentado por ele. Sendo assim, nesse trabalho, optou-se por analisar as entrevistas de forma holística,

considerando o material narrativo de modo individual, para identificar pontos de convergência, divergência, ou mesmo ambivalência em um mesmo tema tratado.

Logo, tomando por base uma perspectiva holística da entrevista, essas foram analisadas a partir do signo *sentir-se educadora*, através dos significados e práticas que o compõem, tendo em vista a utilização de recursos materiais e simbólicos através dos quais essa posição do *si mesmo* se mantém ou não após o término da atividade laboral. Num segundo momento foi feita uma comparação entre os processos de significação presentes em todas as narrativas chegando-se a um modelo de análise do signo *sentir-se educadora* por meio das seguintes dimensões: social, valorativa e afetiva.

Para análise dos dados narrativos foi adotado o seguinte procedimento: As narrativas foram divididas em dois momentos: 1- investigação sobre o que é envelhecer e o sentir-se educadora após a aposentadoria, identificando os recursos materiais e simbólicos que acompanham essa percepção; 2-investigação sobre a trajetória de vida dessas senhoras para compreender momentos de rupturas e transições, sentido de vida e inteireza existência.

Capítulo 4

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A apresentação e discussão dos resultados foi orientada pelos conceitos centrais ao estudo: rupturas e transições, sentido da vida, inteireza experiencial. A leitura do material narrativo foi organizada de acordo com o eixo descrito abaixo, composto de três etapas:

1. Categorização temática

- 1.1. Cada entrevista foi lida repetida vezes pela pesquisadora, os trechos relevantes eram destacados e, as observações sobre os conteúdos surgidos eram feitas mediante a adequação com os objetivos de estudo propostos.
- 1.2. Foram separados os trechos narrativos em dois grupos: a) sobre a significação do que é envelhecer e o sentir-se educadora após a aposentadoria; b) trechos que se referiam às trajetórias das entrevistadas, pontuando momentos de rupturas e transições em suas vidas, o sentido de vida e inteireza existencial que norteia suas vivências.
- 1.3. Os conteúdos relevantes foram selecionados e agrupados considerando os significados, sentimentos e práticas que acompanham o signo sentir-se educador e a percepção sobre o envelhecer.
- 1.4. Em cada entrevista buscou-se identificar tensões, conflitos e ambivalências existentes nas falas das entrevistadas, desde que fossem pertinentes ao que foi proposto pelo estudo.
- 1.5. Foi feita a interpretação das narrativas sobre o ser idosa e o sentir-se educadora após a aposentadoria finalizando esta etapa; em relação aos momentos de ruptura e transição como também o sentido de vida e inteireza existencial, foram seguidas as etapas descritas nos itens 2 e 3, abaixo.

2. Definição de momentos de rupturas e transições.

- 2.1. Após a seleção dos temas novas leituras foram feitas a fim de identificar significados, sentimentos e práticas implicados nas experiências de rupturas e transições que ajudassem a compreender como esses processos se estruturavam.

- 2.2. As rupturas e transições normativas foram consideradas a partir da aposentadoria e da viuvez.
 - 2.3. A aposentadoria foi analisada levando-se em conta a escolha e a vivência profissional para que fosse possível identificar tensões, conflitos e realizações ao longo da trajetória profissional.
3. Análise do Sentido de Vida e inteireza existencial:
 - 3.1. Buscou-se identificar a presença de sentido de vida e inteireza existencial na trajetória de vida das participantes.
 - 3.2. O sentido da vida foi analisado a partir da vivência dos valores criativos, atitudinais e vivenciais.
 - 3.3. Esses valores foram analisados a partir de fatores internos como: estratégias de enfrentamento, religiosidade, identidade.
 - 3.4. Os fatores externos foram analisados a partir de: lazer, redes de apoio formal e informal.
 - 3.5. Foi investigada a presença de inteireza existencial a partir da permanência do Sentido da Vida ao longo dos anos e na velhice.

As seções que se seguem refletem esse eixo norteador para as análises, porém de um modo não linear, já incorporando reflexões e retorno à teoria. São quatro as seções nas quais o presente capítulo se estrutura: 1) significados de envelhecer e revisão de vida; 2) significados ligados ao sentir-se educadora; 3) escolha profissional versus aposentadoria; 4) rupturas durante a transição para a aposentadoria: o exemplo da viuvez.

4.1 SIGNIFICADOS DE ENVELHECER E REVISÃO DE VIDA

Envelhecer é um fenômeno universal, gradual e contínuo que atravessa todas as culturas e sociedades; no entanto deve ser tomado em caráter único, pois cada ser humano possui uma percepção diferente sobre ele conforme sua história de vida. Nesse sentido a compreensão sobre a velhice é singular; passando por processos de socialização e internalização de ordem simbólica que a configuram através do curso de vida dos sujeitos.

Logo a percepção sobre a experiência de envelhecer para indivíduos da mesma faixa etária, classe social, profissional, ou membros de uma mesma família será diferenciada,

podendo existir aspectos convergentes, mas não uma uniformidade. Por isso o que se destaca nas trajetórias individuais dessas educadoras são os aspectos que as singularizam.

Na narrativa de Greice, 68 anos, a velhice representa uma fase boa, tranquila, momento de liberdade e maturidade, trazendo um sentimento de gratidão pela idade alcançada apesar de algumas dificuldades que são impostas por doenças como a Diabetes. Ela avalia o presente de maneira positiva tendo por parâmetro o passado; e nesse movimento retrospectivo é capaz de compreender possíveis falhas, o que sugere que a sabedoria adquirida confira ao si mesmo um senso de inteireza existencial na velhice, a partir de um “conhecimento sobre a consciência de seus limites” (FRANKL, 1978/2015, p.67), ao longo de sua trajetória

Envelhecer para mim é sentir à vontade. Considero uma fase boa com alguma dificuldade como a diabetes..., mas quando ela está controlada vivo bem. Sinto que tenho mais equilíbrio e maturidade... A gente quando é jovem é muito apressado nas decisões, hoje erro menos, faço o que gosto viajo sempre que posso. Sou agradecida a Deus por meus 68 anos. (Greice, 68)

Luzinete, 74 anos, faz uma observação interessante a respeito da velhice. Existem para ela duas dimensões simbólicas sobre envelhecer, uma descrita pela fala e experiência do outro, e outra descrita por sua percepção. Na visão do outro o significado de envelhecer é ruim, pois não há aceitação da passagem do tempo; para ela, ao contrário, é um momento prazeroso que desperta um sentimento de orgulho e gratidão.

Luzinete cita o caso de uma amiga oito anos mais velha que ela, com quem trabalhou, para exemplificar essa visão negativa sobre a velhice. Essa amiga diz não aceitar envelhecer de jeito nenhum, referindo-se à velhice como uma doença incurável. Uma visão que se aproxima de uma concepção mercadológica sobre a velhice, onde a intenção, de grande parte da propaganda publicitária, é “vender” a possibilidade da juventude eterna, por meio de medicamentos e terapias, hábitos saudáveis, diversões e etc. para os idosos; distorcendo a velhice como um processo gradual e contínuo, para defini-lo simbolicamente como uma doença. Nesse caso é difícil para um idoso, que pense dessa maneira, perceber sentido de vida nessa etapa da vida, pois há bens intangíveis como a felicidade que não podem ser comprados, mas descobertos no cotidiano da vida de cada um.

Envelhecer é a pior doença que existe para quem não se conforma com a velhice. Tenho uma amiga mais velha que eu...acho que oito anos ...a gente trabalhou junto. Ela não sai de casa, vive triste e diz que a velhice é uma doença muito ruim, incurável.... Eu a chamo para passear sair de casa, ela não aceita...ligo para ela converso tento convencer ... é muito triste...eu aceito a velhice tenho orgulho e prazer de dizer minha idade 74 anos... eu não esperava

viver tanto assim ... Considero que durante esses anos minha vida foi bem vivida, infância (risos) ... adolescência, juventude... (Luzinete, 74).

Dulcinete, 70 anos, considera a velhice uma fase boa, mas se não for acompanhada por doenças. Ela venceu um câncer de mama há 10 anos, um AVC logo em seguida, colocando recentemente 03 pontes de safena. Essas doenças fragilizaram sua saúde, afastando-a do convívio social; ela sente também fortes dores na perna, o que a impede de sair de casa deixando-a um pouco triste pela falta do convívio social.

No entanto, apesar das condições de saúde considera-se feliz nessa fase da vida porque tem esperanças de que a saúde vai voltar, sendo sua fala otimista sem muitas lamentações. Há uma maturidade em aceitar a doença e a velhice como um processo ao qual estamos expostos, ficando subentendido que a diferença está em como se vivencia estas situações se de forma otimista ou desesperadora. A capacidade humana em suportar o sofrimento é uma fonte que confere sentido à vida. “O sentido do sofrimento constitui o mais profundo sentido possível” (FRANKL, 1988/2014).

Olha a velhice ela é boa, mas a velhice com doença não é boa... não. Eu fiz uma cirurgia na perna tem pouco tempo acho que um mês e... sabe eu queria sair ir pra igreja, visitar pessoas, mas me sinto fraca tenho medo de cair, às vezes também fico sem ânimo pra andar sinto ainda muitas dores na perna...sinto que estou presa... limitada não posso fazer feira, aqui em casa às vezes faço tudo devagar...Mas você sabe a gente não pode deixar a doença tomar conta... eu vou levando sinto-me em paz... tenho certeza de que tudo vai passar ... (Dulcinete, 70).

Meire, 61 anos, considera a velhice uma fase ótima cuja percepção se dá fisicamente. Ela se sente velha por não ter a mesma agilidade de quando era jovem. Por outro lado, a velhice é um momento prazeroso porque pode viajar e passear. Meire viaja muito e vai só porque o marido não a acompanha, mas isso não ofusca o brilho que vê na vida; considera viver maravilhoso, uma graça divina. Talvez porque conseguiu pautar sua vida sob um modo reto e digno, superando dificuldades, encontrando uma razão para existir dia-a-a-dia, mesmo diante de possíveis situações que possam entristecê-la como a ausência do marido nas viagens que faz.

Pra mim envelhecer eu sinto no corpo. É eu não consigo fazer coisas tão rápidas como fazia quando era moça jovem... (risos) já ando mais devagar arrumo minha casa devagar coisas assim. Eu só sinto que sou velha nessa parte...agora eu também viajo muito vou sozinha meu marido não gosta ele fica... saio com minhas amigas ...gosto muito de viajar a semana que vem estou indo para a Fortaleza com um grupo de aposentados da Prefeitura ...é

muito bom, a gente se diverte muito quando sai, sempre tem viagens para eu ir ...viver é ótimo (Meire, 61).

Nana, 89 anos, em sua narrativa descreve a velhice como um momento bom, consequência de uma revisão de vida positiva, e uma vivência tranquila com a família. Há um sentimento positivo quando se faz uma retrospectiva da vida, na velhice, e consegue-se perceber que a vida valeu a pena não havendo arrependimento ou outros sentimentos negativos. O que sugere que Nana sente-se feliz por perceber sua inteireza existencial consigo e com seu ambiente social.

A velhice é um momento bom...meus filhos ligam sempre para mim, eles são muito unidos, às vezes parece até que sou criança... eles ligam e perguntam como eu estou passando se estou sentindo alguma coisa... se já almocei... (risos) e sinto também que tive uma vida maravilhosa...era muito querida por todos... e aqui com minha filha eu me sinto em casa... (Nana, 89).

Inês, 92 anos, a narrativa de Inês aproxima-se de uma visão avaliativa sobre a vida, como foi a de Nana, onde também afirma estar vivendo um momento feliz por sentir-se realizada e ter o apoio dos filhos. E, esclarece também que as metas estabelecidas ao longo da vida foram sendo cumpridas, mesmo sendo modestas tudo o que idealizou conseguiu realizar.

Percebe-se que nas narrativas das participantes mais idosas houve uma revisão de vida para justificar o momento presente e ambas tiveram uma visão positiva de suas trajetórias; mesmo que tenha havido eventos desagradáveis que não foram citados, esses, provavelmente, foram bem solucionados, ou simplesmente esquecidos; deixando transparecer que a vida valeu e vale a pena.

No entanto, segundo uma pesquisa realizada pela Universidade Northeastern, nos EUA, coordenada pelo pesquisador Isaacowitz, uma visão positiva da vida pode estar correlacionada a processos cognitivos específicos dos idosos, onde haveria uma prevalência pela lembrança de episódios agradáveis em detrimento aos desagradáveis porque esses últimos demandam maior esforço cognitivo para serem processados.

Os idosos tendem a lembrar-se mais de episódios positivos, dedicar-se a situações que melhorem o humor, não valorizando perdas e desapontamentos, focalizando-se em situações e eventos que lhes tragam bem-estar. Uma situação que pode estar sendo vivenciada pelas participantes que avaliam suas trajetórias, ou mesmo o momento presente de suas vidas, sempre de maneira alegre e positiva.

Eu não tenho minha filha do que me queixar na vida... filhos maravilhosos, abençoados por Deus... preocupam-se comigo, cuidam de mim com carinho sabe... o que que eu vou me queixar? Não é? Eu me sinto feliz... plenamente realizada tudo aquilo que eu imaginei, porque eu não imaginei o impossível, então se eu realizei tudo, se eu consegui tudo o que é que eu tenho de me queixar da vida? Só tenho de agradecer a Deus porque ele é uma constante na minha vida. Eu me considero, felicíssima minha filha, tive uma juventude pobre, porém feliz. (Inês, 92)

Cora, 60 anos, não se considera idosa porque não possui limitações físicas ou uma doença incapacitante. Uma noção social que pode ter sido internalizada através do compartilhamento de valores e representações sobre o idoso feitas em nossa sociedade, divulgadas pelos meios de comunicação. Para ela idoso é aquela pessoa de mais idade, mas ao mesmo tempo totalmente dependente.

No entanto, gostaria de sair dirigindo seu carro e não o faz, nesse momento sente-se idosa, por sua incapacidade, justificando que seus reflexos já não são tão bons. Há em Cora um sentimento ambivalente sobre a velhice, onde a ideia de uma total dependência se confunde com sua incapacidade para dirigir, podendo revelar sua tristeza por estar vivendo de maneira tão reclusa, não sendo capaz de sair conduzindo seu próprio carro.

Cora faz uma associação livre criando um significado semiótico pré-reflexivo sobre velhice, cujo significado para si ainda não conseguiu ajustar satisfatoriamente. Esse sentimento a faz aproximar-se e distanciar-se de uma nova identidade a ser assumida, onde a limitação física ou a dependência não deveriam caber como valores para caracterizá-la.

Não me considero idosa tendo 60 anos...pra mim idoso é aquele que está velho e depende de outra pessoa para tudo... uma pessoa que já não tem domínio de nada... eu não dependo dos outros e também não me considero velha com 60 anos. (...) é sabe ...eu sinto frustrada porque não dirijo, meu marido dirige eu ...não sei.... Não vejo necessidade, nesse momento eu sinto que estou velha, e falo para mim mesma dirigir para quê? Se já estou perdendo alguns reflexos minha vista não está muito boa Hoje eu me sinto só... são com essa idade...eu não saio. Tenho medo já fui assaltada ...aí eu só fico em casa com minhas duas cadelas...eu amo minhas “meninas” ... (Cora, 60)

4.2 SIGNIFICADOS LIGADOS AO SENTIR-SE EDUCADORA

A identidade profissional é um aspecto social da identidade individual, ela pode permanecer por certo período e desaparecer em outros. Sua perda terá repercussões em termos da concepção sobre *o si mesmo* e o outro, o que leva a construção de uma nova história de vida,

novas relações sociais, influenciando a base ou matriz da própria individualidade Santos (2005). Por outro lado, sua permanência pode ser um recurso para adaptação do eu a rupturas e mudanças.

O rompimento por completo dessa identidade profissional, para alguns, pode configurar-se como um momento doloroso, onde o senso de *si mesmo* corre o risco de ser abalado pela perda da identidade individual que, por motivos diversos, pode confundir-se com a identidade profissional. Talvez, em certa medida, deixar de “ser” um profissional possa implicar em “não ser” uma pessoa que se reconheça com sua individualidade.

Assim, o objetivo da análise do material empírico, neste tópico, é compreender se há ou não a presença da identidade profissional nas participantes, mencionando a forma como ela se manifesta.

Cora, 60 anos, descreve sua passagem pela escola como conflituosa com seus superiores e agradável com os alunos. Ela contabilizou durante seus 34 anos na educação 2000 alunos alfabetizados. Atualmente, sente-se só, desvalorizada e triste, por isso não se sente educadora, embora mencione, às vezes, sentir falta do ambiente de trabalho, por causa do contato com os alunos; afirmando inclusive que a identidade profissional é uma marca que não a deixa. Ela menciona que guarda alguns CDs com trabalhos dos alunos, e vez ou outra ela os revê. O que indica que para Cora a vida profissional foi uma fonte importante de sentido existencial por meio da vivência dos valores de criação, através da realização de um trabalho de qualidade ao longo de seu percurso profissional.

Talvez haja um sentimento ambíguo com o ato de guardar algumas coisas do tempo em que lecionava, presentear as netas com jogos educativos, supervisionar, mesmo distante o avanço delas na escola; e desfazer-se de objetos do tempo em que lecionava. Atos que podem indicar que a identidade profissional, apesar de mencionada como inexistente, aflore nos momentos em que as recordações vêm à tona, e certas práticas de cuidado com as netas são exercidas, despertando-lhe sentimentos de satisfação e alegria.

Ou mesmo quando responde de maneira afirmativa que caso fosse necessário retornaria para a sala de aula, sentindo-se “marcada” pela profissão de educadora. O que sugere que talvez sinta falta do trabalho devido aos momentos em que era extremamente criativa. Essas marcas de sua capacidade criatividade fazem parte dela, mesmo que escondidas. Em certa medida, não é o exercício profissional que traz a realização pessoal, mas a maneira como esse trabalho é realizado. Logo, o “ser educador” em Cora estende-se para além da aposentadoria, conferindo-lhe um significado existencial, porque ela internalizou-o através do modo como desempenhava

suas atividades profissionais de maneira criativa e responsável. O homem amplia sua criatividade quando se entrega a uma causa (FRANKL, 1978/2015).

É não me sinto mais professora não.... A escola decepcionou-me, não os alunos...senti que fui “usada” como uma das mais antigas da escola não fizeram nada quando saí senti-me “usada”. Eu decorava toda a escola... preparava os desfiles para o 7 de setembro e quando saí nem uma homenagem... uma palavra de reconhecimento nada...fiquei muito triste... passei até por uma depressão, ainda tomo medicamentos, não estou totalmente livre dela.... Eu guardo algumas coisas às vezes sinto falta...saudade dos alunos, sabe? É ser professora é uma marca que nunca deixa a gente, sabe? (nesse momento o olhar de Cora se perde procurando alguma coisa) E, ... ainda mais quando a gente faz com amor...Até dei muitos livros pra escola da minha neta e pra minhas colegas...E tenho alguns CDs de Projetos que fiz com meus alunos... eles são lindos de vez em quando eu gosto de ver pra matar a saudade...Gosto de dar presente educativo pra minhas netas, também... pergunto sempre como estão na escola se já sabem ler e fazer contas e às vezes, quando elas vem de férias pra minha casa, peço pra trazer os cadernos pra eu olhar....algumas vezes penso a professora deveria fazer outras atividades... são eu monitoro o nível de aprendizagem das minhas netas.... Isso é bom ...às vezes até penso poderia, quem sabe, voltar a alfabetizar.... É porque eu gosto é de ensinar para a criança pequena só pequena... (Cora, 60)

Meire, 61 anos, sente-se educadora quando reencontra as colegas nas reuniões semanais do grupo de aposentados que a Prefeitura mantém e quando revê ex-alunos bem-sucedidos. A identidade profissional emerge numa situação relacional com o outro de mesma profissão e com aqueles que foram seus alunos, em cujo sucesso Meire sente participar, o que lhe traz sentimentos de satisfação e alegria. O que sugere que para Meire esses encontros são modos de coexistência permitindo-lhe descobrir sentido existencial ao relacionar-se com o outro, de forma plena, única e insubstituível, por meio de sua atividade profissional.

E, ao contrário, quando pensa naqueles que morreram por que se envolveram com a criminalidade, ou estão presos, há um sentimento de fracasso e tristeza. Nesse caso, Meire procura responsabilizar-se pelo insucesso do outro como se, de alguma forma, talvez falhasse como educadora. Quando o homem se move para além das fronteiras puramente profissionais, no exercício de sua atividade laborativa, consegue tornar sua atividade verdadeiramente humana e insubstituível (FRANKL, 2003/2015). E, é esta postura humana e comprometida diante do exercício profissional que torna Meire tão responsável não só pelo aprendizado acadêmico de seus alunos, mas também por suas vidas.

Nesse processo tenta reconstruir o passado, mas ao mesmo tempo usa a imaginação para expandir o presente, perguntando-se internamente e *se eu ... (if I would...)* (VALSINER, 2012); movimentando-se subjetivamente entre uma fronteira imaginária, onde o conhecimento sobre o

resultado de uma outra possibilidade de escolha no passado torna-se inviável; sendo possível sua intuição, apenas, pelo discurso narrativo sobre essas lembranças. Meire busca dessa maneira uma resposta positiva, para um evento, que para ela, é frustrante, e ao mesmo tempo, insolúvel. Seus ex-alunos cresceram ou morreram; eles como crianças, já não existem. Imaginar eventos passados permite a compreensão do presente (VALSINER, idem).

Sinto que sou educadora quando encontro minhas colegas nas reuniões que toda semana eu vou..São reuniões para aposentados da Prefeitura...pode ir só aposentado...aí eu encontro minhas colegas e a gente fica conversando... aí eu me lembro do tempo que trabalhava na escola...como professora. É eu também sinto que sou professora quando eu vejo um ex-aluno que encontra comigo e está bem...trabalhando, estudando com família... aí eu acho muito bom..., mas quando sei que um morreu porque se envolveu em coisa errada, A polícia matou, ou está preso dá muita tristeza...a gente fica perguntando porquê...foi aluno da gente quando era pequeno... (Meire, 61)

Greice, 68 anos, sente-se educadora em relação com o outro quando é nomeada de professora Greice pelas pessoas, ex-alunos ou não. Ser chamada de professora, mesmo estando aposentada, desperta-lhe um sentimento de orgulho e gratificação pelos anos dedicados à educação, ao todo 42 anos; e por considerar que faz parte da história de ex-alunos que estão bem. Ela afirmou não ter casado com uma pessoa física porque casou-se com sua profissão e seu ambiente de trabalho; revela não ter tido “tempo” para casar. Ela estava à frente, abrindo caminho com a desconstrução de uma imagem que circunscrevia o estado civil das mulheres de sua época, quase que majoritariamente, apenas ao casamento.

Greice rompe com uma identidade pré-estabelecida socialmente e avança com sua identidade de: mulher, negra, educadora e solteira, com formação em Ciências Contábeis, uma profissão, cujo acesso era quase que predominantemente masculino naquele tempo. “Nossas vidas são únicas” (ZITTOUN et. al.,2012, p.14). Nossa capacidade para nos reinventarmos e ao mesmo tempo nos adaptarmos à diferentes situações moldam nossa singularidade ao longo do tempo. Ou melhor dizendo, “nossa melodia individual de vida” (idem), que é orquestrada por um questionamento existencial dia após dia, ou seja, qual a razão que se tem para viver? A trajetória de Greice sugere que ela encontrou uma razão para viver, sua melodia, passando por cima de vários estereótipos sociais daquela época.

É eu gosto muito quando vou andando pelas ruas e alguém me grita Hei professora Greice....às vezes não me lembro direito quem é se foi um ex-aluno ou não... eu gosto muito....sinto-me gratificada em carregar professora antes do meu nome....e quando reencontro com ex-alunos e aí eles falam não lembra de mim professora fui seu aluno, é às vezes a memória falha e não me lembro... aí ele fala o nome e continua tô trabalhando... sou formado tenho curso superior...muitos são pais e mães de família ... e até de cabelo branco...é muito bom a gente saber que faz parte da vida deles...(Greice, 68)

Dulcinete, 70 anos, sente-se educadora e enfatiza ter sido muito feliz quando lecionava. Chega a afirmar que sente falta do tempo em que vivia na correria com trabalho, casa, filhos, marido e atividades na igreja católica. Na verdade, Dulcinete parece sentir falta de um tempo quando tinha saúde, trabalhando e vivendo feliz sem as enfermidades; tenta aproximar esses momentos passados acessando suas recordações. E, quando reencontra ex-alunos e percebe que estão bem há um sentimento de dever cumprido, onde ela intui ter contribuído para o sucesso do outro.

Dulcinete, também, percebe emergir sua prática como educadora quando aconselha os filhos, os netos e sobrinhos. Um adulto pode imaginar o futuro de uma criança a partir das lembranças de suas experiências, por isso pode intervir em seu curso de vida aconselhando-a a partir de eventos que vivenciou Valsiner (2012). O que indica que para Dulcinete há um sentido de vida quando aconselha; o que a leva a responsabilizar-se por seus netos e sobrinhos de maneira concreta com liberdade e alegria. A existência humana é sempre direcionada para algo distinto do próprio eu (FRANKL, 1978/2015).

Quando está na igreja Católica, também se percebe como educadora quando alguém solicita que dê explicações sobre a bíblia. Sente-se no dever de orientar, o mesmo fazia com os alunos na época em que lecionava, quando os aconselhava. Da mesma forma que Meire e Greice sente que faz parte da história e da vida de seus ex-alunos.

O que sugere que essas educadoras encontraram sentido de vida com o exercício profissional por meio da prática dos valores de criação. Elas realizavam suas atividades profissionais de forma transcendente, encarando o ato de educar de maneira única e pessoal, além da mera funcionalidade que lhe era pertinente. No entanto, a profissão em si não as torna insubstituíveis, mas lhes dá a oportunidade de vir a sê-lo (FRANKL, 2003/2015). Por isso, suas experiências encontram-se conservadas no passado, porque foram significativas tanto para elas quanto para seus alunos, por isso reencontrá-los as transporta para o passado e, no presente, as faz sentirem-se parte da vida do outro.

Percebe-se que para elas a prática educativa, compreendida como cuidado com os alunos, ultrapassa um momento específico circunscrito num tempo e espaço definidos, ou seja, a sala de aula, como mencionado. Por isso, mesmo que não tenham influência para mudar as escolhas feitas por seus ex-alunos é como se quisessem ter exercido sobre eles uma vigilância silenciosa, que pretensamente gostaria de tê-los desviado de escolhas consideradas menos acertadas, caso fosse possível, mesmo à distância.

Como não podem fazer isso o que resta como recurso simbólico é vibrar com o sucesso daqueles que se deram bem profissionalmente e, lamentar o insucesso dos outros que deixaram

a escola, ou envolveram-se com o crime. Ambas, Greice, Meire e Dulcinete, tentam elaborar um significado para compreenderem o porquê dessas escolhas malfeitas, mesmo que esse recaia sobre elas. Os seres humanos criam signos através dos quais conferem sentido a seus mundos subjetivos (VALSINER, 2012).

A narrativa aparece marcada por um tom avaliativo, de revisão de vida, e nesse processo, que envolve construção de significados quanto ao que ocorreu – e ao que poderia ter ocorrido – perguntam-se onde falharam como educadoras para que os alunos tomassem, em suas vidas, direções tão distintas daquelas esperadas por elas. É uma necessidade humana encontrar e elaborar sentido para as experiências vivenciadas, quer seja de maneira real ou imaginativa (VALSINER, idem).

Olha eu me sinto educadora quando estou em casa e ensino para meus netos e sobrinhos...principalmente com os netos eu procuro ensinar pra eles valores como se comportar...e também quando vou na igreja e alguém me pede pra explicar algum texto da bíblia. Ah eu acho ótimo... sabe eu tenho saudade do tempo que eu lecionava eu tenho saudade da Dulcinete daquele tempo... era uma correria, mas eu era muito feliz tinha muita saúde, trabalhava e não sentia nada...Ah e tem também quando na rua eu encontro com ex-alunos... dá uma felicidade imensa vê que aquela pessoa está bem... encontro com eles no mercado, banco, sinto que sou responsável pelo bom êxito deles.. Eu acho que eu tenho parcela na formação dele... mas dá também uma tristeza enorme quando a gente sabe de algum que não se deu bem na vida... sabe é muito triste... (Dulcinete, 70).

Luzinete, 74 anos, sente-se educadora quando ensina as lições escolares para a neta. E também quando vai ao abrigo de idosos e lhes orienta sobre práticas de higiene e cuidado pessoal. Ela visita este abrigo toda semana às terças-feiras. Eu a acompanhei em uma de suas visitas e pude observar a maneira como abordava cada um dos internos, a maioria mais velha que ela, dando-lhes conselhos sobre como ajustar a roupa, fechando corretamente os botões e braguilhas das calças, pentear o cabelo, comer de boca fechada e etc.

Na ocasião ela e a filha, que a acompanha nessas visitas, combinaram com a responsável pelo abrigo de que na próxima semana iriam cortar as unhas e os cabelos dos idosos. Percebe-se que os sentimentos despertados em Luzinete, com a prática de “ensinar” hábitos de higiene aos idosos, é de satisfação e alegria. Talvez a presença da identidade profissional possa fornecer-lhe a sensação de um *continuum* que, de certa maneira, lhe permita perceber seu exercício profissional ininterrupto mesmo após a aposentadoria; ou seja, a negação de uma ruptura normativa (ZITTOUN, 2012), de maneira inconsciente, indicando que em sua vida há um sentido existencial, configurando por sua identidade profissional, que ordena sua vida na velhice por meio de sua capacidade em amar e colocar-se disponível para auxiliar o outro.

*Ah, eu sinto que sou educadora, sim quando eu ensino algum dever de escola pra minha neta e quando vou lá no abrigo e ensino pros idosos se comportarem. Eu peço pra não brigar fechar a braguilha da calça comer de boca fechada, pergunto se já escovou os dentes, chamo a atenção se o cabelo estiver feio... falo se a unha tá grande e suja...à vezes mando baixar a roupa e não mexer no bilau (**Luzinete, 74 anos**).*

A narrativa de Nana, 89 anos, é muito interessante, quando questionada sobre se ainda se vê como educadora a resposta foi curta e direta. Ela não carrega consigo essa identidade porque quando se aposentou a família absorveu sua atenção com a chegada dos netos, assim descreve que a família “roubou” de si a identidade profissional. Cada situação da vida é um apelo concreto que deve primeiro ser escutado e depois respondido (FRANKL, 1978/2015), cabendo à liberdade humana a escolha sobre qual situações se deve investir.

Talvez as demandas familiares naquele momento funcionaram como uma fronteira; impedindo que a identidade profissional avançasse sobre a identidade de avó após a aposentadoria; para que Nana exercesse sua condição de avó de maneira plena. Fato indicado pela filha que estava presente no momento. Ela enfatizou que sua mãe logo após aposentar-se mudou-se com ela para São Paulo para dar-lhe suporte. Nessa cidade não havia familiares ou pessoas conhecidas com as quais pudesse contar num momento de necessidade.

Uma situação que quando trabalhava não foi necessária, ou seja, Nana soube conciliar ser mãe e educadora de maneira satisfatória. Nana conta que foi mãe de nove filhos trabalhando. Relatou que morava sempre perto das escolas onde lecionava e que quando amamentava ia em casa na hora do intervalo para dar a mama para o filho menor. Percebe-se que naquele tempo havia uma conciliação harmoniosa entre ser mãe e ser professora, não sendo necessário o rompimento definitivo com um desses papéis, como ocorreu com a aposentadoria onde o ser educador cedeu espaço exclusivo para o ser avó.

Nana não esboça tristeza ao declarar que não se sente educadora, ao contrário, fala do tempo em que ensinava com muita alegria. Há no olhar uma sensação de dever cumprido como profissional e da condição de mãe e avó como papeis cujo exercício lhe trouxe e traz muito prazer e alegria. A interdependência dos seres humanos tanto pode estabilizar quanto modificar o curso de vida de cada um (VALSINER, 2012).

*Minha filha eu não sinto que sou ainda uma professora...minha família roubou o lugar da escola...sempre gostei muito de ensinar, principalmente matemática, mas depois que aposentei se sabe né? Os filhos foram casando essa daqui (faz um gesto e aponta para a filha com quem mora) é ela casou e foi morar em São Paulo... sem conhecer ninguém a gente não tinha parente nenhum lá aí eu fui pra lá com ela e fiquei um tempo.... depois vieram os netos... é amo muito os netos e eu ia ajudando então acabou.. eu fui esquecendo a escola, a família foi tomando tudo....(**Nana, 89**)*

Inês, anos 92, quando perguntada sobre quem é não faz menção a sentir-se como professora. Declara-se feliz e realizada com a família e os filhos, indicando sua responsabilidade pelo que fez ao longo da vida por aqueles que ama. “O ser humano é responsável por fazer uso das oportunidades que lhe aparecem para atualizar suas potencialidades” (FRANKL, 1978/2015, p.96).

No caso de Inês tanto a vida profissional quanto a familiar foram oportunidades que soube aproveitar para encontrar sentido existencial por meio do amor e da dedicação que hoje recebe de volta da família e dos moradores da cidade onde mora. Todos a conhecem na cidade como professora Inês. Segundo relato de familiares, Inês sente-se muito orgulhosa quando se senta numa cadeira na varanda e acena para as pessoas que passam, quando elas a chamam de professora.

Ela sente imensa alegria quando alguém lhe pede para explicar algum tópico gramatical; nesses momentos dá uma aula. Pode-se supor que Inês faça “uma imagem de si para si e para os outros, uma representação de si. As representações são a trama de nossa vida social e de nossa vida interior” (MANCUSO, 2007, p.08).

Em situações comunicativas formais ou informais prefere usar sempre o idioma na forma culta padrão. Logo, o que pode ser inferido é que a identidade profissional persiste, mesmo que Inês não a mencione claramente, funcionando como um elo que une o passado ao presente, para garantir-lhe estabilidade emocional e senso de identidade. Pode-se dizer que em Nana há um estilo de vida individual, uma maneira única sob a qual vive (VALSINER, 2012). E, esse estilo de vida pode ser considerado como a prática de ensinar.

E, quando “dá uma aula”, imaginado estar em uma sala com eloquência e veemência quase artística, demonstra que sua paixão por ensinar não terminou por meio de um marcador social. A identidade profissional avançou sobre a condição de aposentada, sendo possível, que ser educadora faça parte de seu si mesmo de maneira muito significativa, mesmo não tendo sido mencionado.

É sou uma idosa de 92 anos plenamente realizada na vida e para que não dizer feliz... eu me sinto plenamente feliz... eu não tenho minha filha do que me queixar na vida... filhos maravilhosos, abençoados por Deus... preocupam-se comigo, cuidam de mim com carinho sabe... do que que eu vou me queixar? Não é? Adoro a vida se nada me falta, filhos dedicados, netos amorosos... o que é que eu quero mais minha filha? (Inês, 92 anos)

4.3. ESCOLHA PROFISSIONAL X APOSENTADORIA

Para Zittoun (2012) estudar trajetórias de vida é tentar aproximar-se de uma compreensão sobre o limite da liberdade do homem para escolher ser o que quer, e ao mesmo tempo, a influência que o contexto social ao qual está imerso limita ou expande essa liberdade. Essas escolhas são feitas sob uma condição de tempo irreversível, cuja certeza de acerto, nem sempre, pode ser vislumbrada no presente. Assim, para algumas pessoas a escolha profissional pode ser conflituosa; sendo feita sob influência, ou imposição de um outro, cuja voz nem sempre é convergente com o que é desejado.

Por outro lado, a mesma autora afirma que não há cursos de vida lineares, ao contrário, eles sofrem mudanças e transições ocasionadas por rupturas normativas ou não às quais todos estamos expostos. A maneira como cada um reage frente a esses eventos depende de sua subjetividade e dos recursos materiais e simbólicos dos quais poderá ter acesso a fim de minimizar possíveis instabilidades emocionais.

Logo, nesse tópico analisaremos a partir das narrativas das participantes a maneira como se deu a escolha profissional de cada uma, a interrupção normativa da atividade laboral através da aposentadoria com o significado e os sentimentos atribuídos.

Eu estudei pra ser Contadora....não consegui emprego e uma amiga minha já na escola ensinando sugeriu para que eu estudasse para ensinar... eu pra não ficar em casa...fui pra escola Normal estudar e comecei a ensinar me apaixonei e fiquei....Pra mim é a profissão mais linda porque ela forma pessoas eu procurava sempre orientar meus alunos....eu era muito exigente...às vezes as mães não compreendiam e brigavam comigo, e algumas colegas também, mas o que eu queria era apenas o bem das crianças e que elas aprendessem... (Cora, 60 anos).

Cora, apesar de conflitos ao longo do exercício profissional sentia-se alegre, com a escolha profissional dedicando-se ao máximo a seus alunos. Apesar de ter sido motivada para ingressar no Magistério por uma amiga, não esboça nenhum arrependimento. Porém, não houve atos simbólicos, por parte da comunidade escolar, que reconhecessem sua dedicação.

Cora internalizou o significado de ser educadora, abraçando a profissão e suas demandas de maneira muito apaixonada, mas a escola não soube externalizar o reconhecimento dos trabalhos desenvolvidos por ela, por meio de ações e atitudes que simbolizassem seu valor profissional diante de toda comunidade escolar. O ser humano precisa do reconhecimento do outro para se auto reconhecer; assim, é capaz de elaborar um significado de si por meio da inter-relação com o outro. Somos ao mesmo tempo seres autônomos e dependentes uns dos outros.

Essa dependência pode também estar presente no ambiente laboral, cujas circunstâncias podem potencializar ou não relações humanas significativas. O que pode em certa medida influenciar na realização plena do si mesmo em sua atividade profissional.

Os significados criados por Cora com o exercício da atividade profissional podem não ter sido os mesmos criados pela direção escolar, colegas e pais de alunos, não havendo consenso que os aproximasse em torno de um significado comum, seguindo cada um com sua própria “melodia”. Nossas melodias fluem por nossa vida sendo definida por nossa identidade, estilo de vida, ambições e perspectivas futuras. (ZITTOUN et. Al, 2013).

Com isso, instalou-se um drama onde Cora buscava respostas que não foram encontradas, desencadeando, assim, um quadro depressivo e ao mesmo tempo um sentimento ambivalente de ser e não ser educadora após a aposentadoria, onde oscila entre as recordações do tempo laboral e ao mesmo tempo projeta um possível retorno à sala de aula.

Logo, a dinâmica de tomada de significado nesse contexto laboral foi conflituosa, tendo permanecido seus efeitos após a ruptura normativa com a chegada da aposentadoria (ZITTOUN, 2012). “Os processos de *ruptura-transição* atuam dinamicamente na configuração e reconfiguração do sistema do *self* (MATTOS, 2013, p. 64).

No caso de Cora, esse processo ainda não foi totalmente concluído porque prevalece um sentimento ambíguo com relação à sua identidade profissional. Em certa medida, esse sentimento também evidencia que nesse momento de sua vida ela “necessita de um sentido a ser preenchido e de valores a concretizar” (FRANKL, 1988/2014, p.69).

Por isso, Cora sente-se sozinha, sem vontade de sair de casa. Falta-lhe força para desapegar-se do ambiente escolar de forma definitiva. Ela ainda se sente presa à devido à ausência de reconhecimento por seu comprometimento com a escola. Ou seja, sua dedicação não foi adequadamente valorizada. Imagina-se descartada como se fosse um “objeto” destituído de valor. “Manifestação básica da patologia de nossa cultura” (MARIOTTI, 2000, p.06). Por isso, às vezes, tenta negar sua identidade profissional e esquecer o ambiente de trabalho; uma atitude que parece ser em vão; pois as lembranças da escola, e de seus alunos continuam a rondar seu pensamento na aposentadoria.

Estudei o Magistério porque era o que tinha pra fazer na escola pública sem a gente pagar... Tinha Contabilidade mas eu não podia pagar aí estudei pra ser professora. Comecei a lecionar e me apaixonei pela profissão foi uma experiência ótima gostava muito de alfabetizar...hoje, (aposentada) é melhor não tenho horário para cumprir, faço meus horários sinto-me livre, posso fazer o que gosto... eu viajo danço, vou à igreja...sou católica...gosto muito desde muito jovem frequento a igreja católica fui catequista... (Meire 61 anos)

Para Meire a transição para a aposentadoria foi amena e tranquila. Ela não sentiu falta de reconhecimento em seu ambiente de trabalho o que pode configurar sua transição para a aposentadoria como um momento que, gerou uma nova realidade, mas sem maiores dramas emocionais. Por isso, gostou da “liberdade” conquistada com término da atividade laboral, talvez, possa tê-la imaginado várias vezes. Sente que pode realizar o que tinha vontade e não podia fazer, como viajar, dançar, ir para igreja e, mesmo sem o marido, ela sai e diverte-se. Percebe-se que os grupos sociais e a prática religiosa para pessoas aposentadas são um recurso material importante.

Nesses grupos Meire reencontra-se com velhas amigas, viaja e faz dança. Na igreja Católica, quando há encontros ou celebrações, socializa-se com pessoas de idades diversas conhecidas ou não. Há um ganho emocional proporcionado pelo contato social ao qual Meire está exposta que Cora, por viver de forma deprimida e reclusa, infelizmente, não tem acesso. Pessoas depressivas têm dificuldade em perceber um sentido existencial, e por não encontrarem um sentido existencial deprimem-se. Essa condição circular só é quebrada quando o sujeito decide dedicar-se ou a uma causa ou a alguém.

Meire conseguiu desvincular-se da atividade laboral, através de uma visão positiva sobre si e esse momento; escolheu viver socializando-se numa perspectiva onde canaliza para sua condição de aposentada a realização de desejos que quando trabalhava não podia fazer, ou seja, viajar, dançar. Zittoun (2004) esclarece que a “cultura pessoal” é constituída pela internalização da cultura local, onde essa pessoa interage, constituindo-se como uma base para “ações e pensamentos individuais”.

Logo, a cultura pessoal de Meire auxiliou-a na construção de um significado diferente sobre a aposentadoria e reconhecimento por seu trabalho. Assim, sente-se confortável com sua atual condição, deixando transparecer que não há o que acertar com seu passado laboral, mas sim viver o presente de maneira intensa.

Eu não queria ser professora não.... Meus irmãos e meu pai é que falavam pra eu estudar porque essa é que era uma profissão de mulher... o que eu queria era ser contadora..., mas pra não contrariar meu pai estudei Magistério, só que quando terminei disse pra ele agora vou fazer o que quero e o senhor vai deixar (risos) aí comecei a estudar Ciências Contábeis.... e continuei ouvindo de meu pai e irmãos que eu tinha nascido era pra ser professora, tinha jeito de professora e que acabaria um dia na sala de aula... e eu dizia que não.... inclusive falavam que eu abandonaria o curso ...foi quando após terminar o curso superior e sem emprego foi oferecido que lecionasse num colégio matemática e aí comecei me apaixonei e não parei mais....sempre amei ensinar e trabalhar com educação não arrependo-me de nada....os conhecimentos com o curso superior depois me auxiliaram em funções técnicas e de gestão na área educacional....Hoje viajo

muito...participo do grupo de idosos da paróquia sou catequista de preparação para o Batismo... tenho consciência de que meu dever foi cumprido... sinto saudades dos amigos... dos alunos.... da rotina de sair de casa e ficar fora...aprendi muito principalmente quando fui gestora em uma escola recém-inaugurada numa das áreas mais pobres da cidade.... ganhei muita experiência e aprendi muito com aquelas pessoas simples....penso que hoje tenho mais experiência e aprendi mais do que ensinei. (Greice 68 anos)

A narrativa de Greice mostra que a profissão docente foi imposta por ser uma profissão predominantemente feminina. Por outro lado, ela teve coragem de quebrar com esse paradigma da época e estudar o que desejava. Houve uma tensão interna que, ao invés de entristecê-la impulsionou sua vontade, enchendo-a de coragem. As tensões são promotoras de mudanças Zittoun (2012).

Assim, se era preciso fazer o que a família desejava, depois faria o que queria. Adiar o cumprimento de sua vontade contribui para que sua escolha profissional fosse feita de maneira mais consciente, fazendo com que carregasse consigo em uma só identidade profissional o desejo do pai e dos irmãos, e a sua própria vontade. Ser humano significa ser em meio à tensão entre a realidade e os ideais a serem materializados (FRANKL, 1978/2014).

Com essa atitude Greice pôde naquele momento de escolha satisfazer a família e ao mesmo tempo satisfazer-se, resultando para ela hoje num balanço de vida positivo onde a alegria com a trajetória profissional é evidente; sendo a aposentadoria um momento de reflexão sobre os ganhos com essa vivência, onde a ruptura com o ambiente de trabalho é bem compreendida por Greice, sendo contrária à experiência de Cora.

Para Greice o contato com o outro rendeu-lhe muita experiência. Talvez por isso, sintasse tão bem nesse momento de sua vida, revendo o passado consegue vislumbrar o que verdadeiramente, para ela, é importante na vida. E, por outro lado, continua a relacionar-se nos grupos sociais que frequenta, assim como Meire eles são importantes para que estabeleça novas amizades como também reveja velhos amigos.

Ah eu escolhi ser professora porque é uma profissão pra gente pobre. Se a gente não consegue trabalho a gente coloca uma banca e ganha dinheiro. Depois que me aposentei não tive problemas, dediquei-me a atividades na igreja católica isso ajudou por isso não me deprimi, meus amigos pensavam que eu ia ficar muito triste...mas não fiquei, depois eu continuei administrando minha casa, você sabe né? Quem tem filhos e marido não para. Logo no início antes de adoecer eu faxinava, arrumava a casa, costurava e ia levando. Agora é que fico mais parada, mas sempre fui muito alegre e sempre achei a vida bela e boa (Dulcinete, 70).

Dulcinete, 70 anos, para ela a escolha profissional estava ligada à uma necessidade econômica, podendo inclusive ser praticada fora da sala de aula, logo numa necessidade “dá-se” uma banca e obtém-se com isso dinheiro. Não há romantismo em suas palavras, mas um tom prático, onde se vincula a atividade profissional diretamente com a subsistência. Dulcinete chega a propor em sua fala que a profissão docente, exercida apenas com o antigo magistério era uma profissão para pessoas pobres.

Por outro lado, sua fala ao revelar que gostava de ensinar e preparar suas aulas com dedicação, indica que mesmo tendo optado pela profissão docente por uma necessidade financeira, esse fato não suplantou seu profissionalismo. Logo, sua narrativa também sugere que mesmo diante uma escolha profissional mais utilitária que glamorosa, é possível o comprometimento e a dedicação do sujeito de maneira positiva com a profissão escolhida. Assim ser uma professora para Dulcinete implicou em auto compreensão de si mesma, onde ela optou, mesmo que inconscientemente, pela beleza da novidade existencial que se abria por detrás de um mero caráter utilitário de ser uma docente.

Bom sou a última de 22 filhos, então sabe né... fui muito paparicada... (risos) eu desde criança trazia a profissão ser professora na mente... eu não me lembro bem a idade acho que 08 ou 09 anos eu colocava as bonecas na cama uma do lado da outra e brincava de “dar aulas” pra elas. Engraçado porque meu pai não queria que eu fosse professora... ele dizia que professora não casava bem só arrumava pra marido motorista, policial ou pedreiro e essas profissões minha filha não eram bem vistas para homens no final dos anos 50. Mas mesmo assim, consentiu e eu fui estudar. Chorei muito e sofri quando estudei e morei num internato....sentia muita falta de minha família...mas depois que me formei com 18 anos um amigo de meu pai arrumou um emprego para mim. Os anos que ensinei foram maravilhosos, eu era muito comprometida com meu trabalho e sentia tristeza quando via que algumas colegas não gostavam do que faziam....hoje dedico-me a fazer o bem gosto de ajudar os mais necessitados, sou voluntária num hospital e ajudo também num abrigo de velhos...gosto de participar da missa e faço parte de uma comunidade de vida consagrada, viajo quando posso já fui até pra Terra Santa....eu tive de ficar mais ou menos uns 10 anos depois que aposentei sem sair pra canto nenhum, minha filha, é que meu marido teve isquemia cerebral eu cuidava dele dia e noite ele não aceitava nem as filhas... hoje eu aproveito o que posso... (Luzinete 74 anos).

A escolha profissional de Luzinete, 74 anos, aconteceu de forma lúdica, na infância. O brincar de ser professora, de certa maneira, foi sedimentando sua identidade profissional antes mesmo que começasse a de fato estudar o Magistério. “O brincar é tão importante à criança quanto se alimentar e descansar, por meio do brincar a criança estabelece relações de conhecimento consigo, com os outros e com o mundo” (LIRA et al., 2014, p.02). Talvez por isso, o pai não conseguiu influenciá-la para que desistisse diante da escolha feita.

Deixar a atividade laboral para ela não foi um momento traumático, porém a enfermidade do marido foi. Ela lhe trouxe novas demandas que exigiam a adoção de um comportamento mais recluso centrado no cuidado. Assim, foi preciso que fizesse uma reelaboração dessa mudança (ZITTOUN, 2012), naquele momento, através da atribuição de um novo significado para a aposentadoria, diferente do que havia imaginado, ou seja, descanso, curtição e viagens.

O ser humano é um sujeito ativo, cuja subjetividade, está imersa em mundos simbólicos tecidos pela cultura. Por isso, pode criar e utilizar recursos simbólicos como uma ferramenta para enfrentar as situações cotidianas. A escolha feita por Luzinete para cuidar do marido, pode ter sido influenciada pelo simbolismo de doação incondicional internalizado por ela através de sua prática religiosa. Naquele momento fazer o bem ao próximo, sendo esse seu esposo, foi a estruturação de seu si mesmo, sob o qual possíveis conflitos de sentimentos ambivalentes foram quase completamente apagados.

Logo na trajetória de Luzinete há dois momentos distintos dentro da aposentadoria. O primeiro que exigiu dela assumir a função de cuidadora do esposo, com acesso restrito a eventos sociais; e o segundo, cujo ponto de virada foi o falecimento de seu esposo; quando pôde dedicar-se ao que gosta: viajar e “fazer o bem”. “O homem vive por seus ideais e valores” (FRANKL, 1978/2014).

Luzinete após a aposentadoria tem uma vida significativa pela vivência de valores criativos quando se sente útil ao fazer coisas que considera boas; e pela vivência dos valores atitudinais, quando soube dedicar-se de maneira exclusiva ao seu marido. Assim, “fazer o bem”, independente da circunstância, tornou-se um metassigno (VALSINER, 2012) que guia as ações de Luzinete, conferindo-lhe sentido para suas ações e significado existencial.

Nana, 89 anos, queria ser enfermeira, achava muito bonito a roupa e o trabalho daquelas que conhecia, mas para isso teria de mudar para outra cidade. A família estava disposta a pagar por seus estudos, porém com a chegada de um colégio das Sacramentinas na cidade desistiu de ser enfermeira e ingressou no Magistério.

Para Nana, a escolha profissional não demandou maiores conflitos, sente-se realizada com o que pôde fazer, para ela trabalhar era uma alegria, uma festa como ela mesma afirma. Mãe de nove filhos um deles foi seu aluno, trata-se da filha mais velha que também participou da entrevista. Ela declarou que sua mãe era muito carinhosa exigente quando fosse preciso.

Nana semelhante à Dulcinete e Greice sente-se muito feliz quando revê seus alunos e segundo o depoimento de sua filha, todos na cidade, onde ela lecionou, lembram-se dela como

Professora Nana. Com 89 anos ela diz que de muitos alunos já não se recorda mais, porém numa ocasião emocionou-se muito com um ex-aluno.

Ela contou que estava em um Shopping quando de repente um senhor de cabelos grisalhos grita “Professora Nana” e ela responde, “sim sou eu”. Então ele diz com os olhos em lágrimas “fui seu aluno, pensei que já não estivesse mais viva”. A filha que também estava presente diz que foi emocionante e que ambos choraram.

Para Nana, a aposentadoria traduziu-se em uma mudança transitiva (ZITTOUN, 2012) onde o cuidado com a família passa ter sua total atenção. Ela admite gostar muito de festas e ser muito comunicativa. Na medida do possível, sempre está em contato com filhos e netos. Ela também frequenta um Centro espírita Kardecista com sua filha, onde socializa-se com outras pessoas mais jovens ou de mesma idade que ela.

Talvez a maneira calma e serena com que encarou o término de sua atividade laboral esteja na capacidade de adaptar-se ao que a vida oferece, como ela mesma afirmou. O ser humano constrói signos e necessita significar suas experiências, mas pode haver situações onde nem sempre isso seja possível, nesse caso adaptar-se é dar sentido ao que não pode ser compreendido de imediato. “Os seres humanos estão sempre transcendendo a si mesmos na direção de sentidos que constituem algo diferentes deles mesmos” (FRANKL, 1988/2014).

Eu tinha muita vontade de ser era enfermeira, sabe? Eu achava a roupa delas e dos médicos muito bonita aí eu ficava pensando que eu ia estudar e ser enfermeira...só que teria de morar em outra cidade... aí eu já fiquei pensando como seria ...mas no ano em que ia para o ginásio abriu uma escola das Sacramentinas, eram umas irmãs e só tinha o Magistério... aí eu decidi ficar e estudar sem sair de perto de meus pais.... com 17 anos casei e também já ensinava foi um tempo muito bom... eu gostava muito de ensinar... A vida é muito boa quando a gente sabe se adaptar aos acontecimentos.. por isso sempre procurei convier com todos e com tudo ser feliz e ser comunicativa...sempre procurei estar no meio de festas.... quando tinha festa na escola uma vez um pai de um aluno me chamou e disse Professora Nana a Senhora está dançando mais que todos... a gente vem aqui só pra ver a alegria da Senhora e eu dizia eu gosto muito de festa...(Nana, 89).

Inês, 92 anos, declara que em sua família sua mãe, ela e mais duas irmãs eram professoras. Sua mãe foi homenageada quando uma escola pública da cidade recebeu seu nome. Inês ensinou nessa escola, e declara que sempre gostou de estudar, mesmo morando em um internato, longe de sua família, enfrentando problemas com a escassez da comida que era servida, dedicava-se e tirava boas notas. Embora não tenha falado pode-se supor que sua identidade profissional tenha sido influenciada por sua mãe. Uma identidade pode ser tecida,

de maneira subjetiva, pela semelhança e diferença entre as ações dos sujeitos num mesmo contexto social (IRIART & BASTOS, 2007).

A participante sente-se realizada, parece não considerar a aposentadoria uma etapa dramática. Segundo relato de alguns familiares quando deixou de trabalhar dedicou-se às obras sociais da igreja local, participava de encontros e ia a celebrações na igreja Católica. Hoje ainda faz trabalhos manuais, tendo grande satisfação quando se senta na varanda da casa para fazer bordados e alguém passa e a cumprimenta chamando-a de professora.

Por outro lado, às vezes queixa-se para uma de suas noras dizendo ser “um brinquedo” nas mãos da filha, sentindo-se limitada por não decidir sozinha sobre questões referentes à organização da casa, pagamentos, compras em mercado etc. “O fato de pertencer a uma família gera tensões, representa estresse para todos os membros que a compõem mesmo com toda boa vontade de cada um” (DONATI, 2008/2011, p.137).

No entanto, está cercada pelos netos e morar com a filha afasta um possível sentimento de solidão. Sente-se bem, afirmando repetidas vezes que é uma pessoa felicíssima. Há um bem-estar subjetivo proporcionado pela convivência intergeracional que ultrapassa os momentos de conflitos, tornando-se mais significativo os momentos de alegria do que os de tensão.

Para Inês a configuração do si mesmo após a aposentadoria é substancialmente ancorada numa percepção otimista, onde a autoestima prevalece, equilibrando-a emocionalmente. Ela fazia o que gostava, tendo estudado com afinco para isso, há em seu depoimento um sentimento de dever cumprido, semelhante àquele que também pode ser percebido no depoimento de outras participantes.

Gonçalves (2008) a partir de estudos feitos por Coleman, Ivani-Charliane e Robson (1993) esclarecem que com os idosos a autoestima é adaptativa. Uma condição que, acreditamos, começar na juventude e ser mantida ao longo da vida através da permanência de um olhar positivo sobre os acontecimentos. Os seres humanos possuem a capacidade de reinventar-se e adaptar-se de diversas maneiras em diferentes contextos, sendo suas ações no mundo que constroem sua subjetividade (IRIART & BASTOS, 2007).

Em contrapartida, além do exemplo da mãe e de seu próprio aprendizado, Inês construiu sua identidade profissional também sob o signo materno ao considerar seus alunos, mesmo numa condição simbólica, como filhos. Para Inês talvez ensinar x cuidar fosse uma díade inseparável que sedimentava sua compreensão subjetiva do que é ser educadora. Uma estratégia semiótica que lhe permitia unir, de maneira inconsciente dois ambientes sociais distintos: o lar e o trabalho.

Talvez porque quando estudante lhe faltasse no internato um aconchego materno, ela desejava propiciá-lo aos seus alunos. E, ser chamada de professora, rever os alunos, após sua aposentadoria numa idade avançada, 92 anos, é constatar que o ensino-cuidado naquele tempo foi feito de maneira eficiente. “A história social do sujeito influencia a forma como a subjetividade se constitui e se objetiva por meio das ações realizadas com outros indivíduos com os quais se relaciona ao longo da vida” (LIMA & RAULINO, 2008, p.06).

Em certo sentido a narrativa de outras participantes também convergem para esse simbolismo de que educar é cuidar em sentido maternal. Esse cuidado representa a vivência do valor existencial criativo através da dedicação com amor ao ensino e aos alunos. Nesse caso, essa ação transcende o papel funcional do professor, cuja função seria apenas o ato de ensinar, para uma dimensão mais humana, onde a dignidade daqueles alunos era respeitada. “A motivação para o sentido consiste em orientar a própria vida para além de si mesmo para algo ou alguém” (AQUINO, 2013, p.57).

No entanto, entendemos que esse simbolismo não deve ser tomado de forma isolada como parâmetro para valorar o desempenho profissional de educadores, principalmente daqueles das séries iniciais. Mas, por outro lado, não se deve negar sua eficácia semiótica que permeia a prática educacional nas séries iniciais, cujo sentido é tornar a sala de aula e a relação professor-aluno, emocionalmente mais confortável.

Mamãe professora papai agricultor...origem pobre e humilde, mas séria...morávamos no interior mas estudei em uma cidade maior...eu e mais duas irmãs ao todo na família eramos quatro professoras. Estuei em pensionato, mas a via lá não era nada boa, minha filha. Era como o atendimento era... aquele pratinho feito... até a xícara a gente passava pra dona do pensionato botar o café. Era horrível, mas sempre gostei de estudar... e quando as férias acabava eu voltava mais gorda. Minha vida profissional foi muito feliz como professora... nada melhor do que se fazer aquilo que se gosta, não é? E modéstia parte eu fui dedicada mesmo... ave maria, aluno pra mim era filho você acredita? (Inês, 92)

4.4. RUPTURAS DURANTE A TRANSIÇÃO PARA A APOSENTADORIA: O EXEMPLO DA VIUVEZ.

Luzinete. A filha relatou que seu pai se apoiava em sua mãe para andar não aceitando Merece destaque a situação em que, em paralelo às mudanças vivenciadas com a aposentadoria, a mulher enfrenta a ruptura representada pela viuvez. São situações que, embora normativas,

não são esperadas, fogem à previsibilidade da própria aposentadoria, que tem data marcada para acontecer. Nesses casos, é possível que o processo de elaboração em torno do sentido da vida se torne mais intenso. Por essa razão, são analisados em maior profundidade dois casos de viuvez ocorrida após a aposentadoria: uma recente e outra com aproximadamente 20 anos.

A noção de transição, no curso de vida, designa um processo iniciado por uma ruptura vivenciada pela pessoa (ZITTOUN, 2012). As rupturas podem ser ocasionadas pela mudança de um contexto social para outro, ou seja: ambiente familiar, escolar, etc., que nos propicia uma esfera de experiência específica (ZITTOUN, 2012); e a adoção de novas identidades; como também associar-se a períodos específicos na vida como a viuvez.

Nesse sentido, a viuvez caracteriza-se como um momento de ruptura onde há uma demanda por um rearranjo subjetivo, onde a mente humana será responsável pela criação de um novo significado para essa condição. Havia uma esfera de experiência (ZITTOUN, 2012) delimitada por uma condição social *ser casado com*, agora há a transição para uma outra onde se *é viúvo de*, onde há uma relação dinâmica entre a pessoa e o contexto por meio de mediações semióticas que farão emergir novos significados.

Os processos de identidade são ativados quando uma pessoa precisa definir quem ela é para si como também para o outro (ZITTOUN, 2012). Assim, a viuvez caracteriza-se como uma nova fase de vida para a mulher idosa que passa a apresentar-se para a família e sociedade como pessoa envelhecida com um novo *status* social: viúva (BALDIN & FORTES, 2008).

Com o casamento havia o contato relacional e físico com outro, na viuvez apenas as lembranças e uma presença simbólica que ronda o pensamento daquele que fica. Assim, para a mulher idosa a viuvez traz inúmeras transformações, um novo desafio em sua vida (BALDIN & FORTES, 2008). O modo de lidar com o impacto da perda, sua superação e a duração do luto dependerá dos recursos simbólicos e materiais disponíveis à pessoa, para a construção de um novo significado para a vida, uma nova reelaboração do senso de si.

No entanto, há processos de mudanças que não favorecem uma reconfiguração do si mesmo, não permitindo uma mudança desenvolvimental (MATTOS, 2013). O resultado é um padrão repetitivo de comportamento que pode tornar-se inadequado, onde a pessoa parece não se adaptar às demandas oferecidas por uma fase da vida específica, ou por um determinado contexto quer seja emocional ou social.

Por outro lado, as pessoas idosas têm maior experiência em transições (ZITTOUN, 2012), mesmo sem tê-las vivenciado elas as presenciaram na vida de outras pessoas, sendo essas próximas ou não. Os idosos são mais capacitados para usar recursos simbólicos em novas transições. (ZITTOUN, idem). Essa capacidade de reelaboração de um sistema de orientação,

com o uso de recursos simbólicos numa transição, pode ser acessada por meio da narrativa de suas experiências.

Por isso, falar de pessoas falecidas, mesmo diante da saudade, para eles é uma possibilidade de refazer o amanhã, constituindo-se como um recurso interno para enfrentar o luto e a dor da perda. A pessoa, “relaciona suas experiências no presente com experiências passadas e expectativas de futuro, de maneira que o espaço em que circula se torna dinâmico e interativo” (MATTOS, 2013, p.28).

Sendo assim, a família e outros ambientes sociais, como os grupos de apoio e grupos religiosos, se constituem como uma ferramenta para que as viúvas enfrentem essa nova fase. Nesses ambientes psicossociais, através do discurso narrativo sobre suas memórias e expectativas, elas podem reelaborar a concepção que têm de si mesmas, dando uma nova orientação para suas vidas. A troca de experiências possibilita que de maneira subjetiva, por meio de um diálogo interno, o si mesmo se avalie, ou mesmo aprenda a ser (viúva, idosa, etc.,) através de outras perspectivas.

4.4.1.Os casos

Luzinete, 74 anos, relata que quando se aposentou o marido teve isquemia cerebral, nessa época ela estava com 51 anos. Ele ficou depressivo com a doença que o incapacitava de movimentar-se; tornando-o dependente de um acompanhante para quase tudo. E, nesse contexto, ele só aceitava bengalas, Luzinete era a ‘bengala’ dele, com esse gesto demonstrava que valorizava e dava significado ao que lhe importava naquele momento de sua vida: seu marido.

Nesse sentido pode-se inferir que havia, nesse contexto, uma relação social familiar plena, dotada de significado e humanizante com plena reciprocidade entre seus membros (DONATI, 2011). Quando Luzinete perdeu seu pai, seu marido desempenhou esse mesmo papel, sendo um apoio importante para ela naquele momento de luto. “No seu modo de ser, a família é uma solução às necessidades mais fundamentais quer da pessoa quer da sociedade (DONATI, 2011 p.66).

Hoje ela sofre dores na coluna e as filhas acreditam que boa parte das dores são consequência do peso de seu pai. Luzinete, no entanto, ao falar desse tempo não esboçou contrariedade e quando perguntada sobre como enfrentou esse período e a viuvez após 10 anos que seu marido permaneceu doente é simples e enfática ao dizer “foi Deus”. A viuvez acarreta

certo impacto, com maiores dificuldades no início, seguindo-se de certa adaptação e conformismo com o passar do tempo (BOLDIN & FORTES, 2008).

Zittoun (2012) ao citar os estudos de Elder, Kirkpatrick Johnson e Crosnoe (2004) destaca cinco princípios da teoria do curso de vida. Dentre esses princípios está a capacidade humana para ação, ou agenciamento, diante das circunstâncias onde o ser humano tem a liberdade de escolher o que realizar dentro de um contexto social específico, uma visão que se aproxima do pensamento de Frankl sobre a liberdade humana para escolher.

Mas, que ao mesmo tempo exige dele a responsabilidade pelas escolhas feitas. Logo, o sentido da vida pode ser encontrado a cada instante mediante a valorização do que é importante para a pessoa a cada momento. É a vida que nos solicita uma tomada de posição frente às suas demandas, e não o contrário. “O existir humano é ser- responsável, porque é ser-livre” (FRANKL, 2003/2015, p.121).

No caso de Luzinete ela escolheu permanecer ao lado do marido o tempo todo ficando reclusa em sua casa, quando já estava aposentada, talvez num gesto de retribuição ao carinho e atenção recebidos dele ao longo dos anos. Nossas experiências podem ser organizadas e baseadas no afeto. (ZITTOUN, 2012).

Ela diz ter sido muito feliz no período em que permaneceu casada, esclarece que com o falecimento de seu pai, seu esposo assumiu sua função. Para ela era como se ele fosse seu pai, por outro lado afirma que foi com ele que se sentia plenamente mulher. Havia em Luzinete uma identidade dupla que lhe possibilitava harmonizar sua feminilidade. Logo sentir-se filha e amante do marido-pai não era conflituoso, mas um recurso que a auxiliava com a estruturação de sua subjetividade naquele momento específico de sua vida.

Uma transferência simbólica que pode indicar que havia entre os dois uma cumplicidade profunda que possibilitou ao marido a condição para tornar-se um marido-pai. Talvez porque naquele momento de luto ele intensificasse seus sentimentos de carinho e proteção para com ela e suas filhas, correspondendo, de certa maneira com uma expectativa já presente em Luzinete. “A pessoa interpreta o ambiente de acordo com os sentidos e afetos de que dispõe” (MATTOS, 2013, p.28). Assim, para Luzinete a viuvez representou a perda do marido que era ao mesmo tempo seu protetor e amante, com quem conviveu por 46 anos.

As vidas humanas estão interconectadas por um momento histórico específico (ZITTOUN, 2012), como também por vínculos. Estar vinculado, através de um relacionamento amoroso, pode criar uma condição simbiótica, onde sentir-se ou mesmo perceber-se separado do outro fica confuso. “O sentido de identidade de cada indivíduo se torna unido ao da outra pessoa e, de fato, ao próprio casamento” (GIDDENS, 2002, p.18).

A crença religiosa dá a Luzinete suporte psicológico para superar esse momento de reclusão e ao mesmo tempo de tristeza por ver o marido doente, numa fase em que, talvez, pensasse que os dois poderiam aproveitar mais a vida por estarem ambos aposentados. Percebe-se que a religiosidade e a crença foram recursos simbólicos importantes para que essa situação fosse vencida ao longo de 10 anos. Em qualquer cultura a religião organiza e dá significados às condutas humanas.

A chegada da viuvez para Luzinete foi uma ruptura que gerou uma mudança e um novo significado, ou seja, o exercício do cuidado, centralizado no esposo, foi cedendo espaço para o lazer; embora não fosse extinto por completo. Sua prática em auxiliar seu marido, de forma quase que exclusiva passou a ser exercida na viuvez com as filhas e netos, tanto na parte emocional quanto material. Luzinete ajudou as filhas e netos financeiramente, na construção e aquisição de suas casas como também na compra de um carro para o neto mais velho.

Logo, transitar da condição de casada para a condição de viúva manteve Luzinete na mesma esfera de experiência, sua família, e com um mesmo sentido de si, ou seja, o de cuidadora. Todos os outros papéis sociais giraram em torno desse significado que pode ser guiado além da força dos vínculos familiares pelo simbolismo religioso; cuja prática ela exerce regularmente frequentando a igreja católica, em sua cidade mais de uma vez na semana.

A espiritualidade fornece para a viúva recursos, como harmonia e paz interior para que dessa forma enfrente com maior tranquilidade esse momento em sua vida, superando a viuvez (BOLDIN & FORTES, 2008). Como também uma forma para encontrar sentido para a vida. Para Frankl (1985) há duas maneiras da religiosidade expressar-se por meio da fé: ou de forma condicional, ou de forma incondicional; ou seja numa situação difícil ela se fortalece ou se extingue.

Dediquei-me muito ao meu marido...ele teve isquemia cerebral, parou de andar, não saía de casa... ele segurava em mim pra andar, não tinha equilíbrio...foi muito difícil foram dez anos sem poder sair de casa, eu mal conseguia ir na missa...ele só aceitava que eu cuidasse dele. Quando eu casei com ele e comecei a trabalhar ele me pediu que só saísse de casa um turno pra que eu cuidasse também da casa e dos filhos, quando eles chegassem (risos)... e eu aceitei...quando meu pai morreu ele tomou o lugar dele fui muito feliz com ele ele era tudo pra mim...eu me sentia mulher, foram os anos mais felizes que tive como mulher naquele tempo... até que ele adoeceu e depois veio a morte a gente ficou casado por 46 anos (...) eu sei que o que me manteve e mantém é a fé em Deus...sinto o desejo de estar com Ele (Deus) e falo com Jesus tudo o que sinto...digo que ajo guiada pelo Espírito Santo...vou à missa todos os domingos e terças-feiras, dia da bênção do pão de Santo Antônio, meu pai era devoto e tenho uma imagem vinda de Portugal trazida por meu tataravô... ela deve estar na minha família há mais de cem anos eu faço orações com ela todos os anos nas casas se sabe né? A trezena de Santo Antônio... e minhas filhas já falei pra elas quando eu morrer elas continuam ...pra que a tradição não se perca. (Luzinete, 74 anos)

Nana, 89 anos, ficou casada por 67 e está viúva há cinco. Declara ter sido o marido o único homem de sua vida com quem teve 09 filhos, 17 netos e 12 bisnetos. Ele faleceu devido a complicações com o Mal de Alzheimer. Nana, hoje devido à viuvez vive com uma das filhas, pois não tem condições de viver só. Ela não reclama, ao contrário, diz sentir que a casa da filha é como se fosse a sua, mas há um pouco de tristeza quando fala sobre sua casa e a vivência com seu marido.

Nana declarou que ele lhe faz muita falta e que sente muitas saudades, quando questionada sobre o segredo para um casamento longo como o dela respondeu de forma simples e direta: “compreender, amar e perdoar”. De maneira discreta fala sobre possíveis deslizes conjugais do marido quando revela que ele “tinha lá suas morenas”, mas não era nada que a incomodasse.

E, mesmo diante dessa constatação enfatiza que foi muito feliz com ele. As trocas afetivas dão sentido à existência humana pela vivência dos valores vivenciais. Ela preferia inclusive que ele estivesse vivo, mas por outro lado, também concorda que por ele estar sofrendo muito, debilitado e acamado morrer foi melhor para ele.

Talvez no relato de Nana esteja velado o papel social que deveria ser assumido pelas mulheres de sua época. Um momento histórico no qual as separações e divórcios não eram incentivados, anulando para Nana, em certo sentido, a possibilidade de imaginar “como seria caso divorciasse”. Logo, havia um sistema de orientação semiótico via discurso social, que conferia um sentido específico à conduta da mulher casada.

Ela deveria manter seu casamento, sendo incentivada a perdoar e compreender os deslizes do esposo. “Os sistemas de orientação são a base pela qual a pessoa confere significado à sua experiência, sua semiotização, transformando-o em narrativas possíveis, e a base para o desenvolvimento de crenças e valores mais generalizados que guiam sua vida” (ZITTOUN, 2012, p.525).

Por outro lado, Nana poderia de maneira subjetiva está separando os papéis sociais de seu esposo entre a casa e a rua, configurando uma oposição entre indivíduo e pessoa¹; onde a presença do esposo com seus papéis de pai, amante e provedor, sobressaíssem sobre suas possíveis aventuras extraconjugais. Para ela era possível conciliar esses dois ambientes por meio do diálogo; afirma ser necessário aceitar o outro e dizer o que sente sempre, mas sem brigar.

O recurso simbólico utilizado para afastar os dissabores, com eventuais situações mal resolvidas era festejar sempre, como ela afirmou. Para Frankl, o sofrimento pode ser uma

¹ Ver Sociologia Dual de DaMatta

situação de crescimento, dependendo da maneira como o indivíduo escolhe vivenciá-lo, sucumbindo à dor ou enfrentando-o para extrair dele ensinamentos para a vida.

A convivência social de Nana, hoje, é um pouco restrita porque não pode sair sozinha. O grupo social ao qual está ligada é um Centro Espírita Kardecista cujas reuniões vai semanalmente com sua filha, às terças-feiras. Apesar de se declarar católica sente-se bem nessas reuniões e afirma que desde criança sua mãe a levava em Centros Espíritas. O suporte social para o idoso seja ele formal ou informal são essenciais para o atendimento de suas necessidades, quer sejam no âmbito material, ou no âmbito emocional.

Percebe-se que para Nana o término de um casamento de 67 anos com o falecimento de seu cônjuge foi um momento dramático, *ruptura-transição*, onde sua experiência precisou ser organizada tanto externa quanto internamente, para que uma nova significação emergisse sob a condição da viuvez. Os recursos disponíveis para que enfrente essa nova condição social são o apoio da família e as reuniões semanais no Centro espírita, onde encontra-se com várias pessoas.

No entanto, sua filha em uma situação informal declarou que sente que a mãe a prende e que os irmãos poderiam ficar com ela também. Logo, a viuvez afetou a família como um todo, porém não sendo seu simbolismo internalizado por todos os filhos como um evento que demanda um novo arranjo familiar onde todos se solidarizem entre si em prol de Nana. A família como rede de suporte social informal é a forma social mais próxima ao idoso, porém está “sujeita a pressões aparentemente opostas, difíceis de perceber e de viver” (DONATI, 2008, p.60).

É sinto falta do meu marido, mas foi melhor ele morrer, ele tava sofrendo muito com a doença. É triste a gente ver o outro (marido) cair e não poder fazer nada. É eu acho que é uma fase difícil ficar sem ele. Mas sinto-me tranquila foi melhor pra ele. Eu digo que eu fui feliz, ele foi meu primeiro e único homem, tinha lá suas morenas mas era lá na rua, eu sabia conviver, nada sério... ele hoje me faz muita falta... mas tenho meus filhos eu gosto de ver todo mundo junto eu sinto uma coisa boa...eu fui muito feliz com ele a gente tem de saber conviver e compreender, aceitar o outro e não exasperar-se (Nana, 89)

Capítulo 5

RESULTADOS E DISCUSSÕES

5.1 SENTIDO DA VIDA x INTEIREZA EXPERIENCIAL

Não há duas pessoas no mundo que tenham a mesma trajetória de vida, nem os gêmeos a possuem (ZITTOUN et. al.,2012). O ser humano é único e irrepitível (AQUINO, 2013). Cada um prossegue com seu caminho de maneira individual, construindo signos, atribuindo significados, mediados pela cultura, estabelecendo relações simbólicas, consigo e com o mundo.

Nessa aventura existencial cada um “compõem” sua melodia de vida sob a qual prossegue; ela flui através de tudo que vivenciamos (ZITTOUN, et. al.2012), por meio de nossas ações concretas, ou situações imaginárias cotidianamente. E, são a particularidades dessas ações, mediadas por nossa melodia individual, que irão nos conferir uma existência única. “A singularidade de cada momento vivido, que só ocorre uma vez, traz consigo a ideia da unicidade da vida do indivíduo” (STUART, 2008, p.62).

Os diferentes eventos, aos quais estamos expostos e a maneira que escolhemos para enfrentá-los, podem contribuir para uma melodia de vida mais ou menos afinada. Uma melodia de vida harmoniosa poderá ser conquistada por meio da capacidade de cada um em reconhecer a existência de um maestro invisível; sob o qual sua peça existencial poderá ser regida, e esse regente chama-se Sentido da Vida. Ele deve ser descoberto e não inventado (FRANKL, 1978/2015), para que possa conduzir nossas vidas ao longo do tempo por meio de um estilo individual único (VALSINER, 2012). É o propósito do sentido regular a marcha o ritmo do ser” (FRANKL, 1988/2014).

Para muitos idosos uma revisão de vida pode levá-los a constatar a existência desse regente ao longo dos anos, e a alegria da peça existencial que puderam compor. Em contrapartida, com a velhice, o reconhecimento da finitude da existência humana, pode significar mergulhar no vazio existencial, onde não se percebe, com muita clareza, um porquê ter vivido tantos anos, ou um porquê continuar vivendo. Uma visão pessimista sobre si e a vida pode conduzir muitos velhos e velhas a quadros depressivos, podendo, inclusive leva-los à prática do suicídio como já abordado nesse trabalho.

Dessa forma, “é fundamental para a saúde mental do idoso que ele tenha percepção de uma perspectiva positiva da vida” (OLIVEIRA & SILVA, 2013, p.138). Por isso, faz parte do ser humano e lhe é necessário, buscar durante seu curso de vida, uma razão para existir. Atormentado por esse questionamento ao longo de sua existência, busca meios que o conduza à sua plena realização. A proximidade com a morte, teoricamente com a chegada da velhice, leva ao aprofundamento sobre essas questões existenciais (OLIVEIRA & SILVA, idem). A velhice é um momento singular para o ser humano, ela quase que o força a um balanço existencial. Reavaliar a vida e mensurar conquistas e fracassos pode ser fácil para uns e doloroso para outros, cada um com suas especificidades sociais, econômicas e culturais terá uma maneira distinta de fazer sua revisão de vida, considerando o que lhe fez e ainda o faz feliz.

De certa forma, há atitudes que podem levar os seres humanos a encontrar um Sentido de Vida que orchestra a sua existência de maneira melódica e harmoniosa; permitindo-lhe um senso de continuidade de si que permaneça com o passar dos anos, fornecendo-lhe ajustamento psíquico e subjetivo para o enfrentamento de possíveis mudanças; visto que na contemporaneidade, em muitas situações, carecemos de algo mais significativo e profundo que diz respeito ao modo como estamos construindo nossa própria vida, e vivenciando nossos relacionamentos. Para Frankl, (1988/2014, p.115) essas situações não são um sinal de patologia, mas “manifestação de sinceridade intelectual”

As memórias de experiências passadas, com o significado a elas atribuído, podem ser acessadas para a atribuição de um sentido existencial no presente, contribuindo para uma melhor adaptação individual e percepção subjetiva de senso de continuidade, principalmente de pessoas idosas. De maneira específica por meio da externalização de memórias muitos idosos podem descobrir um sentido existencial escondido em suas experiências; sendo possível transmiti-lo aos mais jovens, para auxiliá-los na descoberta de uma razão existencial.

A vivência dos valores existenciais confere ao ser humano sentido de vida, e conseqüente percepção sobre seu senso de continuidade ao longo do tempo. Eles atraem o ser humano a cada instante, solicitando uma tomada de posição frente às demandas da vida, cuja exigência imediata é solucionada quando o ser humano é capaz de amar, trabalhar e suportar o sofrimento.

Por isso, quando ao longo do tempo em situações rotineiras, ou excepcionais pudemos trabalhar, agir com amor e suportar o sofrimento percebemo-nos, por meio de nossa subjetividade, mais contínuos ao longo do tempo, devido à prática constante desses valores existenciais que nos estruturaram. “A presença de valores, alivia, de certa forma, o homem da

busca de sentido, porque, ao menos em situações típicas, ele é poupado de tomar decisões” (FRANKL, 1988/2014, p.74).

Para pessoas mais velhas manter um senso de continuidade com o passado ajuda no enfrentamento das mudanças inerentes à velhice (SOMMERHALDER, 2012). Ao contrário, a falta de um senso de continuidade pode trazer sofrimentos ao indivíduo, incapacitando-o de tomar decisões, diminuindo para as pessoas que com ele convive um mínimo de previsibilidade sobre suas ações (ATCHLEY, 1989).

Assim, as análises das narrativas que seguem serão feitas para compreender se as participantes atribuem às suas vidas um Sentido, segundo a Logoterapia de Frankl, sob quais atitudes e práticas ele se manifesta; como também se há um senso de inteireza e continuidade do si mesmo ao longo dos anos. Procurou-se identificar a presença de sentido existencial e inteireza sob as perguntas: *O que é felicidade? Há uma “receita” para a vida? E quem é você?*

Cora, 60 anos, sua razão para ser feliz, hoje, é sua família, sente-se realizada com as netas e os filhos criados. Por outro lado, deprimiu-se um ano após aposentar-se, logo havia na realização de seu trabalho a presença do valor criativo que a conduziu para um sentido existencial, sendo realizado com muito carinho e dedicação de maneira quase poética. “O ser humano está sempre dirigido para alguma coisa ou alguém” (FRANKL, 1978/2015, p.92).

Talvez sua depressão tenha sido causada pela ausência de um valor criativo em sua vida após a aposentadoria que a conduziu novamente para a realização de um sentido, acreditando ser apenas a falta de reconhecimento por sua atuação na escola a causa por estar depressiva. A falta de sentido da vida pode acarretar um quadro depressivo (OLIVEIRA & SILVA, 2013). O espírito muitas vezes adoce, sendo sua doença a falta de sentido ou de significado último para a vida (OLIVEIRA, 2009).

Por isso, às vezes parece ter um discurso ambíguo onde afirma ser realizada, mas sem projetos para o futuro, ou seja, há uma razão para ser feliz, mas ao mesmo tempo falta-lhe algo. Talvez necessite reinventar-se para encontrar a beleza escondida em sua vida; por meio de “realizações que confirmam sentido à sua existência” (FRANKL, 1978/2015, p.98). “Encontrar sentido está relacionado a um equilíbrio entre perdas e ganhos, dar significado para as atitudes e os eventos cotidianos e ter um propósito na vida (SOMMERHALDER, 2010, p.271).

No caso de Cora, o perdão poderia ser uma atitude positiva frente à ausência de reconhecimento profissional feita pela comunidade escolar; mas ela escolheu manter um sentimento negativo de ressentimento que lhe impede de vislumbrar outros projetos significativos para dedicar-se, fechando-se numa existência quase ociosa. Numa sociedade

onde as pessoas têm mais tempo livre, “não há nada que possua um sentido pelo qual valha a pena gastá-lo” (FRANKL, 1978/2015, p.99).

Ela se autodeclara tímida, solidária, e ao mesmo tempo presa. Talvez esse sentimento de aprisionamento, em parte, possa ser compreendido pela falta de perdão que a mantém no passado com os alguns dissabores da vida profissional, faltando-lhe, uma percepção de si mais fluida e integrada, menos presa ao passado. A percepção humana é co-criadora de nossa realidade interna e externa. (SHABAHANGI, 2011)

O sentido da vida para Cora realizou-se na vida profissional, de maneira muito intensa, com a vivência do valor criativo, ou seja, com seu trabalho produziu algo de significativo, exercendo sua profissão de modo apaixonado, transcendendo-o de seu caráter funcional. Assim, com a chegada da aposentadoria há ausência de uma “fonte” de sentido existencial tão eficaz como foi sua atividade laborativa.

Nesse momento da vida talvez deva canalizar e intensificar ainda mais seus relacionamentos familiares; ou dedicar-se, talvez, a alguma prática religiosa para redirecionar sua vontade de sentido para outras fontes; embora tenha relatado assistir à missas pela TV todos os dias, percebe-se que lhe falta o contato social que a convivência em grupo permite e que as celebrações religiosas pela TV não fornecem.

Minha alegria é minha família, minhas netas...sinto agradecida a Deus...sou realizadaeu gosto de assistir à missa pela TV todos os dias, eu deixo o que estiver fazendo e vou pra frente da TV, não marco nada com ninguém nesse horário... eu prefiro rezar em casa eu tenho um pouco de medo de sair à noite...e no momento sem nenhum projeto...Sinto que fui desvalorizada não houve reconhecimento....acho que fiquei pensando pouco depois da aposentadoria e entrei em depressão sempre pensava eu fui “usada” poderia ter sido reconhecida. Eu amava ensinar e preparar minhas aulas eu alfabetizei dois mil alunos, sempre era eu que decorava a escola e preparava o desfile do dia 7 de Setembro.... minha sala era a mais linda, muito bem decorada eu amava meus alunos, eu amava ensinar. Às vezes ficava até tarde preparando as aulas, e quando percebia que estavam lendo pra mim era uma alegria (Cora, 60).

Meire, 61 anos, responde que ser feliz é viver. Sente que a vida é bela, maravilhosa. Para ela o segredo é ter fé em Deus, considera a religião muito importante. É católica desde jovem, e hoje, continua a frequentar regularmente missas e grupos religiosos. Meire cuidou de uma filha com paralisia cerebral por quase 14 anos. Foi um tempo delicado onde dedicava-se quase que exclusivamente a ela. Esse fato foi relatado por uma vizinha e melhor amiga, também conhecida da pesquisadora que gentilmente fez esse relato.

A vivência e a prática religiosa para ela foram importantes para equilibrar-se emocionalmente encontrando sentido ao cuidar de sua filha doente. Meire considera que apenas amar é o segredo para uma vida feliz. Exercitou o amor com a prática do valor atitudinal, experimentando o sentido da vida diante do sofrimento quando cuidava de sua filha que, passou a maioria dos anos vividos em cima de uma cama. “O sentido pode ser encontrado em qualquer experiência” (SOMMERHALDER, 2010, p.271).

Meire ao contrário de Cora soube através da vivência de valores criativos, atitudinais e vivenciais encontrar uma maneira concreta para a realização de sentido existencial. Através dos valores criativos realizou-se com sua profissão, contribuindo para a formação educacional das crianças, por meio dos valores vivenciais soube amar sua filha e cuidar dela até seu falecimento; e os valores atitudinais associados à prática religiosa conferiram-lhe a vivência de um “supra-sentido”, ou seja, a “vivência do sofrimento além do intelecto” (AQUINO et. al., 2009, p.235). Dessa maneira, suas atitudes de cuidado com sua filha sugerem que a espiritualidade se manifesta em atos de amor incondicionais e sem limites nas situações ordinárias e concretas de nossas vidas.

Meire faz sua descrição de maneira leve, considerando-se livre e solta, sem nenhum horário para cumprir. Chega a afirmar que seus horários são determinados por ela. Vive de maneira intensa e dedica-se ao que gosta. Parece estar integrada com seu si mesmo, por meio da sensação de dever cumprido, alicerçando sua existência para superar os desafios na prática religiosa, numa convicção de que viver vale a pena.

Ser feliz é viver, minha vida é muito boa, maravilhosa, vale a pena viver. Ser feliz é amar, perdoar...com determinação, com fé em Deus a gente vai adiante e vence tudo...venci muita coisa na vida porque confiava e confio na força que vem de Deus, desde pequena vou pra igreja, já fui catequista... hoje continuo indo. Pra mim a religião é uma coisa muito importante (Meire, 61).

Greice, 68 anos, para ela felicidade não está em bens materiais, apesar de morar em uma bela casa e viver de maneira confortável, considera não ser esse o critério de felicidade. A felicidade está no relacionamento com o outro; amigos, familiares, ou seja, o sentido existencial está na prática dos valores vivenciais. Como também no exercício profissional, valores criativos, onde sua dedicação levou-a a um casamento com a profissão. A satisfação profissional ultrapassa aspectos tangíveis, como a remuneração salarial, há também aspectos subjetivos como orgulho em fazer algo importante para si e para a sociedade, dedicação etc., ordenados por uma motivação afetiva.

Greice vê também na prática religiosa um valor sob o qual encontra um sentido existencial estruturante para sua vivência e visão de mundo que, de certa forma, sedimenta sua maneira de enfrentar a vida, o que a faz agradecida por sua idade. A crença em Deus, supra sentido, com a prática do catolicismo ordena seu modo de ser e agir no mundo, apontando para ela um porquê viver por meio da teologia cristã. Ela considera importante a preservação de valores morais e cristãos, inclusive esclarece que o que falta hoje à juventude é a prática desses valores. As pessoas mais velhas valorizam a preservação de valores e ideais humanos. (SOMMERHALDER, 2010).

A religião apresenta um sentido supra-humano que transcende nossa existência, podendo conferir-lhe sentido mesmo após nossa morte. Viver a espiritualidade é apaixonar-se pela vida em suas manifestações mais corriqueiras, é ser sempre agradecido, capaz de ver Deus em qualquer situação quer seja positiva ou negativa. Cada um mediante sua singularidade e individualidade poderá encontrar através da vivência dos valores atitudinais sentido em uma prática religiosa (AQUINO et. al. 2009).

Felicidade não é bem material, não. É a família e os amigos, poder ajudar o outro em dificuldade... é a religião que ensina a gente isso, meu espelho é Jesus Cristo. Hoje o que falta aos jovens são valores morais e religiosos, sinto que posso contribuir ensinando aos jovens esses valores... Meus pais desde cedo conduziram-me na fé católica, quando era criança em casa a gente tinha o momento de fazer oração em família. Tive boas orientações com padres alemães e freiras, quando era criança e jovem. Ajudava nas missas era catequista. Hoje continuo com menos atividades, mas ainda vou à missa todos os domingos e sou catequista de preparação para o Batismo. Sinto que sou feliz e não penso no futuro, Deus comanda tudo eu vivo apenas o hoje (Greice, 68).

Dulcinete, 70 anos, a prática religiosa permeou sua vida desde moça, como ela mesmo afirma. Sua avó e mãe a levavam para a igreja. “As histórias de vida são coconstruídas com as pessoas que a cercam, bem como com o contexto sociocultural no qual elas vivem” (VIEIRA & HENRIQUES, 2010, p. 166). Declara ser uma pessoa feliz e que viver vale à pena, mesmo com sua saúde fragilizada não esmorece.

Como Greice ressalta que não se compra a felicidade ela é construída. E, quanto mais se faz o outro feliz mais se consegue ser feliz; vivenciando, assim, os valores criativos: fazer o bem em prol do outro. “A felicidade pode originar-se apenas como resultado de um viver não fechado em si mesmo” (FRANKL, 1978/2015, p.87).

Sua felicidade é fazer-se presente nas celebrações feitas na igreja católica do bairro onde reside. Ela comparece sempre que pode, nesse local sente alegria e paz. A religiosidade é uma

fonte de sentido para mulheres na velhice (SOMMERHALDER, 2010), fornecendo-lhe equilíbrio emocional e um objetivo para viver.

Relembra com alegria sua juventude quando podia sair e visitar as pessoas doentes, seus olhos brilham e se perdem como se quisesse “puxar” aqueles momentos e revivê-los. Momentos que foram significativos por sua capacidade em amar e fazer o bem. A lembrança desses eventos sugere que sua narrativa funciona como uma ferramenta que organiza seu contato com o mundo, como também a confere senso de identidade, atualizando no presente momentos que para ela foram importantes, buscando em seu íntimo uma maneira, talvez de reconhecer-se jovem novamente; quando possuía mais energia para dedicar-se a boas práticas.

Dulcinete afirma que sempre foi vista como pessoa alegre e otimista; “através dos outros constituímos-nos” (VIEIRA & HENRIQUES, 2010, p.164); em lágrimas tenta encontrar uma saída, quando diz sentir saudades dela mesma nos diferentes papéis que desempenhava: professora, esposa, mãe, amiga, catequista, ao descrever o tempo de escola, as correrias, os filhos pequenos, suas idas à igreja, os amigos.

Parece interrogar-se e ao mesmo tempo perde-se na incerteza do retorno de “Dulcinete” e suas experiências que parecem ter sido poeticamente vividas. Muitos de nós somos poetas não importando a idade (RANDALL & MCKIM, 2004), poetizamos quando recordamos, revivendo nossas lembranças pinceladas por nossos sentimentos e imaginação.

Dulcinete integra-se seu si mesmo através de uma visão otimista sobre a vida, tem consciência ser a mesma pessoa de anos atrás. Possui um senso de continuidade que convive com um sentimento saudosista de sua juventude e vida adulta, quando cantava, dançava e atuava em peças teatrais; talvez o que realmente lhe inquiete seja sua finitude com a passagem do tempo e seus efeitos sobre o corpo através das doenças.

Ela busca uma auto identificação no presente, tentando aproximar-se de si mesma no passado de forma imaginativa e discursiva, vivenciando subjetivamente a passagem do tempo. Traz o passado como presente, *no desejo de ser como era antes*, e a ao mesmo tempo o presente como passado, *a consciência de que não se é o que se desejaria ser*. Segundo Agostinho o que medimos não é o tempo que passa, tratando-se apenas de sensação ou sensibilidade (MARTINS, 2010). Assim, o mundo vivido é fruto de uma contínua interpretação e re- interpretação da experiência pessoal (SALES, 2011. P.33).

Por outro lado, a fé é mais forte por isso é nessa *fonte de sentido* que bebe para vencer as dificuldades diárias, significando a vida a cada momento, não se desesperando diante das doenças e a uma vida mais reclusa.

A gente é mais feliz quando faz o outro feliz.... a felicidade, minha filha, não é comprada, a gente tem de aprender a viver e fazer a felicidade, é preciso acreditar na palavra felicidade (risos) A vida é muito boa, vale a pena viver, a vida é cheia de coisas boas ela nos dá alegria. E viver é sentir-se feliz...eu ultimamente sinto falta de Dulcinete de uns ... acho, 20 anos atrás, sabe? Eu "pintava o sete, quatorze e o vinte e um (risos) corria muito pra dá conta da casa, escola, filhos era tanta coisa, mas eu vivia sorrindo era muito bom, fazia teatro com os alunos, dançava, ajudava na igreja. Ah eu podia sair, hoje, quando saio ...saio com alguém...outro dia mesmo eu cá aqui mesmo no bairro perto de casa... (risos) mas eu não desisto eu saio, vou devagar ... ficar só dentro de casa é ruim.... (Dulcinete,70).

Luzinete, 74 anos, a religiosidade também permeia sua vida desde a infância semelhante à Dulcinete, Meire e Greice, cujo princípio a orienta no como viver. Afirma agir pelo Espírito Santo. Sua maior alegria são os netos. Dedicase a fazer filantropia. É voluntária no Hospital de Irmã Dulce, faz visitas semanais a um abrigo de idosos, pelo caminho também distribui pães para pessoas carentes que moram no bairro onde está localizado o asilo, isso acontece às terças-feiras durante todo o ano. Participa ativamente de celebrações na igreja católica.

Em Luzinete também há uma capacidade de transcendência que a leva a encontrar sentido para a vida, sendo plenamente humana, ao fazer o bem e cuidar do outro. Ela gosta da vida e quer viver para ver os 05 netos se estabelecerem; vê-los felizes é sua maior alegria. “Ser homem significa essencialmente pôr-se em relação e estar voltado para qualquer coisa diferente de si” (FRANKL, 2010, p. 70). Ela pôde cumprir esse papel também quando cuidou de seu marido por 10 anos, praticamente reclusa sem poder sair de casa.

Luzinete sente-se integrada em seu si mesmo com as atividades religiosas e filantrópicas que realiza por meio do exercício do cuidado; conseguindo manter traços de sua identidade profissional ao longo dos anos, por meio dessa prática. Ela entende o ato de ensinar como um ato de cuidado, o que indica que ela sustenta sua identidade profissional após aposentadoria. A autonomia de seu si mesmo em manter essa identidade, mesmo em situações específicas, a leva ao encontro com o outro como também sugere que ela possui inteireza existencial.

Ela ensina os idosos a se comportarem, às netas as lições escolares, mantendo uma atividade que teve início na infância; quando não podia cuidar de adultos ou outras crianças; exercia suas habilidades de educadora-cuidadora com as bonecas. Ações passadas sedimentam ações do tempo presente, uma percepção que pode ser dada pela narrativa das histórias de vida. As preferências pessoais não mudam com o tempo; elas são feitas a partir de crenças e valores e das experiências individuais (SOMMERHALDER, 2010).

Luzinete: Minha maior alegria são meus netos faço o bem para eles, quero ver eles felizes...tenho 04 netos e 01neta ...e 01 bisneto(...) sinto desejo de conversar com Jesus, falo com Ele todos os dias o que sinto e ajo pelo Espírito Santo...sabe minha filha minha fé foi plantada na infância ...procuro fazer o bem e me dedicar no que faço...sou voluntária no Hospital Irmã Dulce, visito também o asilo de idosos toda semana, vou de manhã, após a missa de Santo Antônio com minha filha. A gente leva o pão abençoado na igreja para o asilo e para as pessoas carentes que vamos encontrando pelo bairro, o asilo está localizado em uma área de muita pobreza... tem semana que tem muito pão...noutras nem tanto... a gente faz o que pode, eu separo os pães e pequenas sacolas e vou entregando com filha... (Luzinete, 74).

Nana, 89 anos, após aposentar-se escolheu naquele momento o que era significativo para ela, ou seja, dedicar-se inteiramente à família. Para Frankl cada um é responsável pelas escolhas que faz ao longo da vida. Nesse sentido há um drama que o ser humano vivencia cotidianamente que é a irreversibilidade do tempo, e se realmente as direções escolhidas são as melhores.

Diante de situações de escolha vale-se de recursos simbólicos para decidir, tentando minimizar suas margens de erro que o conduza a futuros arrependimentos. Nana valia-se da religiosidade para superar momentos de dúvidas, mesmo não sendo praticante do catolicismo, manteve sua fé em Deus plantada na infância por sua mãe que tanto a levava na igreja católica quanto à centros espíritas. “O homem é fundamentalmente religioso” (FRANKL, 1988/2014. p.186).

Ela pôde perceber um sentido único vinculado a uma situação específica num momento de vida que seria irrepitível; através do valor criativo e do valor vivencial, quando optou em cuidar de sua família após aposentar-se, dando continuidade à uma atividade que antes não podia ser exercida de forma exclusiva. Na família o dom é gratuito por excelência (DONATI, 2011), por isso não foi difícil para ela tomar essa decisão, selecionando em qual relacionamento investiria (VALSINER, 2011).

O exercício materno, suplantou sua identidade profissional, sem, no entanto, causar-lhe qualquer desconforto. Ela compreendeu que naquele momento havia para cumprir uma missão pessoal e inalienável, o que pode indicar que há nela um senso de inteireza que a integrada em sua velhice pela maternidade, como também por sua trajetória profissional.

Por outro lado, sente falta do esposo falecido há 05 anos, e procura nos filhos e, nas reuniões que frequenta em um Centro Espírita certo consolo; demonstrando não ter ficado totalmente presa a esse evento, que ainda, a entristece; *ser esposa* parece permanecer como uma identidade ainda muito viva através de suas lembranças, o que sugere que a identidade de viúva ainda não foi totalmente absorvida por seu si mesmo, apesar de ser uma condição humana que faz parte da vida.

É possível o encantamento pela vida mesmo diante da fatalidade da morte, quando há no outro (s) que ficam uma razão para se viver além do luto. Nana demonstra encantar-se pela vida desde jovem ao declarar que a vida é uma festa, deve-se festejar sempre mesmo diante das dificuldades, adaptando-se aos acontecimentos. Em Nana pode-se perceber uma *leveza-de-ser*, talvez uma maneira poética sob a qual viva e envelheça, ou seja, sorrindo, com um brilho sempre presente nos olhos.

Depois que aposentei meus filhos, netos e bisnetos ocuparam meu tempo, eu tive de acompanhar a vida de minhas filhas. Teve uma (essa aqui, apontando para a filha que estava na sala) ela casou e foi morar em São Paulo e eu fiquei um tempo lá com ela. (...) confio em Deus e sei que foi ele que me ajudou nos momentos difíceis. Eu estudei em escola de freira as Sacramentinas ... e mamãe me levava na igreja e também ao Centro Espírita. Lembro-me de uma vez eu era bem pequena devia ter 07 anos e uma pessoa falou que era um espírito de uma mulher morta a muito tempo... fiquei apavorada e tive muito medo ... depois mamãe em casa me acalmou explicou como era ...que ela não ia me fazer mal ...e aí eu fiquei tranquila. (Nana, 89)

Inês, 92 anos, passou algumas dificuldades no internato quando estudou na capital, com a escassez de comida conforme relatou. No entanto, recebia o apoio da família com o dinheiro fornecido, encontrando sentido de vida por meio da troca afetiva familiar que lhe proporcionava segurança. “O valor vivencial pode estar relacionado às experiências de trocas afetivas” (SOMMEHALDER, 2010, p. 271).

O apoio familiar continuou ao longo do tempo sendo demonstrado com a ajuda de sua irmã que olhava seus filhos pequenos quando ela começou a trabalhar. Esse apoio permitiu à Inês a vivência do valor criativo por meio da profissão escolhida. Ela significou sua vida com o exercício profissional respondendo àquela circunstância da melhor forma possível. Quando o ser humano se move para além das fronteiras funcionais de um trabalho é que nele imprime seu caráter pessoal e insubstituível (FRANKL, 2003/2015). Por isso ainda é chamada de Prof. Inês, tendo inclusive recebido condecorações do Poder Público da cidade em reconhecimento por sua atuação como educadora, conforme relatos de familiares.

Logo, naquele momento singular tanto de sua vida como da própria sociedade onde vivia soube responder de maneira eficaz com sua capacidade para ensinar, encontrando um sentido para ser e viver, cuja trajetória iniciou-se no dia em que foi admitida no internato. Hoje é agradecida à sua família, externalizando seu contentamento com a satisfação em estar rodeada pelos filhos e netos. O amor exercido no seio familiar foi o meio simbólico que mediu e continua a mediar suas ações; conferindo a ela e sua família uma identidade específica. “Uma

força motora que nem sempre aparece, mas são visíveis seus resultados” (SILVA & SILVA, 2014, p.205).

A família auxiliou Inês na integração de seu si mesmo, sendo suporte para sua formação e realização profissional. Por outro lado, percebe que suas vitórias não teriam sido conquistadas sem a presença de Deus; a quem faz referências constantes com expressões de agradecimento. Logo, a crença religiosa também permeia sua vida conferindo-lhe sentido e razão de ser. Segundo Frankl, a religião provê o homem de uma âncora espiritual. E, essa mantém sua subjetividade firme quando há eventos difíceis em sua vida que possam desestabilizá-lo, podendo ajudá-lo na tomada de decisões delicadas cuja exigência de acerto pode ser extremamente relevante.

(...) Vivia em pensionato passando mal minha filha, como o atendimento era... aquele pratinho feito... até a xícara a gente passava pra dona do pensionato botar o café, mas graças a Deus tinha meu dinheirinho. Era horrível, mas graças a Deus... sempre gostei de estudar; (...) chegava magra em casa e quando eu voltava de férias... me lembro como se fosse hoje, vinha gorda, porque em casa beliscava toda hora (risos) (...) Tinha uma irmã que era uma verdadeira mãe para os meus filhos... ela não se casou... Lucia... dedicada ao extremo aos meus filhos... apaixonada por Lourenço sabe... então eu tinha quem cuidasse dos meus filhos enquanto eu estava no trabalho sabe... bom né? Eu me sinto plenamente feliz... eu não tenho minha filha do que me queixar na vida... filhos maravilhosos, abençoados por Deus... preocupam-se comigo, cuidam de mim com carinho sabe... o que que eu vou me queixar. (Inês, 92)

Capítulo 6

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação sobre trajetória de vida de educadoras idosas (aposentadas) trouxe algumas contribuições para a compreensão da inteireza do ser e do sentido existencial, e seus nexos com a permanência da identidade profissional e a experiência de envelhecer. Cabe, também, ressaltar quais foram os conceitos teóricos que melhor nortearam as análises que compuseram essa pesquisa.

O conceito de inteireza experiencial foi utilizado como suporte teórico para que fosse compreendido como o si mesmo manteve-se contínuo, mesmo com a ocorrência de eventos inesperados ou indesejáveis na vida das participantes, fornecendo-lhes equilíbrio emocional e senso de integridade ao longo de suas trajetórias de vida.

Considerou-se a identidade profissional e a vivência dos valores existenciais (amar, trabalhar e capacidade para suportar o sofrimento) como recursos simbólicos que permitem ordenamento e manutenção do si mesmo ao longo do tempo como também fonte de sentido existencial. Outros recursos materiais e simbólicos tais como: a família, grupos informais de apoio e, prática religiosa, também foram considerados, tendo em vista a vivência dos valores, o sentido da vida e a inteireza existencial.

Inicialmente, na análise do significado do processo de envelhecimento observou-se que, apesar das trajetórias de vida serem distintas, a percepção sobre a velhice representa uma nova fase para as entrevistadas, conferindo-lhes um sentimento de maior liberdade com a chegada da aposentadoria, devido ao rompimento com os horários e normas inerentes ao exercício profissional.

Há uma avaliação positiva sobre a velhice mesmo diante das limitações que ela impõe, devido a um olhar retrospectivo para o passado e a constatação de que a vida valeu à pena. Percebe-se, em parte expressiva das narrativas, a presença da sabedoria que integra a subjetividade das participantes, permitindo que se sintam inteiras com suas vivências o que lhes confere tranquilidade nessa fase da vida e sentido existencial.

É pela presença dessa sabedoria que fica mais sugestivo que uma razão para viver repousa sobre nossa liberdade para escolher o que fazemos com nossas vidas ao longo do tempo. Escolhas que caso sejam sedimentadas sob o amor e a capacidade em suportar o sofrimento

podem refinar e robustecer cada vez mais um sentido existencial que nos guia e nos configura de forma singular através de nossa atitude frente à vida ao longo do tempo.

Por isso, foi percebido maior evidência dessa integridade existencial nos relatos das entrevistadas mais velhas; o que pode sugerir que quanto mais velho for o indivíduo maior possibilidade terá de perceber sua inteireza existencial ao longo de sua trajetória, mediante a presença da sabedoria que o integra. Mesmo que tenha vivido eventos negativos, a avaliação feita sobre eles é ofuscada por uma reflexão, talvez menos exigente, através da constatação de que com esses eventos se pôde crescer emocionalmente.

Por outro lado, não é possível generalizar que todos os idosos a partir de uma revisão de vida poderão sentir-se integrados consigo e com seu contexto social. O processo de envelhecimento é singular para cada pessoa e condicionado por fatores diversos, que em certa medida, podem contribuir para que um idoso a partir de uma revisão de vida perceba mais ou menos sua inteireza existencial. Para uns poderá ser um momento de avaliação positiva, onde caiba sobretudo atitudes de agradecimento. Para outros, poderá ser um momento de amargura e desespero devido à constatação de que em suas trajetórias houve eventos desagradáveis mal resolvidos que geraram sentimentos negativos que ainda os incomoda.

Em muitas situações, alguns desses eventos não dependeram da vontade do indivíduo para sua ocorrência. Há fatores sociais, econômicos, culturais e de gênero que incidem diretamente nas trajetórias dos indivíduos, cujo impacto e consequências muitos percebem apenas no fim da vida, conscientizando-se, e ao mesmo tempo silenciando-se sobre eles; diante disso o que fica é uma triste constatação de que contra eles não tiveram muitas chances para lutar, restando sentimentos de resignação e tristeza

Observa-se ainda que, para alguns participantes, a escolha profissional foi fortemente influenciada pela família que reproduzia através das vozes dos genitores o discurso social vigente, quase hegemônico, cujo significado do papel social e profissional da mulher era previamente estabelecido, ou seja: ela deveria ser mãe e cuidadora, limitando-se o quanto possível ao ambiente doméstico. Caso quisesse estudar e trabalhar fora de casa, deveria escolher profissões já configuradas como “femininas”, cujo exercício tinha como principal característica o cuidado com o outro, como a profissão docente e a enfermagem.

Assim, ser educadora, em certa medida, trazia embutida a expectativa de um profissional que fosse cuidador, e ao mesmo tempo pudesse conciliar os ambientes doméstico e laboral de maneira eficiente; sugerindo que, nesse caso, o relacionamento familiar e a vivência profissional se confundia, sendo estabelecida uma relação simbiótica na qual essas esferas de

experiência são justificadas e estruturadas mutuamente. Fato indicado pelo relato da participante que amamentava o filho no intervalo da aula.

Por outro lado, ser uma mulher-solteira era um estado civil, considerado por grande parte da sociedade da época, como uma condição não adequada socialmente. Para grande maioria das pessoas o casamento possuía um simbolismo de porto seguro, garantindo apoio financeiro e emocional para a mulher na ausência do pai. Não era esperado que mulheres solteiras fossem independentes, mantendo-se sem ajuda do pai ou de um marido.

Essa situação é sugerida com o relato da entrevistada solteira que, apesar de ter avançado socialmente como mulher-negra, com curso superior e uma trajetória profissional significativa, chegando a altos postos administrativos, sente que se casou com a educação; uma transferência simbólica cuja ideia implícita era a do casamento com o ambiente de trabalho como uma relação onde o cuidado era exercido e também recebido, garantindo-lhe segurança financeira e apoio emocional mesmo após sua aposentadoria.

Por isso, quando ex-alunos e colegas de trabalho se dirigem a ela com carinho e respeito chamando-a sempre antes de seu nome de professora, há a emersão da identidade profissional, permitindo que aflore um sentimento de integração do si mesmo por meio das lembranças e do reconhecimento público. Ao mesmo tempo, percebe-se que a identidade profissional garante, de maneira simbólica, mesmo que talvez de forma inconsciente, seu status de mulher “casada”.

Outras participantes da mesma forma também relataram sentirem-se honradas com o reconhecimento de que exerceram bem a profissão docente. Mas, a falta de reconhecimento pelo exercício profissional, para algumas pessoas, pode contribuir para que o si mesmo perca parte do senso de ser alguém, (nesse caso ser educador), contribuindo para que haja a diminuição da autonomia pessoal para agir, favorecendo o surgimento de sentimentos de mágoa e ressentimento ao sujeito, o que pode levá-lo, inclusive, à depressão. Situação sugerida pelo relato da participante que se deprimiu por não ter sido reconhecida em sua trajetória profissional.

Em certa medida, o ser humano é incapaz de saber exatamente o que outro pensa sobre ele ou sobre sua intenção nas ações que faz. Por isso, especula diversas possibilidades, criando diferentes significados para melhor ajustar-se no mundo, tendo em vista essa dúvida que se coloca sempre quando está em relação com o outro. Quando há constatação de que algo que fez no passado foi significativo, pelo reconhecimento do outro por gestos ou palavras, tem a possibilidade de reviver, em parte, aqueles momentos e se integrar no tempo presente porque percebe a correspondência direta entre sua intenção e a efetividade da ação realizada, o que lhe fornece equilíbrio e ajustamento psíquico.

Em contrapartida quando lhe falta essa certeza fica um vazio e ao mesmo tempo um questionamento sobre ter feito algo errado, restando um triste reconhecimento de que suas ações não foram compreendidas e por isso também não foram valorizadas na medida em que supunha. Nesse sentido talvez fosse viável, no caso específico, de educadores que se aposentam, ter rituais de agradecimento por parte da comunidade escolar para que esses profissionais pudessem perceber que houve correspondência direta entre suas intenções, em realizar bem seu trabalho, e o reconhecimento de que de fato ele foi bem exercido. Esses rituais de agradecimento funcionariam também como um marcador simbólico para um novo momento de vida, ou seja, aposentadoria, que apesar de ser uma ruptura normativa, socialmente esperada, para alguns representa um momento de dor e isolamento.

A análise dos dados indica também que a participação em atividades diversificadas pode amenizar sentimentos de isolamento e solidão na velhice, tornando a aposentadoria um momento de descontração. A prática religiosa a participação em grupos de apoio, o engajamento em atividades filantrópicas fornece bem-estar emocional na velhice, por meio do contato interpessoal; contribuindo inclusive para que a identidade profissional possa emergir nesses momentos, permitindo ao sujeito sentir-se integrado novamente consigo, com aquele ambiente, as pessoas que o compõem e com seu passado laboral.

Grande parte das narrativas analisadas sugerem ainda que a partir das histórias de vida as participantes atualizam o passado, por meio de reflexões sobre os eventos vividos como ressignificam o presente. Nesses momentos suas falas deixam de maneira subentendida qual seria o segredo para uma vida feliz e harmoniosa, ou seja: praticar o perdão, trabalhar com amor e dedicação e fortalecer-se espiritualmente para ter forças para prosseguir, e recomeçar sempre que necessário.

A aparência externa do corpo, parece não ser um incômodo para as entrevistadas. O que pode indicar que existe, nas entrevistadas, a consciência de que os anos passam, mas o passar do tempo não bloqueia ou impede que tenham disposição para realizar, mesmo que de maneira imaginativa, o que antes era feito na juventude. O que corrobora com a ideia de que sentir-se ou não idoso é uma questão subjetiva inerente a cada um conforme suas experiências e visão de mundo, independente dos anos vividos.

Nesse caso, a identidade profissional pode emergir tanto em uma situação real quanto em uma situação fictícia para fornecer ao idoso senso de inteireza existencial e consequente ajuste subjetivo. “O indivíduo pode reviver períodos vividos, ou lançar-se para o futuro” (FROTA, 2006, p.52), buscando sua autosignificação como também a significação do mundo que o rodeia num processo contínuo que perdura por toda a vida.

Dessa forma, é possível perceber que o ser educador reaparece de forma imaginativa, como no caso da participante que, de forma teatral ensina gramática da Língua Portuguesa, como nos momentos em que outra participante ensina regras e condutas sociais ou boas maneiras aos netos e a outros idosos. O si mesmo se integra por meio da identidade profissional mesmo que esse script não esteja sendo compreendido pelas pessoas à sua volta como um momento de plena realização do ser.

Nesses momentos o si mesmo se estabelece oscilando entre uma posição sólida, ou seja, a identidade do momento presente, e uma fluída, a identidade laboral, onde a realidade e ficcionalidade se confundem para garantir ao ser integridade e autonomia. Logo, o papel social estabelecido para o idoso, como uma pessoa velha e sem importância não é assumido pelo sujeito; apesar da cronologia e das marcas deixadas pelo tempo como já reiterado.

Com relação à viuvez, percebe-se que, apesar de ser uma ruptura socialmente esperada, sua chegada não é previsível. Por isso, quando ocorre pode causar alguns desarranjos emocionais e subjetivos. No caso, das entrevistadas, seus depoimentos sugerem que esse momento lhes trouxe uma nova condição social com repercussões diretas em suas vidas, porém de maneira diferenciada.

Para uma foi um momento de lazer após quase 10 anos sem poder sair de casa; para a outra, cuja idade já está mais avançada e com um tempo de viuvez mais recente, (menos de cinco anos), esse momento está sendo, de certo modo, um recomeço com sua mudança para a casa da filha, porém sem muitas expectativas. Viver com a filha é mais uma necessidade do que uma opção pessoal.

Sua fala sugere ausência de planos futuros, no entanto permite perceber um sentimento de agradecimento pela morte do marido que estava sofrendo muito. Pode-se supor também que há um desejo de partida em seu íntimo para que reencontre com seu marido em outra dimensão. Talvez por isso, frequente as reuniões espíritas kardecistas, onde tenta de algum modo buscar consolo para esse momento de sua vida e ao mesmo tempo preparar-se para um dia também partir.

As análises desses casos também indicam a importância do apoio familiar e da prática religiosa como fornecedores de recursos semióticos para que essas senhoras possam enfrentar esse momento tão singular em suas vidas. Percebe-se ainda que a viúva com menos idade possui uma vida socialmente mais ativa com trabalhos voluntários, sendo também nesses momentos, auxiliada por sua filha o que sugere que idosos que têm uma vida mais ativa, recebem o apoio da família e dedicam-se à uma prática religiosa, podem ser mais felizes na velhice porque conseguem vivenciar os valores existenciais, e assim, descobrir sentido em suas vidas.

A pesquisa acadêmica exige do pesquisador uma postura epistemológica vigilante e atenta para que a qualidade do trabalho científico possa ser garantida. No entanto, sabe-se que às vezes, devido a possíveis falhas no percurso metodológico adotado, nem sempre essa qualidade é totalmente alcançada. Sendo assim, cabe aqui ressaltar o que se considera relevante e quais as limitações metodológicas desse trabalho.

Como um ponto importante entende-se que essa pesquisa aborda temáticas que deveriam ser mais exploradas pelo meio acadêmico, ou seja: a mulher idosa, a permanência da identidade profissional após a aposentadoria; o sentido da vida, o senso de continuidade ao longo do tempo e a percepção da inteireza existencial. Nesse caso, essa pesquisa pode auxiliar, e ao mesmo tempo chamar a atenção para que outros pesquisadores se dediquem à essas temáticas com mais profundidade.

E, como limitações que devam ser pontuadas destaca-se: primeiro a proximidade da pesquisadora com as participantes, pela escolha profissional e por laços de amizade. Em certa medida, às vezes, o pesquisador pode não conseguir manter a distância necessária sem envolver-se mais que o necessário com o objeto pesquisado. O que pode interferir na análise dos dados coletados. Segundo ponto diz respeito à metodologia empregada, as histórias de vida pessoais devem, na medida do possível, serem confrontadas com outras fontes, como documentos escritos ou com o depoimento de pessoas que conviveram com o depoente.

De maneira específica, nessa pesquisa, o depoimento de familiares foi considerado, mas devido a questões diversas, não pôde ser mais explorado, para que se pudesse confrontar alguns eventos narrados pelas participantes com a opinião de familiares ou amigos próximos. Por outro lado, as entrevistas também poderiam ter sido filmadas para que se pudesse analisar com mais precisão a linguagem corporal das participantes no momento da entrevista. Terceiro aspecto a falta de maior domínio da pesquisadora com alguns conceitos abordados na pesquisa, por conta de sua formação profissional- professora de Língua Inglesa.

De certa maneira a falta de domínio teórico pode ter seus desdobramentos negativos no trabalho de pesquisa com a utilização indevida de conceitos porque o pesquisador possui limitado entendimento sobre eles. Assim, a partir dessas constatações a pesquisadora pretende corrigir essas falhas estudando mais sobre a teoria adotada nesse trabalho para continuar pesquisando essa temática.

Enfim, diante do que foi exposto considera-se, apesar das limitações elencadas, a pertinência dos resultados desse trabalho para se aprimorar políticas sociais de amparo ao idoso, principalmente àquelas que incentivam e regulam grupos de apoio à pessoa idosa. Considerar

que seja necessário um aprimoramento dos grupos de apoio ao idoso é compreender que se deva olhá-lo como um sujeito singular.

Isto porque as especificidades como as de gênero, trajetória profissional, condição social, cultural, incidem sobre sua saúde como também sobre sua auto percepção. Aspectos que podem impactar de modo positivo ou negativo a percepção que ele tem de seu si mesmo, contribuindo para que se reconheça mais ou menos integrado em seu curso de vida ao longo dos anos; causando-lhe maior ou menor conforto emocional.

Por fim, entende-se também que um maior envolvimento da sociedade civil sobre a questão da subjetividade do idoso deva ser melhor considerada; a partir de ações para conscientizar os mais jovens sobre a importância das pessoas envelhecidas para a transmissão da cultura; como também sobre nosso próprio percurso existencial que conduz fatalmente os jovens de hoje a futuros anciãos de amanhã. Saber o que a vida pode reservar através da observação e do conhecimento sobre a vida do outro tende a diminuir futuras ansiedades com relação ao tempo futuro e seus possíveis eventos.

REFERÊNCIAS

- ADES César, BARRETO-Menna, PSAVENTO Jatahy. Estudos sobre o tempo. Instituto de estudos avançados da Universidade de São Paulo. 1990. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudo-sobre-o-tempo-os-tempos-biologico-psicologico-e-social/view>. Acessado em 09/2015.
- ALVARENGA, Márcia Regina Martins et al. Sintomas depressivos em idosos assistidos pela estratégia saúde da família. **Cogitare Enfermagem**, v. 15, n. 2, 2010.
- AQUINO, Thiago Antônio Avellar. **Logoterapia e análise existencial: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl**. São Paulo: Paulus, 2013.
- ATCHLEY, Robert C. A continuity theory of normal aging. **The gerontologist**, v. 29, n. 2, p. 183-190, 1989.
- BALDIN, Carla Borsoi; FORTES, Vera Lucia Fortunato. Viuvez feminina: a fala de um grupo de idosas. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 5, n. 1, 2008.
- BARROS-OLIVIERIA, José. Desenvolvimento cognitivo e personológico do idoso. **Psicologia, Educação e Cultura**, v.3, n.2, p. 477-597, 2004.
- _____. Busca e cura de sentido para a vida. **Psychologica**, n. 51, p. 93-100, 2009.
- BARTLETT, F. C. **Remembering: A study in experimental and social psychology**. Cambridge, Mass: Cambridge University Press, 1932.
- BARROS, Myriam Lins de. **Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- _____. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, problemas e práticas**, n. 52, p. 109-132, 2006.
- _____. **Velhice ou Terceira Idade?**. Rio de Janeiro. Ed. FGV. 2013.
- BASTOS, L. C. Narrativa e vida cotidiana. **Scripta**: Belo Horizonte, v. 7, p. 118-127, 1º sem 2004.

BASTOS, A. C., A. C., Uriko, K. & Valsiner, J. Cultural dynamics of women's lives. Charlotte, NC: Information Age Publish, 2012.

BATISTA, Diego Moraes. Fé, Logos e educação: Nas perspectivas de Viktor Frankl e Joseph Ratzinger (Bento XVI). **Revista Logos & Existência**: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v. 3, n. 1, 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. ed. Zahar. Rio de Janeiro. RJ, 2001.

BEAUVOIR, S. **A velhice** (Martins, M. H. S., Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIASOLI-ALVES, Zélia MM. Trabalhar com relato oral quando a prioridade é recompor uma história do cotidiano. **Temas em Psicologia**, v. 3, n. 3, p. 43-57, 1995.

BOURDIEU, P. **Poder simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo Vivo da Memória**: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ed. Ateliê editorial, 2004.

BULLA, Leonia Capaverde; KAEFER, Carin Otilia. **Trabalho e Aposentadoria**: as repercussões sociais na vida do idoso aposentado. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), v. 2, n. 1, p. 1-8, 2006.

BRUNER, Jerome. **The narrativa construction of reality**. Trad. Waldemar Ferreira Netto. *Critical Inquiry*, n. 18. v. 1, pp. 1-21, 1991.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana L. Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60, v. 60, p. 19-71, 1999.

_____. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança **Estudos avançados**, v. 17, n. 49, p. 35-63, 2003.

CAPELA, R. Riso e bom humor que promovem a saúde. **Rev. Simbio-Logias**, v. 4, n. 6, 2011, p. 176-84.

CARVALHO E ARAÚJO, FERNANDES, L, et al. Completar. Aspectos sócios históricos e psicológicos da velhice. Disponível em www.cerescaico.ufm.br/mneme. Acessado em 23 de ago de 2015.

CARVALHO, J. M.; WONG, L. A. A transição da estrutura etária da população brasileira na primeira metade do século XX. **Caderno Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n. 24, v. 3, p. 597-605, mar. 2008.

CHIUZI, R M; PEIXOTO, B R G; FUSARI, G L. Conflito de gerações nas organizações: um fenômeno social interpretado a partir da teoria de Erik Erikson. **Temas psicol. Ribeirão Preto**, v. 19, n. 2, dez. 2011.

CORREA, R. M; HASHIMOTO, F. Finitude, envelhecimento e subjetividade. **Revista temática Kairós**. Finitude, Morte e Velhice. v.15, n.4, 2012, p 85-99.

CORRELATIVO, U. E. Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Psicologia Ciência e profissão**, v. 29, n. 2, 2009, p.228-243. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v29n2/v29n2a03.pdf>. Acesso em: 22 de Julho de 2015

COUTO, E S; MEYER, D E. Viver para ser velho? Cuidado de si, envelhecimento e juvenilização **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, n. 19, 2012.

CUPELL, L. R; GALLAZZI, C M. **Dos (auto) relatos às narrativas ficcionais: As (re) existências de uma comunidade interpretativa de professores ambientais.** (2009). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em meio eletrônico.

DA SILVA, J B; DA SILVA, L B. Relação entre religião, espiritualidade e sentido da vida. **Revista Logos & Existência: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial**, v. 3, n. 2, 2014.

DA COSTA REIS, A L O; BELTRÃO, K I. **Idosas em Família: Chefia ou Dependência? – Determinantes sócio-econômico e demográficos para a população feminina.** UNICAMP, 2008

DE AQUINO, T A A, De Aquino, AVELLAR, T V, et al.. Atitude religiosa e sentido da vida: um estudo correlacional. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 228-243, 2009.

DE ARAÚJO, L. F., & de Lucena, V. Â. M. Aspectos sócio históricos e psicológicos da velhice. **Mneme-Revista de Humanidades**, v. 6, n.13, 2010.

DE CARVALHO ROCHA, R M. A pedagogia da tradição: as dimensões do ensinar e do aprender no cotidiano das comunidades afro-brasileiras. **Revista Paidéia**, v. 11, n. 11, 2011.

DE FREITAS, A C P. **Espiritualidade e Sentido de Vida na Velhice Tardia**. PUC Minas, 2010.

DELGADO, A. J. Memória de Velhos Trabalhadores Aposentados. 2007, 258 f Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. Universidade Federal do Rio de Janeiro Centro de Filosofia e Ciências Humanas Escola de Serviço Social. Disponível em meio eletrônico

DE LIMA, L C V; BUENO, C M L B. Envelhecimento e gênero: a vulnerabilidade de idosas no Brasil. **Saúde e Pesquisa**, v. 2, n. 2, 2009, p. 273-280.

DE MORAES, E N M F L; LIMA, S D P P. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento, 2010.

DE SOUZA, E A; GOMES, E S. Educação, um processo de humanização na visão frankliana. **Foro de Educación**, v. 11, n. 15, p. 215-228, 2013.

DE SOUZA, M R. Corpo, velhice e diversidades do semiárido Piauiense. Anais 15º. Encontro de ciências sociais do norte nordeste (ISSN 2176-2368) 04 a 07 09/2012 Teresina Piauí.

DE MATTOS, E. L. S. A. Desenvolvimento do self na transição para a vida adulta: um estudo longitudinal com jovens baianos. 2013, 277 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia.

DERBERT, Guita & NERI, L. Anita. **Velhice e Sociedade**. Campinas: ed. Papyrus, 1999.

_____. Guita Grin. A dissolução da vida adulta e a juventude como valor. **Horiz. Antropol.** Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 49-70, 2010

_____. **A reinvenção da velhice: Socialização e processo de reprivatização do envelhecimento**. 1ª.ed. 2ª. Reimpressão. Editora Edusp. São Paulo, 2012.

DONATI, P. Família no século XX: abordagem relacional. Tradução: João Carlos Petrini. Ed. Paulinas, 2008.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas Interviews in qualitative research. **Educar em revista**, v. 24, p. 213-225, 2004.

ERIKSON, E. Childhood and society. New York: W.W. Norton & Company Inc. 1963.

_____. E. The life cycle completed: A review. version. New York: W.W. Norton & Company Inc. 1998.

ERIKSON, J.; KIVNICK, H. Vital involvement in old age. New York: W.W. Norton & Company Inc., 1986.

_____. The ninth stage. In E. Erikson, The life cycle completed: A review. Extended version New York: W.W. Norton & Company Inc., 1998, p.105-114.

FRANKL, V E. Palestra PUC. RS /1984. Disponível em: [Https:// www.Youtub.com/watch?v=0x9aBnbvLiA](https://www.Youtub.com/watch?v=0x9aBnbvLiA). Acesso em 25 Janeiro de 2015

VIKTOR, F E. Em busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração. 35ª. Ed. Editora vozes. Petrópolis-RJ, 2014.

_____, Viktor E. (2014). A vontade de Sentido. Tradução Ivo Studart. 3ª. Ed. Editora Paulus. São Paulo-SP, 2014.

_____, Viktor E. Um sentido para a vida. Tradução Victor Hugo. 19ª. ed. Editora Ideias & Letras. São Paulo-SP, 2015.

_____, Viktor E. Psicoterapia e sentido da vida. Tradução Alípio Maia. 5ª. ed. Editora Quadrante. São Paulo-SP, 2015.

FERREIRA, P. J. Cultura é Memória. **Revista USP**, Universidade do estado de São Paulo. N. 24. Disponível em meio eletrônico, 1995.

FÔLHA, F A S; NOVO, L F. **Aposentadoria**: significações e dificuldades no período de transição a essa nova etapa da vida. 2011.

- FREZZA, M; GRISCI, C L I; KESSLER, C K. Tempo e espaço na contemporaneidade: uma análise a partir de uma revista popular de negócios. **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 13, n. 3, p. 487-503, Sept. 2009 ,
- FROTA, A M. **A reinstalação do si-mesmo**: uma compreensão fenomenológica da adolescência à luz da teoria do amadurecimento de Winnicott. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 58, n. 2, p. 51-66, 2006.
- GIDDENS, A. (2003). *Modernidade e identidade* (P. Dentzien, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Anthony. Sociologia. Trad. Ronaldo Cataldo. 6ª. Edição. Porto Alegre: Ed. Penso. 2012
- GILLESPIE, A; ZITTOUN, T. Using resources: Conceptualizing the mediation and reflective use of tools and signs. **Culture & Psychology**, v. 16, n. 1, p. 37-62, 2010.
- GOLDSTEIN, L L. **A produção científica brasileira na área da gerontologia: (1975-1999)**. ETD-Educação Temática Digital, v. 1, n. 1, 2009.
- GVOZD, R; DELLAROZA, M S G. Velhice e a relação com idosos: o olhar de adolescentes do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 15, n. 2, p. 295-304, 2012.
- HAGUETTE, T M F. **Metodologias Qualitativas em Sociologia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.
- IRIART, M F S; BASTOS, A C S. Uma análise semiótico-sistêmica de diferentes ecologias desenvolvimentais da juventude. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 239-246, ago. 2007
- KIHLSTROM, F. J. **Memory**, Autobiography and History. Disponível em meio eletrônico, 2007.
- KOVÁCS, M J. Bioethics concerning life and death. **Psicologia USP**, v. 14, n. 2, p. 115-167, 2003.
- LARANJEIRA, C A. Aged People are Rags: from classic positivism to the new era. **Saúde e Sociedade**, v. 19, n. 4, p. 763-770, 2010.
- LIMA, P M R; COELHO, V L D. A arte de envelhecer: um estudo exploratório sobre a história de vida e o envelhecimento. **Psicol. Cienc. prof.** Brasília, v. 31, n. 1, p. 4-19, 2011
- LINS DE, M M. 4ª ed. Rio de Janeiro. Editora FGV. 2013.

LIRA, N AB; RUBIO, J A S. A Importância do Brincar na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, v. 5, n. 1-2014, 2014.

MASC, S. O olhar ao idoso no Japão e na China. LADEM. Laboratório de Demografia e estudos populacionais da UFJF, 2013. Universidade Federal de Juiz de Fora –MG. Disponível em <http://www.ufjf.br/ladem/2013/06/28/o-olhar-ao-idoso-no-japao-e-na-china-por-silvia-masc/>. Acesso em 23/08/2015.

MARIOTTI, H. **Autopoiiese, cultura e sociedade**. Recuperado em outubro, v. 12, 2000.

MARTINS, H H T. Qualitative research methodology. **Educação e Pesquisa**, v. 30, n. 2, p. 289-300, 2004.

MARTINS, R M. A relevância do apoio social na velhice. Revista Millenium, no. 32 fevereiro de 2006, p. 128 – 135. Instituto Politécnico de Viseu Portugal. Ed. TPV. Edição eletrônica. Acesso em 22 de jul de 2015.

MARTINS, R A F. A poética da temporalidade em Santo Agostinho e Paul Ricoeur. **Revista de Ciências Humanas**, v. 11, n. 17, p. 57-100, 2012.

Mendes, M. R. S. S. B.; Gusmão, J. L. D.; Faro, A. C. M.; Leite, R. C. B A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. **Acta paul enferm**, v. 18, n. 4, p. 422-6, 2005.

MENEZES, Raquel. A solidão dos moribundos: Falando abertamente sobre a Morte. Disponível em meio eletrônico, 2004.

MENEZES, T. M. O. Ser idoso longevo: desvelando os sentidos do vivido. Salvador: Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, 2009.

MEDEIROS, S A. R. O lugar do velho no contexto familiar. In: PY, Ligia... [et al.] **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: Nau, 2004, p.185-200

MORIN, **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 354.

MOREIRA, A São Paulo. Crescimento Demográfico vai desacelerar no Brasil em 2040, prevê ONU. Disponível em: <http://www.valor.com.br/internacional/4154720/crescimento-demografico-no-brasil-vai-desacelerar-em-2040-preve-onu>. Acessado em 22/08/2015.

MONTEIRO, P P. Somos velhos porque o tempo não para. In: CÔRTE, B et al. **Velhice, Envelhecimento, Complex (Idade)**. São Paulo: ed. Vetor, n.3, 2005, p. 57-83.

MOTTA, B A. **A família Multigeracional e seus personagens**. Disponível em meio eletrônico, 2010.

_____. As dimensões de Gênero e Classe Social na análise do envelhecimento. In: Campinas: Cadernos Pagu, 1999, p. 191-22

_____. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. Sociedade e Estado', Salvador, v. 25, n. 2, 2010, p. 225-250.

_____. Visão antropológica do envelhecimento. In E. V. Freitas, L. Py, F. A. X. Cançado, J. Doll & M. L. Gorzoni. (Orgs.). Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2015, p. 78-82.

MUYLAERT, C J et al. Narrative interviews: an important resource in qualitative research. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. SPE2, 2014, p. 184-189.

NERI, A. L. (Org.). Psicologia do envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva de curso de vida. Campinas: Papirus, 1995.

_____. Desenvolvimento e envelhecimento: Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. Campinas: Papirus, 2001.

_____. A. L., Yassuda, M. S. (orgs.), & Cachioni, M. (colab.). **Velhice bem-sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos**. Campinas: Papirus, 2004.

OLIVEIRA, E K S; SILVA, J P. Sentido da Vida e envelhecimento: Relação entre os Pilares da Logoterapia e bem-estar psicológico. **Revista Logos & Existência**: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, v. 2, n. 2, 2013.

OLIVEIRA, C; TORRES, A R R; ALBUQUERQUE, E S. Analysis of retired men s psychosocial well-being in Goiânia. **Psicologia em Estudo**, v. 14, n. 4, 2009, p. 749-757.

PAIVA, V L M O. Narrative research: an introduction. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 8, n. 2, , 2008, p. 261-266.

PAIVA, V. M. B. A Velhice como fase do desenvolvimento humano. *Revista de Psicologia*, v. 4, n. 1, 1986, p.15-23.

PALÁCIOS, J. Mudança e Desenvolvimento Durante a Idade Adulta e a Velhice. In C. Coll, J. Palacios, & A. Marchesi. **Desenvolvimento Psicológico e Educação Psicologia Evolutiva** 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PEÑALOZA, V. Remuneração de Professores Ee Gênero. *Núcleo*, v. 11, 1997, p. 98.

PELLANDA, N M C. **Inventando a minha subjetividade de idosa: uma abordagem complexa**. Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2012

PAZ, S F; DA MOTTA SORIANO, F; GRAGOATÁ, São Domingos–Niterói–Rio de. A violência e a violação de Direitos da pessoa idosa em diferentes níveis: individual, institucional e estatal. **O social em Questão**, v. 15, n. 28, 2012, p. 57-84.

PEREIRA, I S. **A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl**. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 18, n. 1, 2007, p. 125-136.

_____. **A Ética do Sentido da Vida Fundamentos Filosóficos da Logoterapia**. Perdizes – SP. Ed. Ideias & Letras, 2013.

_____. **Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl**. *Psico*, v. 39, n. 2, 2008.

PETER, R. **Viktor Frankl: a antropologia como terapia**. São Paulo: Paulus, 1999.

PETRINI, J. C. **Pós-modernidade e família**. Um itinerário de compreensão. Coleção Ciências da Família, São Paulo: EDUSC, 2003.

PINTOS, C C. G. **A família e a terceira idade: orientações psicogerontológicas**. Trad. Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 1997.

PY, L et.al, **Percursos e Dimensões psicossociais**. Rio de janeiro: ed. Nau, 2004.

RABELO, A O; MARTINS, A M. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: **Anais**. VI Congresso Luso Brasileiro de História da Educação. 2006. p. 6167-6176.

RABELLO, E; PASSOS, J. S. Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento. Disponível em: [http://www. Webartigos. com/artigos/a-teoria-dodesenvolvimento-psicossocial-de-erik-erikson/8668/#ixzz2AnGhWyP](http://www.Webartigos.com/artigos/a-teoria-dodesenvolvimento-psicossocial-de-erik-erikson/8668/#ixzz2AnGhWyP) w. Acesso em:

RIESSMAN, C K. Narrative methods for the human sciences. Ed. Sage. California, 2008

RIZOLLI, D; SURDI, A C. Percepção dos idosos sobre grupos de terceira idade. **Rev. Bras Geriatr Gerontol**, v. 13, n. 2, 2010, p. 225-33.

RODRIGUES, L S; SOARES, G A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. **Revista Ágora**, v. 4, 2006, p. 1-29.

SALES, A T B. **Transição para a maternidade em narrativas sobre amamentação numa comunidade de mães do Orkut**. 2011.122f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Psicologia. Salvador-BA, 2011.

SALGADO, C D S. **Mulher idosa: a feminização da velhice**. Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento, v. 4, 2002.

SANTOS, S. S. C. Envelhecimento: visão de filósofos da antiguidade oriental e ocidental. **Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste - Rev Rene**, v. 2, n. 1, 2012, p. 90

SANTOS, C C; ROSSETTI, C B; ORTEGA, A C. **O funcionamento cognitivo de idosos e de adolescentes num contexto de jogo de regras**. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v. 9, 2006.

SANTOS, C. **A construção social do conceito de identidade profissional**. Interações, v. 5, n. 8, 2005.

SABÓIA, B. I. Kronos e Kairós reflexões sobre temporalidade laboral e solvência social. Universidade Federal do Ceará. Disponível em meio eletrônico, 2007.

SCHMIDT, M L S. Aspectos éticos nas pesquisas qualitativas. Ética nas pesquisas em ciências humanas e sociais na saúde. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008, p. 47-52.

SCORTEGAGNA, P A; OLIVEIRA, R C S. **Idoso: um novo ator social**. IX ANPED Sul. Seminário de pesquisa em educação da região sul, 2012.

SHABAHANGI, N R. **The poetics of aging and dementia**. Journal of Humanistic Psychology, 2009.

SIFUENTES, T R; DESSEN, M A; OLIVEIRA, M C S L. **Desenvolvimento humano: desafios para a compreensão das trajetórias probabilísticas**. Psic. Teor. e Pesq. Brasília, v. 23, n. 4, 2007, p. 379-385.

SOMMERHALDER, C. Sentido de vida na fase adulta e velhice. Psicologia: Reflexão e Crítica, v. 23, n. 2, 2010, p. 270-277.

TRIPICCHIO, A. Logoterapia: estratégias diretivas. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/2009/05/18/logoterapia-estrat-gias-diretivas/>. Acessado em 07/2015

UCHÔA, E. **Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso**. Cadernos de Saúde Pública, v. 19, n. 3, 2003, p 849. Disponível em: www.scielo.br. Acessado em 07/2015

VALSINER, J; SATO, T. Historically Structured Sampling (HSS): How can psychology's methodology become tuned in to the reality of the historical nature of cultural psychology? In Jürgen Straub, Carlos Kölbl, Doris Weidemann and Barbara Zielke (Eds.) Pursuit of Meaning. Advances in Cultural and Cross- cultural Psychology, p.215-251, Bielefeld: Trankript

VALSINER, J. **Mundos da Mente Mundos da Vida**. Tradução Ana Cecília Bastos. Porto Alegre. Artmed, 2012.

Zittoun, T. Imagination in the life course In: Valsiner, Jaan (Ed.). **The Oxford Handbook of Culture and psychology**. New York: Oxford University Press, 2012, p. 513-535. Life Course: a socio-cultural perspective.

VIEIRA, B F. C. Bruxaria e feminismo: um análise da independência da mulher através dos seriados de tv. Disponível em: <http://www.uesc.br/seminariomulher/anais/PDF/BRUNO%20CESAR%20FERREIRA%20VIEIRA.pdf>. Acesso em: set 2014

VON SIMSON, O. Memória Cultura e Poder na sociedade do esquecimento. Disponível em meio eletrônico, 2007.

WHITAKER, A. C. D. O Idoso na Contemporaneidade: A necessidade de se educar a sociedade para as exigências desse “novo” ator social titular de direitos. UNESP Universidade Estadual Paulista (Unesp, campus de Araraquara). 2010. Disponível em meio eletrônico.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e Métodos**. 2ª. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZAPOLI, P.V. L E, A redescoberta da ética do cuidado: o foco e a ênfase nas relações. **Revista da Escola de enfermagem da USP**. v. 38, n. 1. São Paulo. Março de 2004. Disponível em meio eletrônico.

ZITTOUN, T. **Competências Simbólicas para transições desenvolvimentais: o caso da escolha dos primeiros nomes**. Culture & Psychology. v.10, n.2, 2004, p. 131-161. Trad. Elaine P. Rabinovich

_____. **Transitions: symbolic resources in development**. Connecticut: Information Age Publishing, 2006.

ANEXOS

ANEXO A - QUESTÕES PARA A ENTREVISTA NARRATIVA

Como é para você envelhecer?

Por que escolheu ser professora?

Fale-me do tempo em que lecionava.

Como é para você estar aposentada?

Sente-se educadora após ter-se aposentado?

Em quais situações se vê, como educadora?

Fale-me sobre momentos felizes dos quais se recorda.

Como superou momentos difíceis?

Hoje o que lhe traz mais alegria?

Existe uma “receita” para ser feliz?

Vale a pena viver?

Diga-me quem é _____?

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Sou estudante do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador. Estou realizando uma pesquisa intitulada “O envelhecer para educadoras idosas (aposentadas) trajetória e sentido de vida”, sob a supervisão da professora Dra. Ana Cecília Souza B. Bastos, cujo objetivo é compreender o sentido que educadoras idosas (aposentadas), residentes na cidade de Camaçari-BA, atribuem à velhice e à vida. Esclareço que a relevância dessa pesquisa, justifica-se por ampliar o conhecimento sobre idosas que exerceram a profissão docente, podendo favorecer intervenções junto a elas. Sua participação envolve em ser entrevistado por aproximadamente uma hora, com base em roteiro que contém perguntas relacionadas ao tema, como trajetória de vida e experiência profissional. A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade de fazê-lo, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para a senhora (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista a senhora poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que a identificação será mantida em sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- As informações obtidas serão utilizadas apenas para os objetivos do estudo.
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro, mas caso tenha alguma despesa decorrente de tal participação, haverá ressarcimento por parte do pesquisador.
- O estudo oferece como benefícios: a senhora poderá refletir sobre sua trajetória e o momento presente de sua vida. Além disso, os dados obtidos poderão fornecer subsídios para um trabalho educativo e/ou terapêutico com educadoras idosas aposentadas do contexto de Salvador.
- Há o risco da senhora sentir-se constrangida pelo fato de serem abordados conteúdos íntimos da família. Caso isto ocorra haverá um psicólogo que lhe fornecerá apoio psicológico.
- A senhora receberá uma via deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a responsável pela pesquisa a senhora poderá entrar em contato conosco pelo endereço/telefone:

Ana Cecília Souza B. Bastos (71) 3203-8967 / 8969. E-mail: **mfamilia@ucsal.br** Universidade Católica do Salvador – Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea – Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador- BA, CEP: 40231-902

Eu, _____ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre, para a qualquer momento desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local de data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____